

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

LUIZ MARCELO DE LARA

**VIOLÊNCIA NA TORCIDA ORGANIZADA DE FUTEBOL: ESTUDO DE
CASO DA TORCIDA TREM FANTASMA (2009-2013)**

PONTA GROSSA

2014

LUIZ MARCELO DE LARA

**VIOLÊNCIA NA TORCIDA ORGANIZADA DE FUTEBOL: ESTUDO DE
CASO DA TORCIDA TREM FANTASMA (2009-2013)**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Ciências Sociais Aplicadas do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas, da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientador: Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior.

Co-orientação: Prof. Dr. Marcelo Engel Bronosky

PONTA GROSSA

2014

Ficha Catalográfica
Elaborada pelo Setor de Tratamento da Informação BICEN/UEPG

L318 Lara, Luiz Marcelo de
Violência na torcida organizada de
futebol: estudo de caso da torcida Trem
Fantasma (2009-2013)/ Luiz Marcelo de
Lara. Ponta Grossa, 2014.
107f.

Dissertação (Mestrado em Ciências
Sociais Aplicadas - Área de Concentração:
Cidadania e Políticas Públicas),
Universidade Estadual de Ponta Grossa.
Orientador: Prof. Dr. Constantino
Ribeiro de Oliveira Jr.
Coorientador: Prof. Dr. Marcelo Engel
Bronosky.

1.Sociedade. 2.Torcidas organizadas de
futebol. 3.Violência. I.Oliveira Jr,
Constantino Ribeiro de. II. Bronosky,
Marcelo Engel. III. Universidade Estadual
de Ponta Grossa. Mestrado em Ciências
Sociais Aplicadas. IV. T.

CDD: 301.633

TERMO DE APROVAÇÃO

LUIZ MARCELO DE LARA

"VIOLENCIA NA TORCIDA ORGANIZADA DE FUTEBOL: ESTUDO DE CASO DA TORCIDA TREM FANTASMA (2009-2013)".

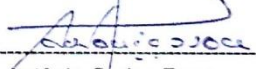
Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas, Setor de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Ponta Grossa, pela seguinte banca examinadora:

Ponta Grossa, 22 Agosto de 2014.

Assinatura pelos Membros da Banca:



Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Júnior - (UEPG) – Presidente



Dr. Antônio Carlos Frasson – (UTFPR)



Dra. Solange Aparecida Barbosa de Moraes Barros – (UEPG)

Dr. Luiz Alexandre Gonçalves Cunha – (UEPG) - Suplente

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pela força, pela saúde e por estar do meu lado em momentos difíceis, que tive durante esta dissertação. Deus sempre esteve presente em minha vida. Sem dúvida, todas as conquistas que obtive foi graças a Ele.

Minha esposa foi sempre uma incentivadora em minha vida profissional, através dela é que procurei me especializar e participar da seleção para este mestrado. Ela foi sem dúvida a pessoa mais importante desta minha trajetória acadêmica, a qual durante este tempo em que estive realizando minhas pesquisas e meus estudos acadêmicos, sempre teve paciência nas horas mais difíceis. Esta pessoa me ajudou muito em minha pesquisa, tanto com ajudas nas minhas interpretações como em correções da pesquisa.

Ao meu orientador, Professor Doutor Constantino Ribeiro de Oliveira Junior, que foi meu professor desde a minha adolescência no Colégio Marista Pio XII, e que acreditou em mim, sem medir esforços para me orientar em todas as minhas dificuldades, que não foram poucas. Este professor também foi uma pessoa que me fez crescer muito não só acadêmica como também pessoalmente.

Ao Professor Marcelo Engel Bronosky, meu co-orientador.

Minha família, na figura de minha mãe, pai (*in memorian*), irmãs e irmão, os quais desde minha infância me ajudaram nos estudos, tanto na parte financeira, quanto de formação pessoal e educação.

Ao Professor Dr. João Carlos Gomes, meu tio por parte de esposa, que foi também um incentivador e exemplo a ser seguido tanto de vida pessoal quanto acadêmica.

A Professora Solange Aparecida Barbosa de Moraes Barros que também conheci neste meio acadêmico há poucos anos, mas por quem tenho uma admiração muito grande, pelo seu jeito compreensivo de ser e pela profissional que é. Quando eu estava fazendo disciplina de aluno especial em 2010, por várias vezes ela me incentivou a não desistir, pois admito "não foi fácil estudar a Sociologia".

Ao Professor Antonio Carlos Frasson e a Professora Solange Aparecida Barbosa de Moraes Barros, por sua contribuição e apontamentos na minha banca de qualificação.

Agradeço também aos professores do Departamento de Educação Física, em especial Prof. Carlos Maurício Zarembo e Prof. Miguel Arcanjo de Freitas Junior, que

sempre foram solidários em me emprestar materiais para meus estudos e esclarecer dúvidas interpretativas sobre meu tema.

Por fim, agradeço a todos os integrantes da torcida Trem Fantasma e outros colegas que me auxiliaram a desempenhar esta pesquisa.

E uma homenagem especial a meu sobrinho e sua esposa que faleceram no ano de 2013, que Deus esteja iluminando os dois na sua Casa Divina.

RESUMO

O esporte ocupa importante papel no processo de desenvolvimento da sociedade, sendo objeto de identificação de indivíduos, como se observa no futebol. O futebol é um campo em que os indivíduos notam um momento para viverem em grupos, principalmente enquanto torcedores. Esta dissertação tem como objetivo principal entender o papel da violência nas torcidas organizadas de futebol, junto com o entendimento de como estes grupos de torcedores se formam. No Brasil, o futebol é muito presente no contexto social, em que diferentes indivíduos podem participar de diversas formas nesse esporte, desde atletas, praticantes e até torcedores. Porém, faz-se uma ressalva de que o esporte, em suas características modernas, nos permite visualizar situações em que a violência se instaura de uma determinada forma e de um determinado sentido. Utilizou-se de alguns autores para construir o referencial teórico, aproximando-se das configurações como entendimento de sociedade. O caminho metodológico tem como ponto de partida, com auxílio de entrevista semiestruturadas, por se tratar de um estudo de caso, com enfoque exploratório de uma torcida organizada da cidade de Ponta Grossa, a Torcida Trem Fantasma do Operário Ferroviário Esporte Clube. A violência é presente em grupos organizados de futebol, gerando situações que acabam interferindo em nossa sociedade.

Palavras chaves: sociedade, torcidas organizadas de futebol, violência.

ABSTRACT

Sport plays an important role in development of society, acting as an object of identifying individuals, as we can see in football. Football is a field in which individuals notice a moment to live in groups, especially as fans. This dissertation aims to understand the role of violence in football organized cheer, with the understanding of how these groups of fans are formed. In Brazil, soccer is very present in the social context, in which different individuals can participate in various ways, from athletes to fans. However, that sport in its modern features allows us to visualize situations in which violence is established in a certain way and in a certain sense. We used the theoretical framework of Norbert Elias for understanding society. The methodological approach takes as its point of departure, using semi-structured interview, because it is a case study of an organized cheer of the city of Ponta Grossa, the Trem Fantasma Cheer of Operário Ferroviário Sport Club. Violence is present in organized groups of football, but in relation to these supporters we observed the category in some moments, not in a significantly way.

Key Words: society, football organized cheer, violence.

LISTA DE FIGURAS

Imagem 1: Torcida Trem Fantasma durante um jogo no Estádio Germano Krueger.....	67
Imagem 2: Trem Fantasma em ação solidária	74
Imagem 3: Foto ilustrativa da origem da torcida	89
Imagem 4: Localização da Torcida no Estádio Germano Krueger.....	91
Imagem 5: A torcida Trem Fantasma, reunida esperando conversa com diretoria em 2009.....	92
Imagem 6: Escudo da Torcida Trem Fantasma	93
Imagem 7: Uniforme da torcida Trem Fantasma em 2009	94
Imagem 8: Presença feminina na torcida Trem Fantasma em 2010	95
Imagem 9: Torcida Trem Fantasma em reunião com a Polícia Militar	98

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Violência entre torcedores organizados de futebol	71
---	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1 O ESPORTE MODERNO E O ESPORTE NO BRASIL.....	19
1.1 O ESPORTE MODERNO	19
1.2 ESPORTE MODERNO NO BRASIL	27
2 VIOLÊNCIA NA SOCIEDADE, NO ESPORTE E NO FUTEBOL.....	33
2.1 VIOLÊNCIA NO ESPORTE.....	41
2.2 VIOLÊNCIA NO FUTEBOL	46
3 TEORIA CONFIGURACIONAL DE SOCIEDADE PARA A COMPREENSÃO DE FORMAÇÃO DE GRUPOS SOCIAIS.....	51
3.1 TEORIA CONFIGURACIONAL DE SOCIEDADE	51
3.2 CARACTERÍSTICAS E CONSTRUÇÃO DE GRUPOS SOCIAIS	56
3.3 COMO PERTENCER A UM GRUPO SOCIAL	62
4 TORCIDAS ORGANIZADAS DE FUTEBOL ENQUANTO GRUPO.....	65
4.1 TORCIDAS ORGANIZADAS NA EUROPA E NA AMÉRICA DO SUL	70
4.2 TORCIDAS ORGANIZADAS DE FUTEBOL NO BRASIL	72
4.2.1 Violência nas Torcidas Organizadas – Brasil	77
5 TORCIDA ORGANIZADA EM PONTA GROSSA: TORCIDA TREM FANTASMA DO OPERÁRIO FERROVIÁRIO ESPORTE CLUBE	81
5.1 HISTÓRICO DO OPERÁRIO FERROVIÁRIO ESPORTE CLUBE	81
5.2 TORCIDA TREM FANTASMA.....	89
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	102
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	105

INTRODUÇÃO

“Por todo o país, mortes após brigas de torcidas mancham o futebol”¹. Na presente manchete, o jornal Estadão retrata uma generalização de violência por todos os estados brasileiros. Em específico, a reportagem aponta os estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Paraná e Alagoas. Fato que nos permite entender que o fenômeno da violência no futebol está enraizado em nosso país.

Basta lançarmos o termo violência em alguns instrumentos de pesquisa *on-line*, que constatamos que esse fenômeno parece corriqueiro nas sociedades contemporâneas. Não só no futebol, como também em outros setores da sociedade. No entanto, nesta pesquisa, centramos a atenção para compreensão desse fenômeno no âmbito do futebol. Até pelo fato de que o esporte, em suas características modernas, nos permite visualizar situações em que a violência se instaura de uma determinada forma e em um determinado sentido. Desvelar como grupos se reúnem em torno desse esporte, bem como o papel da violência nesse contexto, parece um tema oportuno a ser pesquisado.

No Brasil, o futebol é muito presente no contexto social. Desperta uma paixão popular imensurável. Indivíduos diversos podem participar de distintas maneiras nesse esporte. Referimo-nos ao fato de participações que vão de praticantes do futebol como lazer – vivenciado no que pode ser considerado como o de tempo livre –, como torcedores de uma equipe nos estádios de futebol, ou ainda como atletas profissionais.

Sendo o futebol considerado o esporte de maior destaque e paixão nacional², este se torna foco da realização de estudos que buscam sua compreensão. Uma das possibilidades de entendimento se dá por meio do processo pelo qual sua prática muitas vezes ocasiona ou incentiva atos de violência, atingindo não só seus praticantes e espectadores, como também as pessoas que estão ao seu redor. Ou seja, a população³.

¹ Manchete de 24 de fevereiro de 2014, do jornal Estadão *on-line*. Acesso em: 24 mai. 2014. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/esportes,por-todo-o-pais-mortes-apos-brigas-de-torcidas-mancham-o-futebol,1133975,0.htm>>.

² Em termos de estimativa, podemos visualizar por meio do Atlas do Esporte no Brasil que, entre as 16 maiores torcidas de futebol no país, temos aproximadamente 149 milhões de torcedores. HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio Jorge; SALLER, José Geraldo do Carmo. Futebol. *In.*: DA COSTA, Lamartine (Org.). **Atlas do Esporte no Brasil**. Disponível em: <<http://www.confef.org.br/arquivos/atlas/atlas.pdf>>. Acesso em: 24 mai. 2014.

³ Nesse caso, referimo-nos a brigas entre torcidas que se alastram para espaços além do estádio, onde grupos de torcedores acabam depredando patrimônio público e colocando em risco a população em geral.

Os espectadores, ou os chamados “torcedores”, se apresentam como pertencentes ao contexto futebolístico, desempenhando um papel de grande importância nesse esporte – seja incentivando sua equipe, compondo a arrecadação financeira do clube, por meio de ingressos ou pela compra de mercadorias personalizadas.

Pimenta (1997, p.67) define esses torcedores como torcedores “comuns”, que são aqueles que não pertencem a nenhum grupo organizado, que vão ao campo para torcer pela sua equipe com um aspecto não violento. Por outro lado, há, também, os torcedores “organizados”, que são aqueles que pertencem a um grupo ao qual se identificam, aderindo a certos preceitos fundamentais para sua permanência neste grupo.

Murad (2012) apresenta que a minoria dos torcedores de futebol se enquadram no que se chama “organizados” e que entre 5% e 7% dos organizados são violentos. Uma minoria perigosa para a sociedade, que cada vez mais se defronta com realidades de violência no esporte que se refletem num problema não só de cunho esportivo, mas também social.

Para que possamos avançar na construção do contexto dessa pesquisa, cabe apontar o que se entende por sociedade. Lançando mão de Norbert Elias (1980), podemos entender a sociedade como composta por indivíduos interdependentes, abertos um para o outro em relações de poder mais ou menos instáveis, isto é, relações não planejadas ou cegas. Esse entendimento nos leva a visualizar que esses indivíduos são dependentes uns dos outros.

Assim, cada pessoa singular está presa por viver em permanente dependência funcional de outras, sendo um elo nas cadeias que ligam as pessoas, isto é, direta ou indiretamente, os indivíduos são elos nas cadeias que os prendem. Essas cadeias não são visíveis e tangíveis, como grilhões de ferro. São mais elásticas, mais variáveis, mais mutáveis, porém não menos reais e decerto não menos fortes. E é esta rede de funções que os sujeitos desempenham que chamamos de "sociedade" (ELIAS, 1994, p.23).

Pensando essa sociedade, uma das preocupações de Norbert Elias com relação à Sociologia, é a de explicar os inúmeros jogos, envolvimento ou interações das pessoas umas com as outras; explicar de que forma as situações sociais e o número de indivíduos que dela participam concorrem para a caracterização dos grupos e da sociedade em geral. A interdependência entre os participantes é uma condição prévia para que formem uma configuração, pode ser uma interdependência de aliados ou adversários (ELIAS, 1980).

Essa concepção de sociedade contribuirá para que possamos pensar a situação dos indivíduos da sociedade. Sobretudo, na perspectiva de compreender as relações estabelecidas no âmbito de uma torcida organizada. Ou seja, quais as relações de interdependência estabelecidas entre os indivíduos pertencentes a uma torcida organizada que vivenciou situações de violência?

Podemos, nessas considerações introdutórias, referenciar a reportagem⁴ que aponta a situação de briga entre duas torcidas no Paraná. Fato que teria motivado a polícia a agir com o intuito de dispersão das pessoas envolvidas na confusão. No entanto, tal ação teve conseqüências para pessoas que passavam por perto naquele momento. Segundo a reportagem, durante o tumulto entre as torcidas organizadas do Londrina Esporte Clube e do Operário Ferroviário Esporte Clube, de Ponta Grossa, a polícia militar atirou com bala de borracha e acabou atingindo dois indivíduos que não faziam parte de nenhuma das torcidas, o que demonstra o prejuízo à sociedade como um todo, ilustrado pela vitimização de duas pessoas que não tinham envolvimento com o tumulto.

A grande maioria dos atos violentos, ocorridos em relação ao futebol no Brasil, parte do envolvimento das torcidas organizadas. Frente a esse contexto, apresentamos a seguinte problemática de pesquisa: Qual o papel da violência na torcida organizada Trem Fantasma? Como esses grupos se formam? Em especial, qual o papel da violência na formação de um grupo de torcedores? Quais os mecanismos que levam a esses indivíduos se reunirem em torno do grupo e do futebol? Quem são esses indivíduos?

No cenário exposto até aqui, explicitamos que compreender o papel da violência na torcida organizadas de futebol "Trem Fantasma" será o objetivo geral desse trabalho. Para dar conta dessa tarefa, elegemos os seguintes objetivos específicos: a) apresentar o esporte no sentido moderno; b) descrever o entendimento sobre violência; c) compreender o processo de construção de grupos em geral e em especial nas torcidas organizadas; d) apresentar e analisar a torcida organizada Trem Fantasma, do Clube Operário Ferroviário de Ponta Grossa.

Para a construção da presente dissertação, apresentamos o estudo do papel da violência na formação de um grupo caracterizado como uma torcida organizada de

⁴ "Confusão entre torcedores e PM marca fim de Londrina e Operário-PR". Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/pr/futebol/campeonato-paranaense/noticia/2012/04/confusao-entre-torcedores-e-pm-marca-fim-de-londrina-e-operario-pr.html>>. Acesso em: 15 jan. 2014.

futebol: a torcida do Operário Ferroviário Esporte Clube, uma equipe profissional situada na cidade de Ponta Grossa, no Paraná.

A cidade de Ponta Grossa está localizada no segundo planalto paranaense, na região dos Campos Gerais do Paraná, a 119 quilômetros da capital Curitiba, com uma população de aproximadamente 314.681 habitantes, sendo uma das regiões mais populosas do estado (IBGE, 2010).

Ponta Grossa possui suas raízes ligadas ao tropeirismo e estradas de ferro. O desenvolvimento de grandes centros comerciais, sociais e culturais, deu-se devido à chegada das estradas de ferro, resultando em seu entroncamento rodoferroviário. A cidade possui uma posição geográfica privilegiada, com acesso facilitado a todas as regiões do estado e seus principais centros econômicos, facilitando, assim, o seu desenvolvimento e crescimento (PREFEITURA MUNICIPAL DE PONTA GROSSA, 2013).

A cidade conta com uma abrangente diversidade econômica, apresentando produção agropecuária, tecnológica e comercial. Possui um importante pólo metal-mecânico e industrial, com uma rede comercial diversificada e uma agricultura com altos índices de produtividade. Segundo os dados do IBGE (2010), Ponta Grossa encontra-se como a 15ª maior economia do Sul do Brasil.

Bourguignon, utilizando-se de Stake (1994, p. 435), apresenta o estudo de caso como não sendo “uma escolha metodológica, mas uma escolha do que está para ser estudado” (BOURGUIGNON 2009, p.65). Porém, cabe explicitar o que vem a ser um estudo de caso e apontar como entendemos sua articulação a essa escolha.

Utilizando-se de Nisbet e Watt (1978, p. 5), Bourguignon (2009, p. 64) apresenta o estudo de caso como um estudo sistemático ou de investigação e de um caso em específico. Outra perspectiva explorada pela autora provém de Golby (1994, p.15) em que “um estudo de caso refere-se à determinação de relatar um único fenômeno para o entendimento coletivo, através do estudo sistemático”.

No caso específico do presente trabalho, consideramo-lo como estudo de caso, pois trata do estudo de uma das torcidas organizadas do Clube de Futebol Operário Ferroviário, localizada no município de Ponta Grossa, denominada de "Trem Fantasma". Segundo Robson (2002 apud BOURGUIGNON 2009), um estudo de caso estuda tanto grupos pequenos (famílias) quanto grupos maiores e difusos, descrevendo e analisando relacionamentos e atividades. Nesse caso, entender a torcida organizada como um grupo permitirá a compreensão de sua formação.

Em relação à classificação de pesquisa, a presente dissertação tem cunho qualitativo. A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado; ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde ao espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 1995, p.21-22).

Delimitar o estudo numa torcida (Trem Fantasma) permite-nos pensar no aprofundamento citado anteriormente. Ao mesmo tempo, a lógica da construção dessa dissertação parte do geral para o particular, na medida em que buscamos o entendimento sobre o esporte moderno, sobre a construção de grupos e sobre a violência – em especial nas torcidas –, para somente depois abordar a situação da torcida “Trem Fantasma”.

Para sua efetivação, lançaremos mão de uma pesquisa de cunho exploratório, que segundo Gil (1999), após definir-se o objeto de estudo, formula-se um problema, faz-se uma revisão de literatura, seleciona-se a documentação necessária, constroem-se os objetivos, formulando os pressupostos, define-se a população e coletam-se dados no campo por meio de observações e entrevistas para entender o objeto de estudo. Procedemos a essa sequência para a efetivação do presente estudo.

Além de observações, nessa dissertação também foram utilizadas entrevistas semiestruturadas com os integrantes da “Trem Fantasma”.

Recorrendo a Manzini (1991, p.54), podemos compreender a lógica da entrevista semiestruturada. Ela focaliza questionamentos sobre um assunto sobre o qual o pesquisador está centrado. Para a construção desse procedimento, confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas das entrevistas. Ao mesmo tempo, permite-se certa liberdade ao entrevistado para que o mesmo possa apresentar informações adicionais, que ele considere importante.

A entrevista semiestruturada é formada por um conjunto de perguntas como forma de iniciar a pesquisa, porém este número de perguntas pode ser acrescido no decorrer da entrevista. Dessa forma, o investigador se permite sair do roteiro da entrevista para esclarecimento de eventuais dúvidas, podendo transformá-las em um diálogo entre o entrevistado e o pesquisador.

Foi seguido o seguinte critério de amostra para as entrevistas: o fundador da torcida Trem Fantasma (ENTREVISTADO A); um indivíduo que pertence a torcida

desde sua formação (ENTREVISTADO B); uma integrante do sexo feminino (ENTREVISTADO C); um indivíduo considerado o mais velho em termos de idade cronológica (ENTREVISTADO D); quatro adolescentes, considerados os mais jovens do grupo (ENTREVISTADO E, F, G, H). Entrevistamos, também, outros membros, com quem estabelecemos diálogo no decorrer da pesquisa de campo. Ou seja, durante as observações dos jogos do Operário no ano de 2013, visualizamos pessoas que participavam ativamente da torcida. Essas pessoas foram abordadas e marcamos entrevistas, para conversar em outros momentos fora dos jogos. Três depoimentos foram realizados nessa condição. No total, foram entrevistados 15 sujeitos, dos quais oito depoimentos foram utilizados neste trabalho. Essa opção deu-se em função de que as respostas começaram a ser repetidas quanto ao processo em análise.

Segundo Triviños (2001, p. 85), “em geral depende do pesquisador determinar o número de sujeitos que participará na amostra, ainda que se recomende que a quantidade de sujeitos não seja inferior a cinco por grupos diferentes de pessoas que participam da pesquisa”. Esse mesmo autor apresenta a argumentação de que esta recomendação seria adequada pelo fato de existir a preocupação de obter “generalidades, idéias, tendências, [...] entre as pessoas que participaram do estudo”. Em função desse posicionamento de Triviños, consideramos que a amostra escolhida na presente dissertação é coerente do ponto de vista metodológico. Até pelo fato de que buscamos a compreensão de como as pessoas envolvidas apresentam ideias sobre a construção do grupo de torcedores.

O presente trabalho está dividido, portanto, em cinco capítulos, conforme divisão apresentada nos parágrafos a seguir.

No primeiro capítulo, para maior clareza do objeto de estudo, faz-se necessário contextualizar o desenvolvimento do esporte moderno e o esporte no Brasil. O esporte impactou diretamente a sociedade. A sua prática gerava momentos de prazer, mas, ao mesmo tempo, momentos de tensão ao longo de sua história, apresentando em seu processo de modernização alguns fatores que influenciaram seu desenvolvimento, entre estes o aparecimento das regras no século XVIII ⁵ (ELIAS e DUNNING, 1992).

Dentre os autores que discutem o esporte, utilizamos as concepções de Marchi Jr. (2004) para compreender o esporte moderno, a partir de uma leitura de Eric Hobsbawm (1989), que liga a sua a modernização do esporte à burguesia do século

⁵ No século XVIII as regulamentações atingiram esportes como o boxe e o rúgbi.

XIX. Apresenta o esporte, tido como moderno, como forma de ascensão de uma classe chamada burguesa, classe esta que desempenhava grande parte da produção da época, trazendo o esporte como forma de lazer.

Num segundo momento, Marchi Jr. (2004) apresenta a compreensão de esporte por meio de Bourdieu (1983). Para este, o desenvolvimento do esporte moderno está inserido em um campo social denominado “campo esportivo”, com suas próprias regras, condutas e objetivos respeitados de acordo com cada sociedade, considerando o capital social de cada indivíduo.

Outro autor apresentado no primeiro capítulo, e que norteará o entendimento nesta dissertação, são Eric Dunning e Norbert Elias (1992). Os autores entendem o esporte como um grande fenômeno a ser usado para observar a sociedade. Elias e Dunning (1992), na obra “A busca da excitação”, apontam o esporte como uma forma de lazer, servindo para proporcionar emoções catárticas por meio da criação de tensões miméticas.

Com o processo de regulamentação do esporte no século XVIII, houve uma diminuição da violência, sendo que estas modificações trouxeram para algumas modalidades esportivas um maior autocontrole nas ações dos indivíduos.

Esta formulação de regras, que Elias traz como essencial na modernização do esporte para o combate da violência, beneficiou a prática do futebol, mas não em sua totalidade, pois a violência é um fenômeno presente em toda a sociedade. Essa é a idéia apresentada.

No segundo capítulo, discorreremos sobre a categoria violência em seu âmbito geral – no esporte, no futebol e, para atender a um dos objetivos do estudo, a violência nas torcidas organizadas.

O futebol, dentro das quatro linhas, teve um maior controle nos seus atos de violência com o estabelecimento das regras após o século XVIII, porém, situações violentas surgem nas arquibancadas em função do fanatismo das torcidas.

A vida humana gira em torno de atos violentos, em todas as estruturas da sociedade, violências políticas, econômicas, sociais, psicológicas, não somente no esporte. Para Norbert Elias (1994), a violência é gerada pela excitação das pessoas, podendo alterar seu autocontrole. Para o autor, o processo de civilização da humanidade foi ocasionando um maior controle das ações dos seres humanos, deixando-os indivíduos mais civilizados e menos violentos.

Nos esportes coletivos, essa violência é vista em alguns jogos de futebol, como um incentivo de conflitos, prática na qual existe uma competição exacerbada dentro e fora dos campos, ainda mais se as condições sociais do momento forem propícias, configurando assim um momento preocupante para excitar-se à violência.

Esses conflitos parecem incentivar os torcedores nas arquibancadas, deixando-os com alto grau de excitação mimética (utilizando o termo emprestado de Elias), sendo que em alguns indivíduos tal estímulo transforma-se em excitação séria, sendo atos violentos, principalmente em ações de grupos organizados.

No terceiro capítulo, há a referência acerca da teoria configuracional de sociedade, aliada à arte de agrupar e se reagrupar, a fim de compreender os grupos sociais juntamente com um entendimento do fenômeno das torcidas organizadas, aproximando-nos, portanto, do nosso propósito: compreender a formação do grupo Trem Fantasma e suas experiências em relação a atos de violência.

Configurações, para Norbert Elias (1980), são formadas por grupos interdependentes de pessoas e não por indivíduos singulares, configurando uma observação de pluralidade.

Tais configurações são grupos de pessoas que se formam e se unem de acordo com suas semelhanças e objetivos, caracterizando-se por uma ideia de pertencimento a certo espaço social. Articulando-se em grupos é que o indivíduo sente-se pertencente à sociedade, o que se caracteriza como uma necessidade. As pessoas unidas em prol de um interesse coletivo podem desempenhar atitudes que sejam imitadas de seus semelhantes ou até mesmo criadas nestes ambientes coletivos.

Como forma de pertencimento, esses indivíduos, por vezes, agem de maneira indevida em relação às regras sociais, fato que pode culminar em violência, como as existentes nos grupos de torcedores organizados.

No quarto capítulo, abordam-se as torcidas organizadas de futebol no contexto mundial e brasileiro. Santos (2011, p.12) classifica as torcidas organizadas dentro das tribos urbanas, que apresentam como fatores comuns “a própria construção para si de uma ética própria, o desejo de diferenciar-se do restante da sociedade, o lazer como constituinte de sua prática e a ausência de projetos ou causas sociais almejadas”.

Os torcedores, portanto, se identificam em grupos de indivíduos que, sob uma análise sociológica eliasiana, podem ser compreendidos como configurações sociais interdependentes.

Grupos organizados de torcedores existem na maioria das cidades onde há uma equipe profissional de futebol. Na Inglaterra, há os “Hooligans”; na Argentina, os “Barras Bravas”; em São Paulo, a “Gaviões da Fiel”, do Esporte Clube Corinthians Paulista; em Curitiba, “Os Fanáticos”, torcida organizada do Clube Atlético Paranaense; e em Ponta Grossa, a “Fúria Jovem” e a “Trem Fantasma”, do Operário Ferroviário Esporte Clube. Esse capítulo se delimita na apresentação das torcidas em geral e suas características, preparando o “terreno” para centrar atenção na torcida “Trem Fantasma”.

No quinto capítulo, apresentamos a história do Operário Ferroviário Esporte Clube localizado em Ponta Grossa - PR, abordando também a Torcida Trem Fantasma. O Operário Ferroviário Esporte Clube é a equipe que representa o município.

Diante da história do futebol ponta-grossense, aconteceram muitas transições no futebol princesino, surgindo os torcedores do Operário Ferroviário, fanáticos e apaixonados, na sua grande maioria da Vila Oficinas, onde começaram a apoiar sua equipe nos jogos.

Torcedores que eram aceitos sem distinção de raça e classe social (em sua grande maioria trabalhadores operários da cidade de Ponta Grossa) ganharam o apelido de “graxeiros”; alguns torcedores até levavam graxa de seus trabalhos para passar no rosto nos dias de jogos (DEFINO, 2012, p.32).

A equipe do Operário tinha a maior massa de torcedores. Com suas sucessões de títulos, a hegemonia na cidade de Ponta Grossa era assegurada, junto disso sua torcida crescia cada vez mais.

Passaram pelas arquibancadas do Germano Krueger, algumas torcidas como: TUF - Torcida Unida do Fantasma, Torcida Uniformizada do Fantasma, Torcida Organizada do Operário, Raça Alvi-Negra e a histórica torcida Trem Fantasma – assim batizada pelo ex-presidente Alceu Guimarães, lembrando o tempo em que a torcida percorria o Paraná nos vagões de trens da rede ferroviária, para acompanhar o Fantasma de perto (DEFINO, 2012, p.34).

Após décadas, em 2009, criou-se uma nova torcida em Ponta Grossa que acompanhava a equipe. Surge então a torcida “Trem Fantasma”, objeto do presente estudo. Essa torcida advém da fusão entre as torcidas Revolução Operariana, Garra Operariana e Jovem Independente, surgindo como homenagem ao nome histórico de uma torcida do passado, ficando estrategicamente na curva do estádio Germano Krueger da rede ferroviária.

Para que tal compreensão acerca da Torcida Trem Fantasma fosse atingida, definira-se o período de entre 2009 a 2013, período no qual essa torcida se estabelece numa forma organizada não só em dias de jogos, mas como um grupo, cujos integrantes tendem a desenvolver sentimento que os fazem vivenciar o clube no seu dia-a-dia.

Para esta análise, usamos a teoria configuracional de Norbert Elias, que apresenta a sociedade como um conjunto de indivíduos, os quais se relacionam interdependentemente. A busca da sociologia é, então, verificar não só o que está posto e sim o que está por trás das ações ou atitudes dos indivíduos.

Nesse sentido, vamos ao conteúdo trabalhado.

1 O ESPORTE MODERNO E O ESPORTE NO BRASIL

1.1 O ESPORTE MODERNO

Estamos vivenciando um momento ímpar no Brasil, no tocante ao fenômeno esportivo. Em 2014, o Brasil sedia a Copa do Mundo Fifa e, em 2016, sediará os Jogos Olímpicos e o Jogos Paraolímpicos de Verão. Três megaeventos que chamam a atenção de todo o globo terrestre. Eventos que movem milhões de pessoas, que se transformam em turistas, consumidores, torcedores, etc. Enfim, são eventos que nos remetem à reflexão. O que impulsiona tantos indivíduos a se reunirem em torno de um fenômeno desses? Como entender o que se chama de esporte? Que vem a ser o esporte moderno?

Compreender o esporte é de suma importância para este estudo. Essa afirmação gira em torno da compreensão de que o esporte adquire lugar de destaque nas sociedades modernas. Nesse universo é que encontramos a mistura de diversas experiências, sejam elas de prazer, de tensões, alegrias, decepções, competições, *fair-play*, violência, entre outros sentimentos gerados pelo ser humano.

Como o presente trabalho pretende compreender o fenômeno da construção de grupo em torno do esporte – porém não o grupo de jogadores e sim de pessoas comuns que se organizam, se agrupam, torcem, brigam, solidarizam-se em torno do esporte (futebol, neste caso) –, torna-se imperativo apontar caminhos para se entender o esporte de forma complexa.

Para realização desse caminho, pretendemos apresentar a compreensão do esporte moderno por meio de Marchi Jr.(2004), cujo trabalho se baseou em autores como Hobsbawm (1989) e Bourdieu (1983), e Norbert Elias (1992).

A partir da leitura de Marchi Jr. (2004), no seu livro “Sacando o Voleibol”, fruto de sua tese de doutoramento defendida na Universidade Estadual de Campinas, tivemos acesso a compreensão de esporte proposta por Eric Hobsbawm (1989) e por Pierre Bourdieu (1983). Nas linhas que se seguem, apresentaremos como Marchi Jr. captou a compreensão de esporte moderna desses autores.

Marchi Jr. (2004) utiliza Hobsbawm para apontar o desenvolvimento da sociedade numa visão marxista, modelo este que surge não como a simples consolidação de um modelo econômico, mas como uma experiência humana, histórica e social, portanto se estende sobre os mais diversos rincões da vida, tanto em suas evoluções estruturais quanto em seus desdobramentos práticos.

Nessa linha de raciocínio, ressalta-se a dificuldade em se falar de esporte moderno sem estabelecer uma ligação direta com a sociedade burguesa na Inglaterra, nos séculos XIX e XX. Marchi Jr (2004) salienta que Hobsbawm aponta essa sociedade burguesa, ou a chamada "classe média", no século XIX, era constituída pelas pessoas possuidoras de um capital, ou empresários, que na sua maioria eram homens de negócios, profissionais liberais ou altos funcionários administrativos.

Hobsbawm apontou o que caracterizava a classe média. Seria a capacidade de cada família burguesa em exibir gastos sem a necessidade de controle econômico. A burguesia, que ideologicamente tinha suas ações voltadas para uma crença ao capitalismo, na empresa privada, na ciência e na razão, também se voltava à revolução industrial.

Marchi Jr. (2004, p. 34) enfatiza, na leitura de Hobsbawm, que

a sociedade burguesa, além de se intitular como detentora de um capital emergente de diferenciação econômica e política, firmou-se por uma proposta moral e ideológica reveladora de um novo conjunto de práticas culturais, sendo este período de ascensão conhecido como "belle époque", tendo durado desde o final do século XIX até 1914, na cronologia hobsbawniana.

Essas práticas culturais, entre elas os passatempos esportivos, tinham como objetivo definir a classe social à qual o indivíduo pertencia, sendo que tais definições expandiram-se, demonstrando novas condutas, indo desde o local das moradias até o sistema educacional.

Marchi Jr. (2004, p. 34) recorta na leitura de Hobsbawm a definição de classe social e esporte na Inglaterra da seguinte forma:

A segregação residencial – mais que provável, num subúrbio elegante – era um modo de estruturar essas massas endinheiradas como grupamento social. A educação, como vimos, era outro. Ambos conjugavam-se numa prática que se institucionalizou, essencialmente, durante o último quartel do velho século: o esporte. Formalizado em torno desta época na Inglaterra, que lhe ofereceu o modelo e o vocabulário, alastrou-se como um incêndio aos demais países. Em seu início, sua forma moderna foi associada especialmente à classe média e não necessariamente à classe alta. Os jovens aristocratas poderiam experimentar, como na Inglaterra, qualquer forma de proeza física, mas o campo em que se especializavam era o dos exercícios ligados à equitação e à matança, ou pelo menos ao ataque aos animais e às pessoas: a caça, o tiro, a pesca, as corridas de cavalos, a esgrima e coisas semelhantes. Efetivamente, na Inglaterra, a palavra “esporte” era originalmente restrita a tais atividades, sendo os jogos e competições físicas (hoje chamados “esporte”), classificados como “passatempo” (HOBBSAWM, 1989, p.255-256, apud. MARCHI JR, 2004, p. 34).

Na sequência, retrata-se que a prática de certos esportes no final do século XIX também tinha um caráter diferenciador de classes sociais, sendo que o esporte escolhido designaria à qual classe pertencia o indivíduo. O que se depreende da apresentação de Marchi Jr. (2004, p.34) é que Hobsbawm (1989) referenciava o esporte como associação de um estilo de vida a uma cultura de classe média, adotada a um conjunto de critérios responsáveis pela identificação de tal classe social.

Três foram os critérios selecionados:

Sua associação histórica com um Estado existente ou com um Estado de passado recente e razoavelmente durável, o segundo critério era dado pela existência de uma elite cultural longamente estabelecida, que possuísse um vernáculo administrativo e literário escrito, o terceiro critério, era dado por uma provocada capacidade do homem de obter conquistas (HOBBSAWM, 1989, p.87).

Na prática esportiva, encontram-se duas manifestações diferenciadoras do esporte – o amadorismo e o profissionalismo –, posteriormente estruturadas dentro de uma sociedade que adquire as classes dos operários e das elites.

Na associação classe/prática atribuía-se a quantidade de tempo disponível para desempenhar tal modalidade, neste contexto, o espírito olímpico de Pierre de Coubertin, ao idealizar os jogos olímpicos da era moderna, foi prescrito como a essência do amadorismo burguês para o esporte. [...] todas as formas de esportes organizados conquistaram a sociedade burguesa, entre 1870 e 1900, supondo que o esporte supriria uma necessidade social, proposta pelo menos na Inglaterra, em conta de um proletariado industrial e uma nova burguesia ou classe média, que se confrontavam em suas ações de massa pela sociedade da época (MARCHI JR, 2004, p.35).

A maioria dos esportes tem origem na Inglaterra, como o futebol que apareceu em 1848 com um formato organizado e algumas regras pré-estabelecidas.

Marchi Jr. aponta para uma transição das práticas esportivas amadoras. Pela descrição, essa prática atenderia às regras de uma classe média. Aos poucos, houve alteração dessa condição para uma noção de “proletarização dos esportes, sendo subseqüentemente chamada de profissionalização dos esportes” (MARCHI JR, 2004, p.35).

Esse panorama propiciou, ao esporte, momentos importantes com relação às classes elitistas existentes na época, pois algumas modalidades romperam com as distinções de classes, devido à profissionalização e popularização da prática nas camadas operárias da sociedade inglesa.

Em Elias e Dunning (1992), podemos visualizar alguns dos grandes exemplos de esportes que deixaram de ser exclusivamente das classes mais altas, como o Futebol e o Boxe, enquanto outras modalidades mantiveram os rótulos elitistas, como o Rúgbi, o Tênis e o Golfe.

Marchi Jr. (2004, p.35) questiona: “quais seriam efetivamente os fatores distintivos do esporte moderno?”. Essa pergunta leva a uma nova dúvida. O autor questiona o que impulsionaria o esporte: o profissionalismo ou o amadorismo? Aquele baseado em novos valores, como a competitividade e a racionalidade; e este pautado na honra e cavalheirismo. Marchi Jr. ainda pergunta: “não seriam os dois juntos?”.

A lógica é a seguinte: a classe média, que no processo de desenvolvimento do esporte moderno se apresenta como a grande precursora da prática cultural esportiva, também a encarava como uma prática social, exercida por indivíduos pertencentes à mesma classe social.

Enfim, nessa matriz, o esporte moderno poderia ser entendido como o embate entre duas classes, figurando como um dos meios pelos quais se poderia distinguir outras classes sociais – uma em ascensão e outra tentando manter seus privilégios aristocráticos. De qualquer forma, até aqui, podemos inferir que, por meio do esporte moderno, as regras ou normas sociais são questionadas e a divisão de classe pode ser compreendida como uma forma de compreensão da sociedade.

Marchi Jr. (2004) utiliza um subitem para apresentar o modelo de análise sociológica dos campos de Pierre Bourdieu. Esse seria outro caminho para entender o esporte moderno. O esporte é visto como “fenômeno social em processo de constituição” (MARCHI JR., 2004, p. 40). Apresenta-se a noção de campo esportivo, no qual os indivíduos se dividem a partir do seu capital social, econômico e cultural.

No “lôcus”, meio deste campo, ocorrem relações de forças, lutas por hegemonias de determinadas práticas, além da distinção social das pessoas envolvidas, conforme seu potencial de poder simbólico (MARCHI Jr, 2004, p.38). Nesse contexto, o principal movimento dessa modernização do esporte é a relação construída entre a oferta e a demanda por determinadas práticas culturais.

Depreende-se que a lógica apresentada é a de que o campo esportivo, como os demais campos que compõem a sociedade, é constituído por vários indivíduos, com a luta pela obtenção de poder, e todo este processo de modernização do esporte se constrói com influência da procura e do que é ofertado para sociedade.

Marchi Jr. defende que diferentes objetivos são propostos nesse campo esportivo. A oferta e a demanda são aceitas de acordo com os objetivos da prática do esporte em questão.

Entre os autores citados que discorrem sobre o esporte, Pierre Bourdieu (1983) contribui no entendimento de que o futebol e as torcidas se encontram dentro de um mesmo campo – o campo esportivo, conforme já citado –, com suas próprias regras, regimentos e maneiras de relação entre as estruturas pertencentes.

O esporte também é visto como um produto que respeita e reflete as estratégias do mercado, definido pela a sociedade moderna por conta das inúmeras formas de intervenção e inserção social. Segundo Marchi Jr. (2004, p. 38), “o campo goza de certa autonomia, [...] cada campo constrói suas próprias leis funcionais, sua cronologia específica e seus objetos de disputa, que refletem posições sociais e estilos de vida”.

Marchi Jr. (2004, p. 38) salienta que Bourdieu aponta que para discutir “o desenvolvimento das modalidades esportivas, temos de as ter inseridas no processo de mercantilização, o qual determina as estruturas constituintes da sociedade e as relações que são estabelecidas no interior dos campos”.

Nossa compreensão, nessa altura da leitura de Marchi Jr. sobre Bourdieu, é a de que se admite a constituição do campo esportivo “a partir da evolução, ruptura e transformação dos antigos jogos populares em esportes modernos, estes detentores de especificidades mercantis e convergentes para um modelo estrutural de sociedade de consumo” (MARCHI JR., p, 39). Existe a ressalva de que esse processo não seria o único, pois existiram esportes inventados. Dito de outra forma, podemos compreender o esporte a partir de sua adesão a uma lógica de mercado.

A descrição da passagem dos jogos ancestrais em esporte, ou a sua invenção, permite fazer uma análise das torcidas organizadas enquanto fruto desse processo de mercantilização, em que a disputa de poder pode ser uma categoria que mobiliza uma disputa em que os indivíduos ou grupos que possuem mais capital simbólico ocupam lugar de destaque no campo.

Porém, surge uma terceira forma de compreender o esporte moderno. Com a leitura de Norbert Elias (1992), tivemos a oportunidade de visualizar que, por meio do esporte, em sentido histórico, indivíduos vivenciaram formas de prazer, mas também momentos de tensões envolvendo sujeitos e grupos. As transformações do esporte, desde o século XIX na Inglaterra, construíram-no numa importante ferramenta para o entendimento do indivíduo e do meio em que vive.

Dentre as importantes colaborações que o esporte pode gerar para compreender a sociedade, estão a sua modernização e os mecanismos que o fizeram um importante campo de estudo da sociologia, na intenção de atingir um melhor entendimento acerca de várias questões, como a compreensão desta modernização na busca de um autocontrole emocional, na busca de uma não violência (ELIAS, DUNNING, 1992).

A transição dos passatempos a esporte, a “esportivização”, ocorrida na sociedade inglesa – se é que se pode utilizar esta expressão como abreviatura de transformação dos passatempos em esportes – e a exportação de alguns daqueles em escala quase que global, são outros exemplos de avanço na civilização (ELIAS E DUNNING, 1992). Dito de outra forma, entendemos nessa leitura que os jogos ancestrais – aqueles que eram praticados pelas comunidades para festejar momentos importantes, como o de uma colheita bem sucedida, ou festas religiosas – passam a adquirir características organizacionais próprias com um conjunto de normas partilhadas entre os praticantes. Esse processo permite compreender também o avanço civilizacional.

Essa transição pode ser explicada como a transformação de jogos lúdicos populares em práticas com regras pré-estabelecidas. Numa das vertentes apresentada por Elias e Dunning (1992), essas normas permitem uma nova modalidade de prática, que obtém um caráter menos violento aos esportes, gerando um autocontrole maior em seus participantes.

Diante destas evoluções do esporte moderno, Elias e Dunning (1992), em seus escritos na obra “A busca da Excitação”, desenvolvem a tese de que no século XVIII a colocação das regras nos esportes serviu como controlador da violência na época.

Elias e Dunning (1992, p. 39) relatam que a compreensão do esporte contribuía para o conhecimento da sociedade. Sociedade formada pelo “nós”, que dentro de cada grupo ou configuração, em que as pessoas se relacionam interdependentemente, existem momentos de tensão entre, fazendo com que cada vez mais o seu tempo livre seja associado ao prazer de executar atividades de lazer e/ou esportivas.

Essas atividades têm como objetivo proporcionar momentos de lazer ou a prática esportiva, “sem derramar sangue”, independente dos indivíduos serem atores ou espectadores.

Os primeiros esportes não tinham especificamente o contato com bolas, os primeiros passatempos, depois transformados em esporte, como a caça, o boxe, entre outros, sendo que a implementação dos esportes com bola aconteceu na primeira metade do século XX (ELIAS e DUNNING, 1992, p.187).

Ao comparar os jogos populares realizados com bola nos finais da Idade Média, ou até no início dos tempos modernos, como o futebol e o rúgbi, e os dois ramos do futebol inglês que emergiram no século XIX, pode-se notar a existência de um aumento na sensibilidade em relação à violência (ELIAS, DUNNING, 1992, p.42).

O boxe é um exemplo desse aumento de sensibilidade nos esportes, com o aparecimento de luvas acolchoadas e as divisões de categorias nas lutas, dando mais igualdade de condições à modalidade.

Essas modificações e aperfeiçoamentos no esporte constituíram-se num processo em que se desenvolveram mudanças de hábitos dos indivíduos e das sociedades. Regras e modificações desses jogos de competição, na busca de um autocontrole, se desenvolveram antes na Inglaterra (ELIAS, DUNNING, 1992, p.45).

Na Inglaterra do século XVIII, o esporte aparece entre as altas classes inglesas, a aristocracia proprietária de terras e a pequena nobreza, não somente como participantes, mas também como espectadores (ELIAS, DUNNING, 1992, p.46).

Elias e Dunning (1992) destacam que, originalmente, os esportes também foram atribuições das classes mais elevadas, contudo, a partir da metade do século XIX, as modalidades entraram numa fase de absorção da sua prática pelas classes médias e pelo operariado, corroborando com Hobsbawm, que admite ser o esporte um diferenciador de classes.

Mas, Norbert Elias percebe outros momentos em que o esporte possa balizar alguns entendimentos da sociedade.

Elias e Dunning (1992) percebem no esporte moderno uma maneira de excitação e respostas para tais situações. Ele resgata conceitos como a catarse e a mimese⁶ apresentadas na antiguidade por Aristóteles, colocando que o esporte “responderia de maneira catártica e controlada à emoção mimética das relações, riscos e tensões do cotidiano, tentando aproximar o máximo possível o nível destas emoções à condição de excitação libertadora controlada” (MARCHI. JR, 2004, p.36).

A principal característica que identifica o desenvolvimento de um esporte é a sua capacidade de manter na prática um equilíbrio entre as tensões, as emoções miméticas e os limites de violência ou dos danos possíveis aos seus

⁶ O termo utilizado por Elias e Dunning (1992) para definir o estado de explosão eufórica é “mimese”, sendo miméticas as pulsões que as atividades liberam. Os autores utilizam-se da discussão de Aristóteles sobre a “catarse” da tragédia grega para legitimar o conceito de mimese. A catarse é um processo de envolvimento coletivo dentro do teatro grego, onde os indivíduos exteriorizariam, nesses espaços, seus desejos, suas emoções, suas euforias.

participantes sem, contudo, perder a sensação prazerosa da disputa (MARCHI JR, 2004, p.36-37).

Para Elias e Dunning (1992), o desenvolvimento do esporte moderno se deve ao fator civilizacional, no qual se modificam os hábitos e costumes dos indivíduos na sociedade, ao longo do tempo. No século XVIII, o esporte era visto como um passatempo aristocrático, recebendo assim suas regras sociais e valores que se transformaram nos esportes modernos (MARCHI JR, 2004).

Para Elias, o que caracterizou os esportes modernos foi a modificação dos passatempos lúdicos em esportes com regras pré-estabelecidas, caracterizando um momento de “esportivização” dos exercícios físicos, com uma disciplina e autocontrole da violência diante das atividades miméticas do esporte.

A necessidade do indivíduo a pertencer a um grupo social, seja esta forma de pertencer qual for, nos remete a tentarmos entender a constituição dos grupos organizados, abordando o esporte em específico na figura dos torcedores de futebol, que atualmente se apresentam como pertencentes à sociedade.

Dentro dessas constatações de como Elias e Dunning encaram o esporte e sua modernização, apresenta-se uma linha hipotética para entendermos os objetivos de pertencimento de um torcedor a um grupo, numa suposta tentativa de criar tensões em busca de excitações, em relação às tensões sérias de seu dia-a-dia, podendo ser produzida tanto como praticante de alguma modalidade, quanto como espectador, especificamente no futebol.

As tensões sérias podem ser entendidas pelo senso comum como um nível de estresse que precisa ser liberado. Para Norbert Elias (1992), as tensões são desejáveis para que se crie um nível de excitação mimética, para que se imitem situações do cotidiano em que as excitações são sérias. Dito de outra forma, as tensões seriam criadas para que se produza um descontrole controlado, não sério, no qual se produziria dano aos outros.

Tensões sérias ocasionadas por problemas profissionais, pessoais, entre outros, que no cotidiano seriam controladas e aliviadas apenas nos lugares apropriados para tal.

Mesmo tendo o fator civilizacional como componente de uma menor alteração em comportamentos, fica nítido que os indivíduos agem de forma não civilizada se produzirem tensões sérias, procurando locais para estas liberações. Ainda mais se esses locais propiciarem a eles uma convivência em grupos com os mesmos propósitos.

Grupos de torcedores organizados perdem o sentido de prazer que deveria ser proporcionado em ambientes esportivos, deixando que o acúmulo de tensões seja liberado em atos de violência nos campos de futebol.

Nesse momento, cabe lembrar que o processo de entendimento do esporte moderno passa por matrizes teóricas diversas. No entanto, enfatizamos em Elias para que possamos adentrar a compreensão do esporte no Brasil e, posteriormente, realizar aproximações com o objeto dessa pesquisa. Ou seja, um grupo de torcedores em torno do esporte.

1.2 ESPORTE MODERNO NO BRASIL

Como podemos compreender o fenômeno do esporte no Brasil? Essa questão poderá nortear a descrição desse subitem, tendo como base a ideia de que pretendemos apresentar o futebol como uma modalidade esportiva, que desperta a paixão de milhões de brasileiros (como já mostrado anteriormente).

No Brasil, o esporte aparece com grande incidência na figura do futebol, deixando os brasileiros apaixonados por seus times, em seus mais diversos campeonatos regionais.

Entendendo o futebol como esporte, podemos apontar, na perspectiva do campo esportivo, que o mesmo pode ser visualizado como uma prática de lazer ou como uma prática profissional. Ambas as formas possibilitam aos brasileiros momentos de paixão e euforia nos locais onde acontecem os jogos.

Sua presença no Brasil advém do processo de disseminação de sua prática a partir da Europa. Como foi verificado no diálogo dos autores com relação ao desenvolvimento do esporte oriundo da Inglaterra, nota-se que, no final do século XIX e no início do século XX, os esportes foram fortemente marcados dentro dos países europeus, mais precisamente na Inglaterra.

Até o início do Século XX os esportes foram fortemente marcados por organizações, equipes e campeonatos, nos quais - a presença do nacional era muito forte. Ressurgimento dos Jogos Olímpicos, Copa do Mundo, Campeonatos Nacionais entre outros eventos conviveram com a dinâmica em que outras identidades se construíram; cidades e regiões têm muito a dizer neste processo (GEBARA, 2006, p.103).

Gebara (2006, p.103) enfatiza que diversas “identidades são construídas nas diferentes modalidades esportivas por diferentes populações”, o que nos permite especular que no Brasil esse processo não seja diferente, sobretudo se nos referirmos ao futebol. Podemos enfatizar o que Gebara (2006, p.104) aponta: “os esportes e as equipes podem representar identidades locais, regionais, nacionais, étnicas tanto quanto político-ideológicas”. E essa situação nos permite pensar a compreensão de uma sociedade, em especial por meio do entendimento do esporte.

Tratando da questão do esporte e da identidade nacional, sobretudo no Brasil, Gebara demonstra que “nem todas as práticas corporais e jogos tornaram-se esportes olímpicos, ou mesmo tiveram suas práticas internacionalizadas” (GEBARA, 2006, p.104).

Uma prática esportiva muito vivenciada é o futsal, esporte que ainda não se configura como olímpico, mas tem uma grande aceitação em todo o mundo e é muito praticado nas escolas e clubes brasileiros.

A forma pela qual o esporte foi se institucionalizando no Brasil teve algumas influências devido à vinda de indivíduos de outros países para nossa região. Historicamente, é sabido que esse “processo no Brasil foi marcado pela incorporação do negro – pós-abolição, pela incorporação das inúmeras nacionalidades de imigrantes, sem falar nos mais evidentes fenômenos identificados com aquilo que atualmente denominamos ‘Globalização’” (GEBARA, 2006, p.104).

A trajetória do esporte enfrenta alguns momentos que influenciaram na sua aceitação pelos brasileiros. Diante dessa influência dos imigrantes, também se verifica na globalização do esporte um traço mercadológico que o influenciou num âmbito geral.

Exemplo disso seria o *marketing* exercido em cima dos jogos indígenas, em que uma empresa de guaraná, busca aparecer no mercado, patrocinando estes jogos e ao mesmo tempo sendo importante no processo de desenvolvimento do mesmo (GEBARA 2006, p.104).

No Brasil, além da influência mercantil na expansão dos esportes, tem-se o indício de que para, entendermos a inserção desse esporte, e também do futebol, precisaríamos olhar para a escola e clubes. Como exemplo dessa visão, podemos apontar que

Na Europa os jogos e os movimentos ginásticos estão na raiz do esporte moderno globalizado pelas Olimpíadas; no Brasil, a atividade física no interior de escolas e clubes sociais e esportivos jogam um papel importante

neste processo até mesmo em relação à história do futebol (GEBARA, 2006, p.104).

Os estudos abordados na Educação Física documentaram de forma expressiva os esportes, ficando evidenciado que pesquisas sobre a história das modalidades no Brasil seriam enriquecedoras da temática.

No Brasil, as aulas de Educação Física têm como principal atividade o “esporte”, nas suas mais diversas modalidades, como: futebol, vôlei, basquete, futsal, handebol, representando as modalidades coletivas. Mas também aparecem na figura das atividades individuais como: tênis de mesa, xadrez, atletismo.

No Brasil, é verificado que adolescentes convivem com o esporte, especialmente o futebol, durante toda sua formação escolar, possibilitando-nos aproximar do entendimento desse fenômeno (esporte) e sua influência social.

Para o entendimento dessa suposta ligação brasileira ao esporte, o futebol é um componente de pertencimento para toda a nação.

Durante a primeira república (1889-1930), os candidatos à presidência dos Estados Brasileiros, costumavam apresentar suas plataformas políticas para explicitar suas propostas de governo. Constitui fato inusitado, encontrar entre estes documentos uma única referência a questão da educação física do esporte. Em comum também é verificar que em 1920 quando Washington Luis discursou na convenção do partido republicado paulista ao mencionar a instrução pública, o então candidato dedica mais atenção e espaço ao esporte e a educação física (GEBARA, 2006, p.106)

Em tempos de eleições, é comum que candidatos coloquem em seus discursos políticos o que o povo pretende e necessita como proposta de campanha. Também é costumeiro que candidatos aproximem suas falas de questões com as quais o povo se identifique – e o esporte começava a ser visto como um tema importante nas campanhas.

Com base nessa perspectiva, Washington Luis passou a inserir o esporte como tema de suas propostas. Para Gebara (2006, p.107), “Washington Luiz coloca como objetivo maior de suas proposições o abasileiramento do brasileiro, formulação que como pretendemos elucidar, refere-se a tornar aqueles que vivem no Brasil, integrantes de uma identidade coletiva”.

Na sequência da apresentação de Gebara, podemos identificar que “[...] a partir de 1919, destaca o futebol enquanto fenômeno privilegiado para compreender o funcionamento da sociedade de massas emergentes, descrevendo a emoção vivida

quando o Brasil se torna campeão sul americano em 1920” (GEBARA, 2006, p.108). Nesse episódio, os jogadores foram colocados em carros de bombeiros e policiais com cordas e cães tentavam controlar a multidão numa festa que duraria uma semana inteira.

O povo brasileiro se emocionou com essa conquista, demonstrando a todos a alegria e a satisfação de obter uma vitória sobre outros países, ainda que fosse no âmbito esportivo.

A partir de Washington Luis, os políticos começaram a ver no esporte uma ferramenta de auxílio em suas campanhas. Washington Luis defendia em sua plataforma a obrigatoriedade da Educação Física nas escolas e a multiplicação das sociedades esportivas em vilas e fazendas, mostrando que o esporte poderia ser um importante segmento no abasileiramento dos brasileiros (GEBARA, 2006).

“A modernização e a cultura de massas são componentes que precisam ser tomados em consideração para articular, e permitir uma compreensão mais aprofundada da educação física e dos esportes no Brasil” (GEBARA, 2006, p.109).

A ligação que é feita entre o esporte e a Educação Física é nítida no dia-a-dia da sociedade brasileira. Na sua grande maioria, os colégios aplicam atividades esportivas para divertir, alegrar e exercitar as crianças.

Tal atitude vai causando grande interesse do brasileiro pelo esporte, criando cada vez mais adeptos às modalidades esportivas, em grande maioria ao futebol. Entre as diversas situações que o esporte ocasiona para as pessoas, destacamos a necessidade dos indivíduos de conviver em grupos, aparecendo no esporte uma alternativa para tal.

Gebara (2006, p. 109) demonstra, com base em Rosenfeld, que em 1910 existia no Brasil uma “transição do esporte amador para o profissionalismo”. Nessa transição, “A evolução para o futebol profissional no Brasil é um exemplo clássico da gravitação inevitável de uma trajetória que esta ligada ao jogo como espetáculo de massas”.

O esporte, via de regra desenvolvido na escola, começa a adquirir outra dimensão, que seria de formar uma cultura esportiva capaz de absorver problemas sociais e observar a sociedade.

Até aqui, podemos identificar na leitura do texto de Gebara que na Educação Física, a utilização do esporte permite compreender uma forma de aglutinar pessoas e construir uma identidade nacional. Cremos que não seria desproporcional, a partir da leitura de Norbert Elias (1994) no livro “Sociedade dos Indivíduos”, pensar no início de uma era do “nós”, sendo o esporte um aglutinador da sociedade, uma tentativa de entender a cultura de ser brasileiro. O futebol, no país, se apresenta com grande

incidência nessa formação cultural esportiva, fato verificado em torcedores que nos dias de hoje formam grupos organizados para torcer por seus times, existindo uma paixão exagerada pelos seus símbolos, fortificando mais ainda a presença e a identificação do brasileiro com o futebol.

O futebol, no final do século XX e início do século XXI, se constituiu como elemento de identidade do Brasil, representando um espetáculo de massas comum dos brasileiros. Grupos de torcedores ajudam nessa identificação do futebol com os brasileiros.

O futebol é visto com grande potencial para o espetáculo, sendo um esporte muito dinâmico, empolgante, conquistando o povo brasileiro. Assim, pode-se dizer que o futebol tensiona a sociedade, ao mesmo tempo em que é tensionado por ela. “Trata-se de um reflexo das atitudes, manifestações e anseios de nossa sociedade” (GIGLIO 2005, p.125 apud SANTOS, 2011).

O espetáculo é algo que gera público, no caso do futebol pelo espaço em que é praticado, é grande a quantidade de pessoas que assistem aos eventos.

O futebol propicia ao indivíduo a vivência de uma realidade de grande parte dos brasileiros, que tem neste esporte uma forma de se sentir parte de um contexto social. O indivíduo tem a necessidade de pertencer a um grupo, de “pertencer a uma sociedade”, como forma de se sentir parte da sua sociedade – no caso, a sociedade brasileira.

Esse pertencimento pode se dar através da prática da modalidade ou, no âmbito profissional, por fazer parte de uma torcida de algum time de futebol.

A grande questão é pensar como se constituem esses grupos de torcedores, através da contextualização do esporte diante de todo seu desenvolvimento na Inglaterra até seu aparecimento no Brasil, como forma de uma cultura esportiva dos brasileiros.

Norbert Elias apresenta uma possibilidade para analisar essa formação de grupos, que nos próximos capítulos será relatado com mais propriedade.

Diante desse breve relato histórico de como o brasileiro tende a absorver o esporte, não podemos deixar de citar o sentimento democrático existente na sociedade brasileira. Gebara (2006, p.122) aponta que “Nosso histórico foi construído com o objetivo de resistir a um processo ditatorial e antidemocrático, comportamento constitutivo de nossa identidade”.

Isto nos leva a procurar entender essa necessidade do indivíduo de pertencer a um grupo, na busca de ser aceito democraticamente na sociedade.

Diante disso, o próximo capítulo será dedicado à temática da violência, à violência nos esportes de forma geral, à violência no futebol e torcidas organizadas.

2 VIOLÊNCIA NA SOCIEDADE, NO ESPORTE E NO FUTEBOL

Ao abrir esse capítulo, podemos nos perguntar: a que violência, a que sociedade, a que esporte estamos nos referindo? Até aqui, esta dissertação tentou contextualizar a compreensão do que vem a ser o esporte. Abordamos alguns autores que mostram como compreender o chamado esporte moderno e, ao mesmo tempo, optamos por uma trajetória histórica para mostrar que o esporte chega ao Brasil por canais como a escola e o clube. Nesse sentido, vimos também a possibilidade de compreensão do esporte, por meio de uma perspectiva do campo. Noção esta que permite apontar que o esporte possui envolvimento de diversos agentes em busca de um lócus. Um lugar de referência em que existe uma disputa de forças.

Pois bem, tendo como ponto de partida, neste capítulo, a descrição do parágrafo anterior, temos o intuito de apresentar o fenômeno violência vinculado ao meio esportivo, sobretudo o futebol. Para essa caminhada, faz-se necessário abordar os temas elencados numa lógica que privilegia uma transição do macro para o microuniverso.

O desenvolvimento do esporte, tanto na Inglaterra, onde o mesmo foi criado, quanto no Brasil, traz o indicativo apresentado por Norbert Elias de que o aparecimento das regras foi importante na busca de uma civilidade maior na prática esportiva.

Mas, na prática, a violência parece enraizada na sociedade. Em se tratando dos esportes, têm-se casos demarcados de violência dentro e fora da quadra ou do campo (pensando em futebol).

A preocupação aqui está relacionada com situações que transpassam as linhas do campo de futebol. Ou seja, situações nas arquibancadas que geram atos de violência entre os torcedores, principalmente entre os organizados.

Ao procurar entender o termo “violência”, a temática deve passar por uma análise criteriosa para que se possa avançar entre a compreensão do senso comum e os conceitos científicos.

Nas sociedades, sobretudo nas contemporâneas, a violência é um fenômeno muito complexo. Para abordar o tema, é necessário levar em consideração fatores como o momento em que acontece, a cultura, e em qual contexto se deu o ato de violência.

Para que se possa compreender o processo da violência, apresenta-se aqui o referencial de Maurício Murad (2007; 2012). Esse autor constrói seu conceito de violência a partir de Heródoto – o qual a mostra em sua essência a partir da deusa Hybris, que representa várias atitudes que são típicas e similares à violência – e vai até

Sigmund Freud, que procura com seus estudos analisar o comportamento do indivíduo, que o leva a agir de forma desrespeitosa, física ou verbalmente.

Murad, em suas obras, estuda a violência no futebol, tendo como perspectiva a necessidade de entender o indivíduo, mas também o grupo ao qual ele pertence. Visão esta que absorve conhecimentos advindos de Freud e, em outros momentos de sua escrita, de Norbert Elias. Elias (1994, p. 20) aponta que o conjunto de indivíduos é a sociedade, sendo esta o “nós”, que só se entenderão algumas atitudes sociais através do entendimento do meio em que estes indivíduos vivem.

Para Murad (2012, p. 51), “a violência é um fenômeno social, e suas raízes são sociais, mas também é um fenômeno humano, e suas raízes também são humanas”. Nesse sentido, aponta que “ao entendermos a história da humanidade, podemos concluir que se trata de uma trajetória de violências, sejam elas diretas ou indiretas – violências econômicas, políticas, culturais, sociais, psicológicas, simbólicas, raciais, de gênero, opção sexual, idade, poder... todas humanas, embora sempre com revestimento histórico e social” (MURAD, 2012, p.51).

Na leitura de Murad, tivemos acesso à informação de que a maioria dos grandes pensadores e filósofos, em algum momento de suas obras, falaram sobre violência. O exemplo apontado por ele é o de que Heródoto (484 a.C. – 420 a.C.), considerado o primeiro historiador, pai da história, o pai das narrativas históricas, foi o primeiro a narrar em um conto o nascimento da violência, ou melhor, sua transformação na deusa Hybris (MURAD, 2012, p.53).

Murad vai além. Aponta a possibilidade de que a “própria história começa com esse conto, no qual Heródoto funda a narrativa histórica para comprovar a metamorfose da violência como dimensão humana numa deusa (Hybris), representando o insulto, a agressão, o desrespeito, a tortura, a mutilação e a morte” (MURAD, 2012, p.52).

Na sequência da leitura, chama-nos atenção ao fato de que a referência a Heródoto ganha destaque na medida em que este “acrescenta com grande sabedoria a violência do corpo e a da palavra, que se agravam quando se está em grupo, piorando ainda mais quando estamos em grandes grupos” (MURAD, 2012, p.52). Dito de outra forma, a palavra e o corpo são colocados como possibilidades de violência.

O comportamento do indivíduo pode, em muitas vezes, ser entendido por meio do grupo ao qual ele pertence; atos de violência podem decorrer de incentivos de outras pessoas do seu convívio, aproximando atitudes de indivíduos dentro de um grupo. Em se tratando das torcidas organizadas de futebol, as atitudes de indivíduos podem ser

compreendidas como atos de violência que, pelo fato de estarem estes indivíduos agrupados, os deixa mais suscetível à prática desses atos.

Quando torcedores organizados de futebol se reúnem para torcer pelas suas equipes, adotam um sentimento de pertencimento a este grupo, sendo que o fanatismo exacerbado e o comprometimento entre seus integrantes acabam conduzindo esses integrantes a atitudes em massa, caracterizando transgressão de regras sociais.

“Ocultos na multidão, os humanos se tornam agressivos, violentos, e se permitem fazer o que não aceitam, ou dizem que não aceitam, quando fora de um grupo” (MURAD, 2012, p.53).

Na tentativa de melhor entender a violência como categoria social, Mauricio Murad afirma que “violência”:

Etimologicamente provém do latim violentia - raiz semântica vis = força - e significa opressão, imposição de alguma coisa a outra pessoa ou a outras pessoas, por intermédio do emprego da força, qualquer que seja seu tipo, a sua substância, forma ou sentido: força dos poderes social, econômico, jurídico ou político, força física, força simbólica ou de qualquer outra natureza que se queira (MURAD, 2007, p.77).

Já a Organização Mundial de Saúde, no seu informe *World Report on Violence and Health* (2002), define violência como:

[...] [o uso intencional de força física ou poder, em ameaça ou na prática, contra si próprio, outra pessoa, ou contra um grupo ou a comunidade que resulte ou tenha uma alta probabilidade em resultar em ferimento, morte, dano psicológico, desenvolvimento prejudicado ou privação].

Podemos entender atos de violência como situações em que existem descontroles emocionais, intencionais ou não. Por exemplo: a euforia de um torcedor de futebol pode ser demonstrada em seus atos durante um jogo, quando da sua participação nas arquibancadas. Nos momentos de um gol, havendo uma liberação de emoções ou numa discussão com torcedores adversários, pode ter como consequência uma briga ou desentendimento.

Para Norbert Elias (1994), violência é um problema gerado pela excitação que as pessoas sentem, que pode alterar seu autocontrole, decorrente das diversas emoções a que se submetem. E, dentro de um conceito de civilização, as excitações podem acarretar a perda de controle, ocasionando transgressões sociais graves atreladas a atos de violência.

Com relação à violência, no “Processo Civilizador”, obra de Norbert Elias (1994), tem-se a apresentação de um possível abrandamento das pulsões e dos comportamentos dos indivíduos. Seria um polimento das atitudes, uma pacificação ao longo do tempo, deixando o homem mais sábio, com comportamento refinado e um aumento na sua percepção do que seja um ato violento.

O processo civilizatório da humanidade gerou um aumento na pacificação, sabedoria e uma mudança social ao longo do tempo. Por meio dele, foi atingindo um maior autocontrole das emoções, no qual foram sendo controladas algumas atitudes agressivas. “A agressividade foi transformada, refinada, civilizada como todas as outras formas de prazer, e sua violência imediata e descontrolada aparece apenas em sonhos ou em explosões isoladas que explicamos como patológicas” (ELIAS, 1994, p.190-191).

Mesmo com todo esse processo civilizatório, ao qual passou a humanidade apontada por Norbert Elias, os indivíduos em algumas situações agem com certo descontrole e acabam deixando suas emoções tomarem conta de suas atitudes.

Nesta dissertação, notamos atitudes violentas em torcedores organizados de futebol, mesmo que esporádicas e praticadas por uma minoria que as usam como forma de extrapolar suas emoções, entrando em conflito com outra pessoa, ou outro grupo, observando-se atitudes não condizentes com pessoas civilizadas.

O que se nota é um desenvolvimento cada vez maior da violência nesses grupos, transitando nos centros urbanos, notando-se que a violência faz parte desses grupos organizados de torcedores.

A mídia no seu dia-a-dia demonstra, através de seus noticiários casos de violência envolvendo grupos organizados de torcedores, como em 2012, quando torcedores da Trem Fantasma, torcida organizada do Operário Ferroviário Esporte Clube, grupo delimitado para estudo do objeto nesse trabalho, se envolveram em uma briga⁷ de grupos com uma outra torcida também do Operário.

⁷ Após algumas discussões, um torcedor que acompanhava uma das torcidas atingiu com um soco um membro da outra torcida do Operário, promovendo corte e sangramento na cabeça desta pessoa. Consequentemente, outras pessoas das duas torcidas trocaram socos e pontapés, promovendo uma atitude que comprometeu não só o time de futebol do Operário, mas também a cidade de Ponta Grossa, pois ficou manchada a imagem da mesma, no sentido de existir torcedores com excitações sérias (usando a linguagem de Norbert Elias). A polícia militar entrevistou na cena para que os demais torcedores que estavam no estádio não sofressem agressões físicas. Este fato aconteceu na cidade de Paranaguá no estádio “Gigante do Itiberê”. MENEGUZZO.I.S. **Sobre a briga entre torcidas do Operário**. Disponível em: <alexandre-profissoperigo.blogspot.com>. Acesso em: 06 fev. 2013.

Essa violência, principalmente a física, não se apresenta como um meio legal de se resolver os problemas, pois tais atitudes não são aprovadas pela sociedade contemporânea. Torcedores podem ser condenados em suas ações com uma punição social, quando praticam algum ato violento. Ou seja, podem ter punições perante a lei. No entanto, alguns casos podem até passar ilesos em relação a justiça⁸, porém, fica claro a desaprovação da sociedade, na medida em que torcedores comuns externam seu descontentamento.

O Estado, que para Norbert Elias (1994) tem o monopólio sobre o uso da força, a partir da polícia e do exército, mantém a ordem da sociedade, e se preciso for para instalar esta ordem, tais órgãos podem utilizar-se de violência.

Frente à violência, a resposta institucional que emerge é a própria violência sob forma legítima, deixando entender, que além da punição social, também gera-se uma forma de violência para conter essa excitação séria.

Atualmente, as pessoas que agem com atitudes transgressoras das regras sociais com atos violentos não são toleradas.

Mesmo assim, não se pode afirmar que a sociedade atual está menos violenta. Hoje existem mais punições, tanto sociais como em forma de uso da violência legítima por parte da polícia, como apresenta Elias.

Nas sociedades contemporâneas (e civilizadas para Norbert Elias), as atitudes dos indivíduos são permeadas pela racionalização e um autocontrole; qualquer atitude de descontrole do indivíduo é tida como uma situação de desaprovação pela sociedade.

O processo civilizador não banizou por completo os atos de violência na sociedade. A violência ainda circunda cotidianamente as relações, mas segundo Elias (1994), com mais autocontrole e menos exaltação. Esse seria o caso de países em estágios mais avançados do processo civilizatório, como a Inglaterra. Esse conceito permite pensar a situação da sociedade contemporânea, sobretudo num período de globalização. No entanto, temos consciência que a transposição direta para a sociedade brasileira precisa de mediações.

Mesmo os indivíduos, uma vez civilizados, não estão imunes a rompantes de agressão. Como lembra Norbert Elias (1994, p.20), “a vida dos seres humanos é repleta

⁸ Em 2009, 14 torcedores foram denunciados pela invasão de campo em Curitiba, ninguém está preso e os processos continuam na justiça. (Programa Fantástico. In: Rede Globo, em 25 mai. 2014).

de contradições, tensões e explosões [...], a vida dos seres humanos em comunidade certamente não é harmoniosa”. Fato este que coloca o processo civilizacional sob constante ameaça.

A cultura de cada povo também influencia essa situação de descontrole e não harmonização. Tem-se que a cultura é essencial para a classificação da violência. Alguns atos são vistos como de grande gravidade em alguns povos, já em outros não são tão recriminados, não recebendo a mesma interpretação de violência. Essa situação permite uma relativização do uso da teoria, no sentido de que a cultura de um determinado país ou grupo interfere na situação descrita.

Nos esportes, também se teme uma percepção de que se deve analisar em qual contexto está inserido tal ato de violência, um soco numa situação real da vida proferido em alguma outra pessoa, seria um ato de violência, porém, este mesmo soco numa luta de boxe pode ser visto como um gesto esportivo, dando a vitória ao esportista, por exemplo.

Nota-se uma dificuldade em se definir atos violentos, sem falar que, quanto mais abstrato for o ato, mais será difícil sua compreensão. Muitos dos atos que ocorrem são sentidos e percebidos com dores, marcas visíveis, mas também existem atos violentos que, apesar de também causarem dor, não são tão visíveis assim, é o caso da violência simbólica⁹.

Pesquisas sobre violência são de extrema importância para que possamos compreendê-la, sobretudo nas ciências sociais, que permitem uma abordagem das relações sociais que permeiam esses atos; além da possibilidade de aprofundamento dessas pesquisas. A ofensa, a humilhação, em algumas ocasiões são mais danosas à sociedade e aos indivíduos, do que um soco ou um pontapé. Ambas geram constrangimento e até mesmo sequelas que as pessoas levam para o resto de suas vidas.

A violência simbólica também é cometida por torcedores organizados de futebol, no qual eles usam de palavras, gestos, os quais procuram ofender a torcida adversária, na busca de iniciar um confronto.

Os símbolos também são usados para provocar. Caso uma torcida consiga uma bandeira, camiseta ou objeto de outra, é uma forma de conquista, mostrando para sua

⁹ Para maior compreensão sobre violência simbólica, recorrer a BOURDIEU, Pierre. Sociologia. São Paulo: Ática, 1983.

rival um desafio da mesma ter que recuperar esse objeto, independente da maneira, geralmente através da força física¹⁰.

Para Marchi Jr. (2004), essa violência é exercida por sistemas simbólicos. Estes símbolos que exercem certos poderes sobre as pessoas são chamados de “poder simbólico” e fazem com que os indivíduos tenham um sentido social, segundo o qual definem suas formas de agir, provendo definição do que é certo ou errado.

Violência simbólica é a coerção que se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (portanto a dominação), quando dispõe apenas, para pensá-lo e pensar a si mesmo, ou melhor, para pensar sua relação com ele, de instrumentos de conhecimento partilhados entre si e que fazem surgir esta relação como natural, pelo fato de serem, na verdade, a forma incorporada da estrutura da relação de dominação (BOURDIEU, 2001, p. 206, apud PEREIRA SOUZA 2012, p.28).

Na sociedade, somos condicionados a viver de acordo com regras impostas; somos designados a exercer atitudes e comportamentos oriundos das classes dominantes, de uma cultura da maioria, na qual os indivíduos com poder determinam como será nosso caminhar, nossas ações; somos moldados simbolicamente pelas regras sociais proferidas por quem está no poder.

Uma das grandes diferenças da violência simbólica é o fato dela não ser sentida fisicamente, pois é exercida por um poder simbólico, impondo gostos, gestos, situações, deixando-nos sem ação, sem a possibilidade de nos posicionarmos contra.

Em grupos organizados de torcedores, nota-se a violência física como forma dos membros se manterem perante outros grupos, configurando ao mesmo tempo uma violência simbólica, numa tentativa de ofender o grupo da equipe adversária, a partir de seus cânticos, gritos, sinais e bandeiras, fazendo com que de alguma forma este outro grupo seja prejudicado, humilhado e vencido.

A Torcida Trem Fantasma, assim como outras torcidas, apresenta alguns cânticos¹¹ usados nos dias de jogo, que são ofensivos ao outro grupo, podendo

¹⁰ Como exemplo, podemos apontar a briga ocorrida entre a torcida do Clube Atlético Paranaense, os Fanáticos, e a torcida do Vasco da Gama, ocorrida em Santa Catarina, em 08 de dezembro de 2013, no Campeonato Brasileiro. O estopim para a briga foi a torcida do Vasco ter mostrado uma camiseta da Fanáticos em sua posse. Posse que pode ser entendida como um troféu. Esse fato foi observado durante o confronto em função de o autor dessa dissertação estar presente no estádio no dia do jogo, posicionado entre as duas torcidas.

¹¹ "Oh lele, oh lala, trem fantasma vem aí e o bicho vai pegar". Outro exemplo é o grito da Torcida Fanáticos do Clube Atlético Paranaense: "Coxaradas filhas das [...], chupam [...] e dão o [...], ei, coxa, vai

desencadear uma violência física entre os mesmos. Há, portanto, uma relação entre a violência simbólica e a física dentro destes grupos organizados de torcedores.

Um dos últimos incidentes, envolvendo torcedores organizados de futebol, aconteceu em Joinville, pela última rodada do campeonato brasileiro, em dezembro de 2013, quando torcedores da Torcida organizada do clube Atlético Paranaense se confrontaram com torcedores da organizada do Vasco da Gama, deixando vários feridos. O jogo ficou paralisado por 40 minutos, helicópteros pousaram no gramado para resgatar os feridos, os torcedores detidos naquele dia estão todos soltos e apenas impedidos de irem aos estádios.

Independente da forma com que a violência é exercida por este grupo de torcedores – se simbólica ou física –, não existe uma punição significativa, que cause uma reflexão nos culpados. Não que apenas a punição seja a solução, mas seria uma tentativa de evitar atos de violência dentro destes grupos.

“A sensação de impunidade num contexto brasileiro, como um todo, influencia (e ajuda entender) as práticas de violência no esporte e no futebol e, para além, em qualquer setor da sociedade” (MURAD, 2012, p.48).

O que ajuda de fato a inibir a violência não é o grau da punição, mas sim a certeza de que a punição será aplicada, independentemente da intensidade da pena. “É evidente que o tamanho da sanção conta também, mas o que vale, principalmente, é o sentimento de que o delito não ficará impune” (MURAD 2012, p.48). Porém, o fator mais relevante para as torcidas organizadas é realizar uma transgressão, ainda mais se ficar impune. Essa sensação de impunidade é um dos fatores de geração de violência.

Por intermédio da leitura de Murad (2012), concordamos que, independentemente do período de pena a ser cumprido, qualquer torcedor deveria responder por seu delito até o fim, fazendo com que as denúncias e flagrantes fossem articulados em processos, indo até as últimas instâncias, levando a investigações e penas efetivamente aplicadas e cumpridas de acordo com a gravidade do acontecimento.

No acontecimento em Paranaguá, envolvendo as duas torcidas do Operário, relatada em nota de rodapé, não houve nenhuma punição, apenas houve a intervenção da polícia militar mediando a situação.

tomar no [...]”. Foi utilizado a letra de uma música do Pink Floyd, que foi transformada em cântico usado pelos torcedores organizados do Atlético para ofender a torcida do Coritiba Futebol Clube.

“Dados do Tribunal de Contas da União de 2010 demonstram que 95% dos processos no Brasil não são finalizados, processos esses que também envolvem torcedores violentos e prejuízos causados por eles” (MURAD, 2012, p.49).

Mas falar de violência é um assunto muito complexo. A solução para que esta seja combatida só é possível, na perspectiva de Murad, se medidas forem aplicadas em microcontextos, pois, certamente não será possível resolver essa temática da mesma forma em todos os segmentos. A sua análise pode ser global, mas medidas devem ser microcontextualizadas.

Cabe, sequencialmente, verificarmos a violência no esporte, aproximando-nos especificamente da violência do futebol, adentrando nas torcidas organizadas, preocupação deste estudo, principalmente para compreender este fenômeno.

2.1 VIOLÊNCIA NO ESPORTE

O esporte é um fenômeno de grande importância. A violência hoje é presente em nossa sociedade em situações variadas de nosso cotidiano. Cabe, nesta dissertação, o entendimento da violência no esporte, de como esta violência vem se desencadeando ao longo dos anos e interferindo na prática do mesmo.

Para discutir a violência nos esportes, é necessário que sejam compreendidos posicionamentos acerca do assunto. A violência mancha o esporte, porém está presente no mesmo. A violência estaria inserida na sociedade de uma forma geral e pode se apresentar como forma de mostrar superioridade de um homem sobre o outro.

O esporte pode ser praticado pela sociedade como forma não violenta, servindo como benéfico na socialização de seus participantes. Podemos entender essa forma de prática do esporte como uma forma de lazer. Se observarmos o esporte numa forma mais competitiva, abrangendo um âmbito profissionalizado, nota-se a disputa pela vitória causando excessos na sua prática.

Nos esportes modernos, “as competições integraram um conjunto de regras que asseguravam o equilíbrio entre a possível obtenção de uma elevada tensão na luta e uma razoável proteção contra os ferimentos físicos” (ELIAS e DUNNING, 1992, p.224).

Alguns esportes têm na sua essência atos de violência que com o tempo foram se modificando para que ficassem mais civilizados, deixando suas práticas mais condizentes com o processo civilizatório da humanidade.

Se compararmos os jogos populares realizados com bola nos finais da Idade Média, ou até nos inícios dos tempos modernos, como o futebol e o rãguebi, os dois ramos do futebol inglês que emergiram no século XIX, pode notar-se que existe um aumento da sensibilidade em relação à violência (ELIAS e DUNNING, 1992, p.42).

Esta sensibilidade à violência nos esportes, também pode ser vista no boxe. “Porém o uso dos punhos desprotegidos era acompanhado, freqüentemente pela utilização das pernas como uma arma” (ELIAS E DUNNING, 1992, p.42).

O aparecimento das regras foi essencial para que a necessidade de convivência entre as pessoas fosse mais adequada, possibilitando uma maior sintonia e uma diminuição na violência, principalmente na prática de esportes. “O aumento da sensibilidade revela-se pela introdução das luvas e, com o tempo, pelo acolchoamento destas e a introdução de várias categorias de jogadores de boxe, o que garantia um nível superior de igualdade de oportunidades” (ELIAS E DUNNING, 1992, p. 42).

Essa forma de boxe surgida na Inglaterra foi assimilada por todos os outros países, que absorveram as regras do esporte. Mas, tanto no boxe, quanto nos outros esportes que receberam as atribuições de regras, é notável a diminuição da violência com o passar dos anos.

O que pode mudar é aquilo que de fato mudou durante o longo desenvolvimento da humanidade, são os padrões sociais de autodomínio e a maneira segundo a qual eles se forjam no sentido de ativar e modelar o potencial natural dos indivíduos no sentido de retardar, suprimir, transformar, em resumo, de controlar várias formas energias elementares e outros impulsos espontâneos (ELIAS E DUNNING, 1992, p.75).

O esporte passou por mudanças no mundo todo, mudanças que só acontecem gradativamente ao longo do processo, obedecendo a lógicas históricas e culturais, como no esporte que se desenvolve de acordo com uma sistemática de consumo própria de suas diversas modalidades.

A violência nos esportes é algo que vem, ao longo do tempo, preocupando as diferentes sociedades, entre elas a brasileira, inclusive pelo fato do esporte ser um dos componentes importantes da formação de adolescentes, que dentro das escolas o praticam cada vez mais de uma forma prazerosa, mas também competitiva.

Não existe um controle geral desta violência ao longo do tempo, as regras colocadas nos esportes modernos ajudaram a controlar certos atos de violência nos esportes, mas a profissionalização e a espetacularização dos esportes fez com que a cada dia ele ficasse mais competitivo, e que seu consumo fosse aumentado. Essa

competitividade vem ao longo do processo deixando o esporte cada vez mais longe de ser apenas um passatempo.

O esporte tem seus diferentes significados no tempo e no lugar. A fim de se tentar compreender a violência no esporte deve-se analisar a história, os contextos sociais e culturais em que ocorre. Para Elias e Dunning (1992, p. 48), “demonstrar que o estudo do esporte que não seja simultaneamente estudos da sociedade são análises desprovidas de contexto”.

A sociedade inglesa, em comum com a brasileira, demonstra no esporte, em específico no futebol, que a sua prática evidencia um momento em que todos os indivíduos acabam procurando certas modalidades através de suas identificações, abrangendo aspectos históricos e culturais de tal sociedade.

No Brasil, a simpatia do brasileiro em praticar o futebol se expressa pela sua paixão, por meio de sua participação em eventos e compra de produtos das suas equipes regionais, além das inúmeras escolinhas e pessoas que apresentam como sonho ser jogador de futebol¹². Nota-se que grupos organizados de torcedores, além de torcerem por suas equipes, usam a violência nas arquibancadas nos jogos de suas equipes.

Experiências de violência em países só são esquecidas com o tempo, grupos que um dia foram rivais levam um longo período para se relacionarem novamente sem que se sintam adversários. Não é o simples fato de se colocarem regras que fará com que se mude repentinamente o comportamento dos indivíduos e seus grupos. “A peça fulcral da configuração de um grupo envolvida no esporte é sempre a simulação de um confronto, com as tensões por elas produzidas controladas, e no final, com a liberação de tensões” (ELIAS e DUNNING, 1992, p.235).

O esporte é indubitavelmente uma das maiores invenções sociais sem prévio planejamento, oferecendo ao ser humano uma excitação que envolve esforço físico e evitando, com suas regras, que alguém saia seriamente ferido.

O esporte, especialmente as práticas coletivas, de contato físico e de grande popularidade, como é o caso do futebol, podem acarretar competições exageradas e incentivar conflitos, dentro e fora dos campos, ainda mais se as condições sociais do momento forem propícias, esta mistura pode ser muito preocupante.

¹² Podemos mostrar esse sonho na letra da música do Skank. Em sua letra encontramos: “Bola na trave não altera o placar... quem nunca sonhou ser jogador de futebol”.

O futebol em particular pode ser visto como um ritual de “violência simbólica” ou de “guerra simbólica”, uma representação entranhada nas relações humanas e sociais, mas ainda assim uma violência indireta (MURAD, 2012, p.100).

“Portanto, teria um sentido civilizacional (se acompanhar as colocações de Norbert Elias), pois evita e esvazia a violência direta, conhecida como material” (MURAD, 2012, p.100). E seria esse limite entre o real e o simbólico uma das explicações para a violência nos esportes, principalmente no futebol, colocando-a sempre como uma forma de extrapolar-se a problemas oriundos da sociedade.

O esporte pode ser imaginado como uma guerra, sendo que principalmente nos esportes a existência de um adversário é necessária, mas apenas com o intuito de vencê-lo, diferente da guerra que o principal objetivo seria destruir o inimigo. “As técnicas militares deram lugar às técnicas verbais de retórica e de persuasão do debate, a maior parte das quais exigia maior contenção geral, identificando de modo nítido esta mudança como um avanço de civilização” (ELIAS E DUNNING, 1992, p.59).

Essas mudanças de contenções na violência refletiram significativamente nos hábitos sociais desde o século XVIII até os dias de hoje. Por isso, seria errado afirmar que as transformações acontecem num curto período de tempo e sem influências de outras áreas sociais, seguindo uma premissa eliasiana.

Até aqui, o que podemos apontar como foco de violência entre torcedores seria a origem na paixão que, seguida de um descontrole momentâneo, gera atos agressivos entre os torcedores de equipes diferentes e até mesmo do mesmo clube.

A violência também tem significativas consequências para atletas e torcedores, apresentando desafios para aqueles que desejam controlá-las. Atitudes e até mesmo palavras, usadas por atletas e treinadores nos dias de hoje em seus vocabulários, são expressadas em forma de desabafo, mas acabam influenciando as atitudes de torcedores nas arquibancadas, com seus cânticos, letras que fazem uso de palavrões conforme exemplificado anteriormente, incentivando a violência.

É necessário entender como esses grupos de torcedores se formam e quais motivos levam estes a agirem de forma violenta em momentos que os mesmos se reúnem para torcer por suas equipes.

“O esporte é sempre, em todas as suas variedades, uma luta controlada, num quadro imaginário, quer o adversário seja a montanha, o mar, a raposa, ou outros seres humanos” (ELIAS E DUNNING, 1992, p.84).

Aprender a usar a violência nos esportes como estratégia para vencer é uma cultura de busca da vitória, exemplos seriam os esportes já citados nesse trabalho a partir de Elias. Ou seja, “o boxe, o rúgbi, o futebol” e todos que dependem de contato físico em geral.

Esta violência usada como estratégia para as vitórias dos atletas acaba intensificando atos violentos de torcedores, em específico entre os organizados, que vão até o campo de futebol para torcer por suas equipes e, de alguma forma, pretendem colaborar com esse suposto conflito que acontece dentro dos campos, utilizando-se de estratégias contra outros torcedores, usadas e articuladas em forma de violência.

Norbert Elias (1992) aponta que o esporte no geral constitui-se de competições, confrontos envolvendo forças físicas, com organização a partir de regras existentes para diminuir os riscos de danos físicos, obrigando os adversários a manterem o controle em seus comportamentos.

Esses esportes estão cada vez mais levando torcedores a assistirem aos espetáculos. No caso do futebol, há dezenas de milhares de torcedores, que em muitos casos acabam agindo de forma não pacífica em relação às regras sociais, comportamento este observado entre os torcedores organizados. Elias e Dunning (1992) usaram o exemplo dos *Hooligans* para as observações acerca do comportamento destes torcedores.

O estudo de Norbert Elias sobre o esporte, na sua obra “A busca da excitação”, parte da Inglaterra, país que, a fim de restringir a violência, criou regras sociais que exigem um autocontrole dos participantes, sejam eles atletas ou torcedores, regras que foram exportadas por outros países.

O esporte, diante de toda sua competitividade acaba gerando atos violentos, atletas e torcedores acabam por vezes se excedendo em suas atitudes. Apesar de a violência estar presente na sociedade em todos os seus segmentos – equivalente a assaltos, homicídios, entre outros atos de violência existentes na sociedade –, no esporte esse padrão de comportamento vem gerando grande preocupação.

No Brasil, segundo o “Mapa da violência” (2012), passou-se de 11,7 homicídios em 100 mil habitantes em 1980 para 26,2 em 2010. Um aumento real de 124% no período.

No esporte brasileiro a grande repercussão gira em torno do futebol, principalmente porque as atitudes violentas dos torcedores não se restringem a brigas esporádicas nas arquibancadas, devido à rivalidade entre torcedores

deste ou daquele clube, às vezes ligeiramente motivados por algumas cervejas, extravasa o estádio, acarretando no registro de diversas ocorrências de brigas e depredações (CAPINUSSU, 1997, p.11).

Segundo reportagem colocada ao ar pela Rede Globo¹³, o sociólogo e professor do mestrado da Universidade Salgado de Oliveira, Maurício Murad, responsável pela compilação dos dados, os anos de 2012 e 2013 foram muito violentos para o esporte mais popular do Brasil, o futebol, com 30 mortes comprovadas por inquéritos policiais. No ano passado, 90% dos óbitos foram causados nas ruas. “O restante foi provocado dentro dos estádios mesmo que a pessoa tenha morrido fora”.

Para compor esse quadro, o ano de 2013 terminou com a trágica briga entre os torcedores do Atlético Paranaense e do Vasco da Gama, na última rodada do campeonato brasileiro, conforme relatado anteriormente.

A lógica interna de certos esportes pode ajudar a entender a violência. Contudo, é principalmente nas influências que a sociedade exerce no futebol que vamos encontrar explicações para a compreensão da violência nessa modalidade esportiva, foco do que se tratará a seguir.

2.2 VIOLÊNCIA NO FUTEBOL

Os temas abordados até aqui, de certa forma, têm grande ligação com o universo do futebol; atos de violência dentro da sociedade em geral se contextualizam com o esporte.

No Brasil, o futebol aparece com grande intensidade no cotidiano popular, sendo inclusive considerado elemento da cultura da sociedade brasileira, uma paixão identificada em grandes multidões que o acompanham.

Uma das explicações para considerar o Brasil, o país do futebol, segundo Gilberto Freyre (1948), é pelo fato de que o talento do brasileiro no futebol se dava graças a sua grande miscigenação de povos e de suas raças.

Esse envolvimento com o futebol no Brasil vem a ser construído ao longo de seus cinco títulos mundiais e pela capacidade deste esporte em atrair multidões. Durante esse período, o futebol ganhou força na população.

¹³ MURAD, Mauricio. **Entrevista ao programa Globo tv**. Disponível em: < <http://www.globo.com>>. Acessado em 09 de junho de 2014.

No que diz respeito aos atos de irracionalidade, exageros e até mesmo violência, pessoas inseridas em grandes grupos e multidões incentivam sua reprodução, conforme já citado no subcapítulo 2.1 e confirmado por Murad.

Em se tratando de um esporte que reúne várias pessoas, é preocupante a incidência de atos de violência que hoje em dia ocorrem em torno do futebol brasileiro, em específico nas arquibancadas, sendo os grupos de torcedores organizados os maiores envolvidos nestes atos.

Os grupos de vândalos ardorosos, minoria nas torcidas organizadas, mas que assustam e ameaçam os estádios de futebol no Brasil, são formados por jovens entre 15 e 24 anos. É claro que há pessoas mais velhas e mais jovens que essa faixa etária, porém nos referimos à maioria: jovens e homens (MURAD, 2012, p.56).

Esses grupos de torcedores têm atitudes de violência que mancham o futebol brasileiro, sendo que suas regras permeiam o desrespeito e tentam resolver quase tudo a base da força.

Não se pode generalizar, o futebol e seus torcedores ainda demonstram um aspecto de alegria e beleza, exibindo seus craques e até mesmo contando com a maioria de seus torcedores, que comparecem aos estádios para torcerem por suas equipes sem a prática da violência; porém, esta parcela pacífica está sendo ofuscada por atos de vândalos, que estão manchando uma das maiores riquezas esportivas do país que é o futebol. “Dados do Ministério da Justiça, de 2010, mostram o seguinte: as práticas de violência entre torcidas organizadas do futebol brasileiro são crescentes e preocupantes, mas ainda assim são inferiores aos números da violência geral no país”. (MURAD, 2012, p.29).

Apresentado em forma de quadro, temos dados de Murad (2012, p. 29) com relação ao “retrato da violência”. No trânsito, são 35 mortes por dia; pedofilia são 97 denúncias por dia; na prostituição infantil, o Brasil é uma das cinco maiores redes mundiais; a cada 15 segundos uma mulher é espancada no país; 35 idosos mortos e feridos graves por dia; e mais de 15 mil denúncias de violência a crianças e deficientes, em 2010. Isso sem falar em ocorrências e acontecimentos que acabam não sendo notificados, sem gerar registro.

A história nos mostra que já se convivia com essas tensões, mesmo em suas formas mais antigas, antes de 1863- com esta ambigüidade entre ser mais artístico e ser mais violento, ou até mesmo na coexistência dessas duas

dimensões. Talvez tal dubiedade seja uma das chaves para se entender a violência no futebol (MURAD, 2012, p.72).

O grande momento do futebol aconteceu na formulação de suas regras, em 26 de outubro de 1863, significando um maior controle sobre o esporte, bem como trazendo uma diminuição de atos violentos e controlando melhor ações que ferissem as regras sociais numa tentativa de auxiliar no processo de civilização da sociedade.

A rápida síntese da história do futebol apresenta desde seus primórdios momentos de tensão e relações de força entre dois grupos, ocasionando atos violentos em busca da vitória.

O futebol sempre representou, no Brasil, as contradições sociais, os dilemas dos brasileiros, e é um dos caminhos para entender nossa sociedade, desde sua formação étnica, de miscigenação, musicalidade e cultura corporal até os aspectos estruturais perversos: a concentração de renda, de poder e oportunidades. Através da experiência do futebol, podemos “ler” a sociedade brasileira no que ela tem de positivo e negativo (MURAD, 2012, p.80).

O futebol é uma das raízes culturais brasileiras, como o carnaval, a música, a dança, entre outras manifestações, que coloca o país em destaque internacionalmente e fornece uma identidade brasileira. “O futebol é uma grande representação social, um conjunto de retratos da vida brasileira que se revelam nos campos, nas torcidas, nas comemorações e nas organizações dos torneios” (MURAD, 2012, p.81).

Mas o futebol também revela as contradições e problemas sociais, tais como a corrupção e a violência presentes na sociedade. Os graves problemas sociais do país, somados com os problemas do futebol ajudam a entender um pouco da violência presente neste esporte brasileiro.

Dos problemas macro sociais brasileiros – por exemplo o subemprego, a educação e a moradia precárias, a desagregação da família e dos valores de cidadania, entre outros –, aqueles que mais aparecem no nosso futebol e auxiliam no entendimento das práticas de violência nesse esporte são, em primeiro lugar, a impunidade, seguida da corrupção (MURAD, 2012, p.39).

Segundo Murad (2012), um exemplo de impunidade no Brasil são as estatísticas oficiais de avaliação da Lei Seca, que mostram que mais de 92% das pessoas autuadas pagaram fianças e ficaram impunes.

Com relação à violência, Murad (2012, p. 42) constata que:

Em 2010, totalizou quase 500 mil detentos (494.237, segundo o Ministério da Justiça), enquanto a população geral do país, conforme dados do IBGE em 2010, ultrapassou a marca de 190 milhões e 700 mil pessoas. Portanto a população carcerária, que era de 148 mil em 1995, mais que triplicou até os dias atuais.

Murad (2012, p. 42) continua apresentando dados de que “A população brasileira cresceu 1,8 % de 1995 a 2010, e a população prisional cresceu, no mesmo período, 234%”.

O futebol tem sido um tema de relevância para os estudos de sociologia, não só a brasileira, mas mundial. Nesse contexto, a violência é um dos temas em destaque, sendo vastamente pesquisada, causando grande preocupação em decorrência da forma com a qual vem invadindo a realidade do futebol e dos seus torcedores. “Por intermédio do futebol, interpretações acerca da vida brasileira podem ser estabelecidas, uma vez que este esporte acompanha e representa a trajetória do país. Brasil e futebol - um ajuda entender o outro” (MURAD, 2012, p.83).

O Brasil exporta jogadores desde “1920/1930, que na maioria dos casos deixam o país” (MURAD, 2012, p. 83), buscando em outros centros futebolísticos segurança para suas famílias.

Atletas do futebol brasileiro que foram vítimas de assaltos nas ruas, agressões de torcedores¹⁴ são vítimas dessa violência presente no futebol brasileiro.

Atualmente, cresce cada vez mais esta exportação de jogadores brasileiros para o chamado “primeiro mundo”, e o que chama a atenção é que um dos maiores motivos para tal são os altos salários fora do Brasil e a violência que aqui se encontra, incluindo as torcidas organizadas, das quais jogadores brasileiros recebem ameaças de sequestros e até sofrem agressões em seus locais de trabalho.

O entendimento desses aspectos que envolvem a violência geral no Brasil ajuda também a entender a violência no futebol brasileiro. No futebol, um sinônimo de violência nos estádios, pode ser visto através da figura das torcidas organizadas, que, via de regra, são responsáveis por essa violência nos estádios.

¹⁴ Como o ocorrido em 2011, no Centro de treinamento do Corinthians, torcedores invadiram para agredir os jogadores após eliminação da pré-libertadores. A mesma cena se repetiu no dia 01 de fevereiro de 2014, cerca de cem torcedores do Corinthians invadiram o Ct Joaquim Grava para protestar pela goleada sofrida pela equipe do Santos. Os invasores entraram por um buraco no alambrado e tentaram chegar até os jogadores, que se preparavam para iniciar atividades no campo, o treino foi cancelado (TORRALBA, 2014).

As torcidas organizadas se constituem de indivíduos que necessitam fazer parte de um grupo, em alguns casos para não se sentirem à margem da sociedade. Diante desse cenário do desenvolvimento do esporte moderno e a violência que se apresenta em várias atividades sociais, entre elas o futebol, nos perguntamos: como compreender e aprofundar essa temática? Para responder a essa questão, optamos por abordar a teoria configuracional de Norbert Elias, além de focar na constituição de grupos sociais. Essa opção vai encaminhar o entendimento de torcidas organizadas de futebol no seu processo de formação nesse trabalho.

3 TEORIA CONFIGURACIONAL DE SOCIEDADE PARA A COMPREENSÃO DE FORMAÇÃO DE GRUPOS SOCIAIS.

3.1 TEORIA CONFIGURACIONAL DE SOCIEDADE

As questões presentes neste capítulo são: como entender a formação de grupos sociais, em específico de torcedores organizados? Por que acabam agindo de maneira transgressora às regras sociais? Qual a pista aberta por Norbert Elias em sua teoria configuracional, para o entendimento desta sociedade na qual o convívio em grupo torna o indivíduo mais pertencente e auto-suficiente numa busca de afirmação pessoal? Como se formam os mesmos a partir de uma teoria configuracional?

As obras de Norbert Elias possuem influência de diversas áreas. Entre elas a Sociologia, a Medicina, a Filosofia, a Psicologia, onde as disciplinas tinham ligação ao desenvolvimento do ser humano. Ele era um judeu fugitivo do nazismo, que foi para Gana, tendo sido logo exilado na França e na sequência na Inglaterra, onde se estabeleceu e se tornou professor na Universidade de Leicester. Nesta universidade, teve como orientando Eric Dunning, que lhe apresentou o fenômeno do esporte, mais especificamente, a violência das torcidas organizadas.

Em 1980, em sua obra “Introdução à Sociologia”, Norbert Elias aponta a sociologia configuracional e o seu modelo de análise. Sem dúvida um dos mais importantes escritos por ele, no qual demonstra claramente sua intenção e método para as análises de seus objetos de estudo.

Norbert Elias reconhece a forma positivista de análise da sociedade, mas questiona alguns aspectos expostos por Augusto Comte, um dos fundadores do positivismo. “Comte tinha boas razões para contar tão definitivamente com uma tradição filosófica em que se tinha procurado provar incessantemente que uma destas operações mentais deveria ter precedência sobre a outra” (ELIAS, 1980, p.37).

Toda ação prática e concreta terá uma ação em sequência, a análise verificada nestes atos especificamente falando leva-se a ter uma visão positivista, a qual Norbert Elias se baseou no começo de seus estudos, mas avançou em suas observações.

Para Norbert Elias (1980), a sociologia tem de ir além de simplesmente verificar os fatos visíveis, deve-se analisar o que está por trás do que está posto. Sendo assim, para Elias o que realmente importaria numa análise sociológica seria o que está por trás das atitudes. Aqui pensamos nos torcedores, ou seja, buscar um entendimento

acerca do que a sociedade está proporcionando a estes indivíduos pertencentes às torcidas organizadas, acerca do que está ocasionando a grande presença de jovens entre eles, assimilando atos violentos.

“Contudo, não se trata aqui de especulação filosófica, quer de tipo nominalista quer de tipo positivista, trata-se sim de, relativamente à teoria da ciência, estabelecer algo que possa ser verificado por observações detalhadas e, se possível, revisto” (ELIAS, 1980, p.24).

Uma importante característica da teoria configuracional de Norbert Elias (1980), apresentada em sua obra “Introdução a Sociologia”, seria uma grande preocupação com o reducionismo das ciências naturais, no qual o autor o vê como estático. Para compreender a sociedade, requer-se uma análise sociológica dinâmica, passando-se do ser individual ao ser social, autônomo e sujeito a modificações de acordo com a evolução da humanidade.

Dentre os objetivos dos estudos sociológicos de Norbert Elias, está a ampliação da visão na qual o objeto de estudo será analisado. O indivíduo será compreendido dentro de um todo, serão medidas suas atitudes e reações dentro de uma observação perante a configuração a que ele pertence. Afinal de contas, o fator crítico é a direção do desenvolvimento social em todos os seus aspectos, o desenvolvimento da teia de relações humanas como um todo (ELIAS, 1980, p.23).

Marchi Jr (2004) explica a forma que Elias entende a sociologia:

Elias aborda de maneira crítica e vigorosa, aspectos de História, Política, Psicologia e Sociologia, repensando temas fundamentais como o indivíduo e o grupo. Versa, essencialmente, sobre os padrões mutáveis de interdependências relativos às forças de poder entre os homens em sociedade. No entendimento de sua abordagem alguns pressupostos são colocados para uma reflexão crítica. O primeiro deles é o modo de alguns estudiosos tratarem a sociedade como objeto de estudo de sociologia, não tendo, contudo, a sensibilidade de perceber que os problemas e a sociedade são formados por nós e pelos outros. Daí decorre o equívoco de visualizar o objeto distanciado do pesquisador, ou seja, o que está sendo estudado não faz parte da realidade de quem o estuda (MARCHI JR. 2004, p.5).

Norbert Elias estudava o indivíduo e o grupo social, com uma liberação da visão egocêntrica da sociedade, se libertando do senso comum. Estudava as relações de poder entre os homens, demonstrando como se constituem certos poderes, estudos que permitem articulações com objetos de estudo mais variados, podendo servir de referencial para estas disputas de poderes existentes dentro das configurações, na busca

de verificar como acontece a manutenção e a obtenção de poder nestes grupos especificamente.

Podemos entender as relações estabelecidas por grupos de torcedores como “configurações”. Dentro dessas relações interdependentes, os indivíduos se relacionam com disputas de poderes tanto entre os pertencentes como os de outras configurações ou grupos.

Também nesta esfera as pessoas verificam que estão sujeitas a forças que as compelem. Procuram compreendê-las para que, com ajuda deste conhecimento, possam adquirir um certo controle sobre o decurso cego dessas forças compulsivas, cujos efeitos são muitas vezes destruidores e destituídos de qualquer significado, causando muito sofrimento (ELIAS, 1980, p.17).

Os indivíduos acabam adquirindo atitudes que refletem suas emoções, não conseguindo controlá-las, e quando isso acontece podem gerar situações não condizentes a de pessoas civilizadas.

Segundo Norbert Elias (1994, p. 20), “a vida social dos seres humanos é repleta de contradições, tensões e explosões”. A busca intensa pelo controle em seus comportamentos, dentro das configurações, faz com que os indivíduos se relacionem buscando assimilar certos comportamentos oriundos de atitudes de certos grupos, sendo uma forma de ser reconhecido e aceito nesta ou naquela configuração.

A ligação de Norbert Elias com a Psicologia fez com que ele entendesse as “forças compulsivas pelas pessoas, sobre as pessoas e para as pessoas”, uma vez que a sociedade trabalha constantemente com tais forças. Nas torcidas organizadas, isso é observável nos torcedores que cometem algum delito na defesa de seu símbolo, transgredindo algumas regras sociais impostas pelo Estado.

Indivíduos pertencentes a estes grupos agem de forma violenta quando são provocados por outros torcedores, muitas vezes, na tentativa de afirmação.

Um exemplo a ser citado, foi o ocorrido com um jovem torcedor do Corinthians, que atingiu um boliviano com um sinalizador, no ano de 2013, em um jogo pelo campeonato Libertadores da América. Atitude típica de um indivíduo que necessita buscar seu espaço perante o grupo, usando de violência contra outro indivíduo de torcida rival.

Esses atos são reprimidos pelas autoridades policiais, em certas vezes, com violência também, mas com legitimidade imposta pelo Estado.

Em suma, o autor procura um entendimento das realidades, analisando a sociedade como um todo, e tais relações são estabelecidas no esporte e na sociedade, tendo um controle nas relações de poder exercidas por certas pessoas para não se desestabilizarem, buscando o controle sem transgredir as regras sociais.

Norbert Elias (1980, p.13-16), em seus pressupostos teóricos da sociologia configuracional, surge com uma reorientação do conceito de sociedade, demonstrando que esta sociedade da qual se fala são as pessoas.

A sociedade, como se sabe, são todos os indivíduos, um indivíduo sozinho não é uma sociedade. “‘Sociedade’ pode significar, para os indivíduos, aquilo que a todos iguala, que barra o caminho da auto-realização ou do avanço da personalidade individual” (ELIAS, 1994, p.75).

Temos um livre arbítrio para tomar atitudes, mas muitas vezes, somos condicionados a agir de maneira que não concordamos, mas para um bom convívio dentro de uma sociedade, acabamos nos submetendo a certos atos.

Nas torcidas organizadas, essas atitudes condicionantes revelam atos de violência determinando a modificação de nossas personalidades. Somos moldados ao grupo em sua essência de sua formação, dependendo da forma a qual o grupo é liderado.

“Que tipo de formação é essa, esta ‘sociedade’ que compomos em conjunto, que não foi pretendida ou planejada por nenhum de nós, nem tampouco por todos nós juntos?” (ELIAS, 1994, p.13).

Os indivíduos acabam se envolvendo em grupos organizados de torcedores e adquirindo seus costumes sem perceber, motivados pelo momento ao qual vivem dentro da sociedade.

E, numa forma geral, todos os indivíduos pertencentes a esta sociedade, mesmo não fazendo parte desses grupos, são envolvidos em algumas atitudes, dando prova de que essa sociedade é formada por todos.

Quando algo é imposto em forma de lei tem que ser assimilado por todos os pertencentes à sociedade, sem exceção. Exemplos podem ser citados como a proibição de bebidas alcoólicas nos estádios, que foi uma medida imposta para todos e não só para os vândalos que causavam os problemas.

Em dias de clássicos no futebol, principalmente nas capitais do Brasil, os jogos acabam interferindo no trânsito e na segurança de parte da população da cidade, havendo nesses dias interrupções de ruas e avenidas, fazendo com que a polícia militar tenha olhos muito mais atentos a estes eventos do que em sua rotina.

“As configurações são formadas por grupos interdependentes de pessoas organizados em estados e não por indivíduos singulares interdependentes. Mas também aqui as unidades são aquelas às quais as pessoas se referem na primeira pessoa - não só o ‘eu’ singular, mas também o ‘nós’ plural, são experiências como se fossem totalmente autônomas” (ELIAS, 1980, p.31).

Norbert Elias (1980) aponta que configurações seriam um conjunto de indivíduos, nos quais existem teias de interdependências orientadas por forças compulsivas, sendo que teias são inter-relações entre as pessoas.

Podemos compreender forças compulsivas como as existentes na configuração de torcedores, onde seus impulsos e emoções são colocados à frente da razão em alguns momentos, gerando atos desaprováveis em nossa sociedade, em certas vezes ocasionando transgressões, que geram violência e até mesmo no dia-a-dia uma transformação da personalidade do indivíduo.

Brandão (2007), em sua obra “Os processos de civilização e o controle das emoções”, explica que para Elias o conceito da teoria configuracional, categoria central da teoria do processo de civilização, deve ser entendido sob os seguintes aspectos:

Primeiro que os seres humanos são interdependentes e somente podem ser entendidos como tais, já que suas vidas são desenvolvidas dentro de determinadas figurações sociais, sendo significativamente modelados por essas figurações, as quais são construídas por eles e entre eles. Segundo que estas configurações estão continuamente em fluxo, sofrendo trocas de diferentes ordens, algumas rápidas e efêmeras, outras lentas, porém, mais profundas. Terceiro, que estes processos de trocas contínuas, ocorridos nas figurações, possuem dinâmicas próprias, dentro das quais os motivos e as intenções individuais fazem parte, mas as dinâmicas das figurações não podem ser reduzidas a esses motivos e a essas intenções isoladas (BRANDÃO, 2007, p.91).

As torcidas organizadas podem ser vistas como configurações, nas quais ocorrem disputas de poder internas e externas, obedecendo quase sempre a uma liderança e a um ideal colocado como razão naquele grupo. As transformações ocorrem ao longo do tempo, e nestes grupos organizados, aqui neste trabalho encarados como configurações, existe uma teia de interdependência entre seus integrantes, que se apresenta como manipulativa, diante da maioria dos indivíduos – principalmente os jovens pertencentes, que buscam dentro da sociedade um espaço para sentirem-se parte deste “nós”, apresentado por Norbert Elias.

Dentro de uma análise sociológica, partindo dos conceitos apresentados por Norbert Elias do que é uma configuração e sua concepção de sociedade, tem-se como

objetivo entender as relações existentes entre os integrantes de uma torcida organizada. Como se dá a formação de grupos sociais, características destes grupos, que levam indivíduos a se identificarem nestes meios e fazerem deles uma de suas prioridades cotidianas? Grupos que, em certas vezes, agem de forma violenta, influenciando no cotidiano da sociedade.

3.2 CARACTERÍSTICAS E CONSTRUÇÃO DE GRUPOS SOCIAIS

Norbert Elias apresenta as configurações como forma de observarmos a sociedade, mostrando através desse conceito sua visão sobre a mesma. Diante desse entendimento do que vem a ser a “sociedade” e a violência que se estabelece diante dela, procuraremos neste sub-item nos aproximar do entendimento de como se formam os grupos sociais.

Nas leituras de Norbert Elias, nas quais o autor apresenta a formação de grupos sociais, verifica-se uma aversão a certas práticas sociais, existindo um autocontrole que restringe fortes emoções quando se está em público, dando início a uma assimilação de novos comportamentos e novas relações. A partir daí se dá, também, uma nova configuração, dentro da qual se estabelecem novas relações de poder.

Na obra “A política e a história”, Allain Garrigou e Bernard Lacroix, em 1997, usam os apontamentos eliasianos para entender alguns aspectos oriundos da sociedade. Dentre estes apontamentos, na segunda parte do livro, é mencionada a construção dos grupos sociais: da economia psíquica à arte de reagrupar-se, em que os autores demonstram numa escrita complexa, mas reveladora, o processo de uma formação de um grupo social. Com essa leitura, podemos aproximar do objeto de estudo dessa dissertação que são os grupos organizados de torcedores.

A ideia de pertencimento a um espaço social está relacionada com a formação de um autocontrole altamente regulado e diferenciado. Esse tipo de autolimitação seria lentamente condicionado e incorporado no indivíduo desde a tenra idade, requerendo um grau mais elevado de automatismo ao se tornar uma segunda natureza, que se desenvolve ao longo do tempo num constante movimento social e individual (ELIAS, 1994, p. 202).

Os indivíduos que buscam pertencer a um grupo social acabam se aproximando, na busca de uma semelhança a outros integrantes, para que o convívio neste ambiente seja satisfatório e para que aconteça uma melhor aproximação e aceitação neste grupo.

“Os indivíduos são condicionados socialmente ao mesmo tempo pelas representações que fazem de si mesmos e por aquelas que lhe são impostas pelos outros com quem entram em relação” (GARRIGOU, LACROIX, 1997, p.124).

É nessa audácia que se situa a pista aberta por Norbert Elias para uma sociogênese dos grupos sociais: tomar o "cérebro" dos homens como objeto de análise para observar o que se forma nele, essa capacidade de perceber-se como pessoa no espelho da sociedade, por isso mesmo, de reagrupar-se escolhendo como prova de sua singularidade sua pertinência a um grupo social reconhecida pelos outros (GARRIGOU, LACROIX, 1997, p.124).

Os indivíduos, quando vivem em sociedade, acabam sofrendo representações que os outros fazem deles próprios, e a partir delas acabam interiorizando outras representações pertencentes a grupos sociais.

A arte de se agrupar, elaborada por Garrigou e Lacroix (1997), apresenta um espaço em que os indivíduos notam em outras pessoas seus próprios interesses e formam assim grupos que se identifiquem, sendo essas formações distintas num espaço social, nas quais os indivíduos desejam estabelecer vínculos sociais permanentes.

Utilizamos de Garrigou e Lacroix para entender “A arte de se unir a seus semelhantes” para entender esses indivíduos que se procuram, e “quando se encontram se unem”, constituindo, a partir de então, um “poder que se vê de longe, e cujas ações servem de exemplo, que fala e que é escutado” (GARRIGOU, LACROIX, 1997, p. 132).

Isso seria o processo de articular a formação de um grupo, deixando-se parecer que os indivíduos podem, na presença de outros indivíduos com os mesmos interesses (grupos), se auto limitar a ações que sejam pertinentes aos interesses coletivos, causando nestes indivíduos novas concepções de sociedade.

Esta reconstrução de novos conceitos sociais aparece dentro desses grupos de forma não planejada (como apontado por Norbert Elias), e de certa forma orquestrada por um poder oriundo das relações existentes nestes grupos sociais, de certa maneira numa forma de concorrência. “A concorrência que agentes fazem entre si em torno da utilização de bens e de práticas aparentemente semelhantes está na origem de um reforço mútuo e paradoxal da diferença” (GARRIGOU, LACROIX, 1997, p.132).

Esses processos de concorrência apresentados nessas relações dentro da configuração acabam constituindo uma crítica a um suposto “mimetismo”.

Uma maneira comum de explicar a formação e a especificidade dos grupos sociais: a homogeneidade dos grupos proviria da imitação que indivíduos fazem dos outros (geralmente os mais desprovidos em relação aos mais dotados), utilizando dos mesmos objetos ou “macaqueando” então suas práticas (ELIAS apud GARRIGOU, LACROIX, 1997, p.132).

Nota-se, nestas relações, não somente uma sistemática de domínio do mais dotado para o menos prevaletido, mas também numa difusão de concorrência e na própria adaptação e maneiras de agir dentro de certos grupos.

Os indivíduos, quando entram em algum grupo, acabam se espelhando nos integrantes mais antigos, reproduzindo suas ações que, para aquele momento e naquela formação grupal, é pertinente para a sua aceitação, gerando cada vez mais uma forma homogênea de pensar e agir sobre certas realidades na sociedade.

Cada nova imitação acaba reproduzindo novas práticas que não mais correspondem às práticas observadas inicialmente, havendo modificações no decorrer do processo. “Esse esquema se revela particularmente pertinente para reconstituir a fabricação da diferença (ou da semelhança) dentro dos grupos ou entre os grupos” (GARRIGOU, LACROIX, 1997, p.133).

Exemplificando e nos aproximando do objeto de estudo deste trabalho estão as organizações de torcedores de futebol. Essas organizações (chamadas de torcidas organizadas) advêm de uma liderança, que se reproduz como se existisse um código de comportamentos coletivos, que são alternadamente interiorizados por seus integrantes, de diversas formas na tentativa de pertencimento a um grupo.

Para pertencer a grupos de torcedores existem regras de comportamento que são cobradas. Quando há o não cumprimento dessas regras de comportamento, existe o que poderíamos chamar de limitações de comportamentos que são incompatíveis ao espírito daquele grupo em especial. Essas limitações de certas práticas excluem os mesmos do convívio com o grupo. São atitudes verificáveis nos comportamentos de indivíduos, que alternam suas personalidades no decorrer de sua convivência e ao longo do processo dentro deste grupo.

A presença de indivíduos no grupo, às vezes, traz problemas para eles mesmos nas suas vidas fora dos grupos. Seria o próprio rótulo do grupo que traz problemas para os indivíduos. Garrigou e Lacroix (1997), em suas escritas sobre grupos sociais, ressaltaram a importância de como esses mesmos indivíduos que pertencem a certo grupo agem e se comportam quando estão fora dele.

A representação que eles têm de si mesmos está exposta diretamente àquelas que aqueles que lhes são exteriores lhes remetem. O que está em jogo então, exatamente, é a própria noção de grupo: recusada por aqueles indivíduos que "se pensam por diferença em relação a outras elites", ela reaparece por intermédio "daqueles que se definem a si próprios contra ele" (GARRIGOU, LACROIX, 1997, p.136).

Com base em Garrigou e Lacroix, podemos inferir que mesmo sobre indivíduos que se sintam pertencentes a um grupo social, convém assimilar as normas do grupo no qual pretendem ser inseridos, entendendo sua própria formação em seu contexto e princípios sociais do passado e de sua formação, enquanto indivíduo pertencente a uma sociedade.

Garrigou e Lacroix (1997, p.137) utilizam-se de Goffmann (1987, p.120) para demonstrar que “a arte de reagrupar-se pode estimular os indivíduos a compor grupos em determinados lugares, precisamente aqueles nos quais eles vão poder reencontrar seus semelhantes, ou aqueles nos quais vão descobrir os ‘outros’” (aqueles com quem talvez não seja preciso estabelecer uma ligação, qualquer que ela seja).

Em função do exposto, podemos pensar nas torcidas organizadas de futebol a partir de um suposto espaço no qual se apresenta uma formação de grupos sociais, sendo que em certas vezes são os atos de violência que acabam sendo intensificados e absorvidos nas relações, dentro das configurações de grupos de torcedores. Essa situação pode conduzir alguns indivíduos à prática da violência numa suposta tentativa de se mostrarem pertencentes a este grupo. Seria essa a principal lógica das torcidas organizadas de futebol?

Essas formas de se viver coletivamente acabam modificando a forma original de viver desses torcedores? Dentro dessas configurações designadas como grupos, os indivíduos acabam por adotar uma definição social que seja mais reconhecida pelos outros integrantes?

Mediante as questões levantadas, continuamos com a leitura de Garrigou e Lacroix, com o intuito de levantar pistas para pensar a lógica da organização de grupos, nesse caso das torcidas. Esses autores apontaram que Norbert Elias ataca em seus estudos uma hipótese que Freud não tinha enfrentado em seus estudos, quando apontava que na formação psíquica “a conservação do passado é mais uma regra do que uma estranha exceção”. Nessa linha de raciocínio, “se distingue e enfatiza o sofrimento e o perigo provocados por nossas relações com os outros nas sociedades modernas”. A hipótese que Elias ataca seria “aquela necessidade, para o homem civilizado, de viver

em sociedade em grupos, quando ela é o remate de um processo de individuação ou, em outro terreno, o problema da influência das condições da civilização instaurada nos ‘homens de antigamente’” (GARRIGOU, LACROIX, 1997, p.125-126).

Para Garrigou e Lacroix (1997), a constituição de grupos sociais apresenta rupturas históricas, psicológicas e sociais ao longo do tempo, na tentativa de desvendar a formação de grupos sociais, apresentando a formulação de três tipos de homens que é o “homem equilibrado”, o “homem moderado” e o “homem evoluído” na tentativa de entender a indivíduo na formação de grupos.

Garrigou e Lacroix (1997, p.126) apresentam que o homem equilibrado é aquele que convive em grupo, e quando é automático pensar de forma igual ao seu companheiro, não age de forma parecida, não toma atitudes também similares. “As ciências sociais subentendem que o equilíbrio mental de diferentes categorias de indivíduos seja automático” (GARRIGOU, LACROIX, 1997, p.126).

O homem equilibrado seria aquele que interioriza os conhecimentos sociais e produz o equilíbrio mental enquanto as próprias relações mudam e a sociedade se diferencia, permitindo um controle de suas tensões dentro de um padrão de civilidade humana.

Um equilíbrio psíquico é fundamental nas inter-relações entre os mecanismos sociais e mentais do indivíduo, é fundamental assimilarmos os fatores históricos da nossa sociedade junto às exigências impostas por nossas questões privadas e específicas, características do nosso cotidiano (GARRIGOU, LACROIX, 1997, p.126).

Para conhecer mais do indivíduo, deve-se observar o grupo com o qual ele convive socialmente. Nas torcidas organizadas, a figura do homem equilibrado aparece como aquele que, mesmo fazendo parte de um ambiente, faz prevalecer seus conceitos históricos de civilidade, não se deixando envolver tanto nas emoções.

Para Garrigou e Lacroix (1997, p.128), o homem moderado já é visto como um moderador psíquico, pois com um aumento da cadeia de interdependência verificada nos grupos sociais, foi se estabelecendo uma maior racionalidade individual (homem civilizado), na qual os indivíduos moderam e controlam seus comportamentos e emoções perante qualquer pessoa. Os pertencentes a grupos constroem sua identidade pela representação que fazem de si mesmos e por observações de seus semelhantes.

Essa concepção de homem moderado está muito ligada ao desenvolvimento do autocontrole para um bom convívio em sociedade e em grupos sociais.

Nos grupos de torcedores organizados, a figura do homem moderado é representada por aquele torcedor que adquire certas atitudes interiorizando-as, mas dentro de uma civilidade e controle emocional sabe diferir em certos momentos o certo do errado, dentro dos padrões de comportamentos da sociedade em que vive. Não extrapolando suas emoções de maneira que se torne um transgressor das regras sociais, principalmente em atos de violência contra outros torcedores.

O interesse dessa segunda retomada da economia psíquica reside principalmente no fato de que situar no tempo e no espaço as conjunturas nas quais certas transformações do estado de uma estrutura social se encadearam para resultar numa nova configuração (GARRIGOU, LACROIX, 1997, p.129).

Os grupos sociais e o indivíduo se moldam de acordo com as mudanças sociais e mesmo com suas diferenças acabam se identificando e criando costumes, comportamentos, atitudes e restrições próprias ao grupo, na longa duração de um processo civilizador.

Numa comparação entre o homem equilibrado e o homem moderado, a maneira de agir perante o grupo, pensando o homem equilibrado, é mais levada em conta toda sua história e cultura recebida em seus anos de vida; já segundo a lógica do moderado, ele também age com certa civilidade em momentos de euforia, mas deixa-se envolver em outros momentos, aparentando a influência do grupo, mas sem perder o controle de suas emoções.

O terceiro instrumento de observação da sociologia, para o entendimento acerca do indivíduo pertencente a grupos, seria o “homem evoluído”, aquele que se molda de acordo com o tempo e os demais integrantes, mas sem perder suas características principais, evolui apenas num fator oriundo de uma constante mudança nas estruturas sociais.

O comportamento de outros indivíduos dentro de um grupo influencia os demais, os pertencentes vão se adaptando para que permaneçam inseridos. Seria o que Elias entende como os processos dispersos e não planejados da construção dos grupos sociais, na tentativa de se aproximar da razão pelas quais as pessoas se reúnem em grupos e agem de certa maneira.

Tentamos aqui uma reflexão para visualizar se poderíamos ver essa terceira exposição de Garrigou e Lacroix, que seria o homem evoluído, como uma forma de definir alguns integrantes de uma torcida organizada, em que o indivíduo se molda de

acordo com as ações do grupo. Sabemos, aqui, que essas características estão inseridas no processo civilizador, em que grupos dentro de um contexto espacial e temporal possuem características próprias. No entanto, tentamos uma aproximação desses conceitos para visualizar grupos específicos, que também levam a bagagem histórica e cultural de um grupo, no caso, de brasileiros.

Um torcedor integrante desses grupos acaba agindo de forma igual ao seu companheiro, em grande parte dos momentos, deixando-se influenciar numa forma de pertencimento e aceitação mais rápida.

De acordo com a evolução das ações do grupo, esse indivíduo pertencente também vai seguindo o mesmo rumo dos demais, gerando cada vez mais identificação com os outros integrantes, mesmo que estas atitudes sejam de atos de violência, envolvendo as torcidas organizadas.

Diante do entendimento e das características apresentadas por Garrigou e Lacroix (1997), na construção dos grupos sociais, podemos nos perguntar: qual o tipo de homem apresentado poderá nos ajudar a explicar ações de grupos de torcedores que agem por meio da violência? Nas páginas que seguem, abordamos como este indivíduo faz para pertencer a um grupo social.

3.3 COMO PERTENCER A UM GRUPO SOCIAL

Os indivíduos que se encontram em um espaço social, e que se percebem com algo em comum entre si, tendem a se unir e a viver em grupos. Às vezes, essa união e convívio ocorrem até mesmo sem essa percepção.

Essa formação de grupos só é possível se forem observados entre os integrantes vínculos sociais e algumas semelhanças para que haja tal difusão e agrupamento numa estrutura social.

Essas semelhanças podem ser verificadas instantaneamente, quando se começa a fazer parte de um grupo, ou até mesmo se fazendo necessário adquirir certas práticas em comum naquele grupo para sentir-se pertencente.

Lembrando que o objeto de estudo deste trabalho é a torcida Trem Fantasma em Ponta Grossa, apresentaremos dados referentes à construção desse grupo com o intuito de compreender como ele se formou e se mantém. Nas torcidas organizadas de futebol, na Trem Fantasma, especificamente, os integrantes demonstram nas entrevistas e observações a forma como agem nos dias de jogo.

Em dias de vitória do time do Operário, esses integrantes ficam animados e eufóricos numa circunstância positiva, já nas derrotas existe aquele clima de tristeza geral.

Atitudes são comuns entre eles, como quando seguem nas ruas após o jogo até sua sede que fica próxima ao campo. Nas vitórias, é um semblante de alegria pura. Sobem a rua cantando “Operáriooooo, Operárioooo, Operáriooooo”, num clima de total alegria em comum de todos os integrantes. Ao passo que nas derrotas, uma tristeza e desânimo, a ponto de explodir em qualquer situação que seja desafiadora a sua equipe ou aquela derrota.

São indivíduos de formações diversas. No grupo da torcida Trem Fantasma existem advogados, professores, comerciantes, estudantes, desempregados, que quando estão neste grupo vestem a mesma camisa em busca de um só ideal, que é apoiar a sua equipe no campeonato paranaense de futebol.

Obedecer a códigos de comportamentos coletivos, acompanhar o grupo ao qual pertence, em atitudes às quais certas vezes são contrárias à educação que receberam, tendo em vista seus princípios de educação e conduta, são requisitos básicos de pertencimento a um grupo social. Essa situação pode ser entendida como se segue: “Inúmeros grupos sociais são pensados como entidades coletivas sem levar em conta sua forma primária, graças a um ‘objetivo mais elevado e de maior valor social’” (GARRIGOU, LACROIX, 1997, p.138).

Grupos de pessoas se unem em um primeiro momento apenas por suas semelhanças, mas com o tempo, a fim de continuarem sendo aceitas, acabam modificando seus comportamentos, como se verifica em grupos organizados de torcedores de futebol, nos quais indivíduos de histórico não violento acabam se envolvendo em atos de violência para adquirir, perante seus integrantes, um maior fator de pertencimento e aceitação.

O ato de pertencer a um grupo, certas vezes, trata-se de desfamiliarizar alguns conceitos e comportamentos aos quais o indivíduo foi acostumado ao longo de sua vida, trazendo para si outros modos comuns àquele grupo (GARRIGOU E LACROIX, 1997).

Indivíduos pertencentes a torcidas organizadas de futebol se reúnem em suas sedes para ingerir bebidas alcoólicas. Não são obrigados a ingerir, mas o fato de estarem juntos e procederem da mesma forma que a maioria do grupo, traz a eles um maior pertencimento e aceitação perante os demais.

Atitudes coletivas e constantes tentativas de pertencerem, e serem respeitados, em grupos de torcedores organizados fazem com que indivíduos entendam que a lógica de pertencimento a tais coletividades inclui a necessidade do uso de violência e de certas atitudes não condizentes com suas formações. Transformando os ambientes nos quais estão inseridos em influenciadores de atos hostis não comuns à formação inicial de suas vidas.

4 TORCIDAS ORGANIZADAS DE FUTEBOL ENQUANTO GRUPO

As torcidas organizadas de futebol vêm ocupando espaço dentro dos estádios de futebol e ao mesmo tempo se tornando preocupantes perante a sociedade brasileira. Alguns autores, como Carlos Alberto Máximo Pimenta, tiveram uma significativa contribuição para debater e aprofundar-se nas causas da dimensão violenta do futebol brasileiro. O autor, em sua obra “Torcidas Organizadas de Futebol: violência e auto-afirmação – aspectos da construção das novas relações sociais”, une duas qualidades que ampliam as possibilidades do entendimento do mesmo sobre o assunto das organizadas: de um lado a análise crítica de um pesquisador e por outro a experiência de ter sido um jogador de futebol.

A intenção de utilizar esse autor é a de que nos apossamos do que já se produziu sobre torcidas organizadas, para então nos aproximarmos cada vez mais do entendimento do objeto de estudo da presente pesquisa, buscando aprimorar os conhecimentos e entendimentos desta violência inserida nesses grupos de torcedores no futebol.

O futebol no Brasil, na medida em que foi ganhando espaço e organização ao longo de sua história, reuniu vários simpatizantes e praticantes. Em pouco tempo, as pessoas foram tomando gosto pelo esporte e começaram também a se identificar com os clubes, sendo que atualmente é o esporte mais popular do país.

“A institucionalização do ‘jogo de bola’ reproduz um envolvimento entre torcedor/jogo/jogador que gera padrões de comportamentos diferenciados dos convencionados pela sociedade” (PIMENTA, 1997, p.64).

Com o aparecimento das torcidas, acabam se criando duas distinções de torcedores, um deles o torcedor comum, que:

É aquele que frequenta os estádios de futebol para assistir a um jogo ou torcer para uma determinada agremiação, sem se vincular, associativamente, a um grupo de pessoas e, por sua vez, torcedor organizado é o torcedor que se associa a um determinado grupo, assimilando os padrões de comportamentos cultuados (PIMENTA, 1997, p.67).

Conforme Pimenta (1997), as torcidas organizadas – que antes estavam mais associadas a alegrias, festividades e celebração dos passes de uma partida – atualmente abrem espaços para momentos violentos e agressivos, pressionando seus times quando eles não obtêm resultados satisfatórios.

Com base em Pimenta (1997, p.78), podemos entender a torcida organizada como um agrupamento de pessoas simpatizantes de um clube de futebol, sem fins lucrativos, estruturado de forma relativamente burocrática, com o objetivo de incentivar o time durante os jogos e defender a integridade do grupo nos momentos de confrontos físicos ou verbais com os adversários. Essas pessoas são geralmente rapazes que se organizam para escolha de presidentes, líderes e diretores, e são feitas reuniões nas sedes das torcidas.

Essa compreensão de torcida organizada pode ser utilizada para caracterizar a torcida Trem Fantasma do Operário Ferroviário Esporte Clube, que consiste num grupo de pessoas residentes na cidade de Ponta Grossa, no Paraná, que tem como principal objetivo incentivar a equipe em dias de jogos. Porém, ao mesmo tempo em algumas situações, como exemplo o relato de uma briga na cidade de Paranaguá durante uma partida do campeonato Paranaense, este grupo também se apresentou unido para defender seus integrantes. Em situações em que se sintam agredidos, tanto na forma de violência verbal, quanto física, os membros se ajudam mutuamente.

A Trem Fantasma apresenta uma sede, próxima ao Estádio Germano Krueger, campo do Operário Ferroviário, no bairro de Oficinas, onde serve de concentração para dias de jogos e de reuniões para serem estabelecidas metas para serem cumpridas, tanto em dias de jogos como durante a semana, para que exista o funcionamento da mesma.

Na leitura de Pimenta (1997), conseguimos visualizar que a estrutura administrativa das torcidas organizadas tem aspectos militaristas. Contemplando estratégias de ataque e defesa, esses grupos se identificam por diversas formas. Identificamos, nessa leitura, algumas dessas formas como a sua vestimenta, os cânticos de guerra, as transgressões nas regras sociais, as coreografias e o sentimento de pertencimento ao grupo.

No estádio Germano Krueger, casa oficial do Operário Ferroviário, este grupo organizado de torcedores apoia sua equipe com cânticos de incentivo e provocativos a outras equipes. Em alguns momentos, estes cânticos são destinados de maneira ofensiva aos árbitros, como: “Ah, ah, ah, se roubar vai apanhar” e “Ei juiz, vai tomar no.....”.

Os torcedores, que são responsáveis pelo espetáculo das arquibancadas, criam seus próprios cânticos de incentivo à sua equipe, elaboram bandeiras (como indicação na foto a seguir), identificam-se também pela vestimenta (bermuda e camiseta da torcida ou oficial do time e em dias de frio com agasalhos pretos), preenchendo os estádios com as cores de sua equipe (sendo as cores preta e branca as predominantes)

como forma de incentivo, contribuindo e colaborando de alguma forma para que seu time obtenha os resultados esperados. Essa descrição permite imaginar que a torcida organizada seria uma das maneiras encontradas pelo indivíduo para se sentir pertencente a um grupo, no contexto do futebol, numa possível inter-relação entre os integrantes numa configuração de aceitação do indivíduo. A participação da torcida pode ser observada na imagem a seguir.

Imagem 1: Torcida Trem Fantasma durante um jogo no Estádio Germano Krueger.



FONTE: <<http://www.organizadasbrasil.com/torcida/TORCIDA-TREM-FANTASMA-433.html>>.

Os times de futebol que adquirem um caráter de empresa, com fins lucrativos e grandes rentabilidades, acabam despertando um amplo mercado de negócios.

Pimenta (1997), no atual cenário do futebol brasileiro, observa pressões competitivas no que diz respeito à disputa de recursos e por atuais inovações no esporte profissional, em face da presença marcante da “profissionalização” e “comercialização”, bem como da sua inter-relação com os meios de comunicação. São exemplos dessa pressão, a disputa por profissionais com competência de gerenciamento, profissionais do *marketing*, para obtenção de fontes de recursos (como a cessão de direitos federativos sobre a imagem do atleta e verbas de televisão), inserção de novas estratégias para obtenção de recursos (parcerias com empresas, patrocínios) e as arenas multiusos.

Álvaro Melo Filho, membro da FIFA, afirma que:

Com efeito, é inegável o caráter econômico e corporativo do esporte, que gera fluxos monetários nos mais variados âmbitos: artigos desportivos (chuteiras, vestuário, bolas etc.), espetáculo desportivo (cobrança de ingressos para assistir às competições), retransmissões desportivas (direito de retransmissão por TV aberta, canais fechados ou pelo sistema *pay per view*), mercado de trabalho desportivo (atletas, técnicos, preparadores físicos, árbitros etc.), publicidade e patrocínio (nas arenas, praças estádios desportivos), imprensa desportiva (comentaristas, locutores, repórteres, crônica especializada etc.), infraestrutura e equipamentos desportivos, medicina desportiva (médicos, psicólogos, fisioterapeutas, massagistas etc.) e seguros formalizados para cobrir os riscos da prática desportiva e dos espectadores são apenas alguns exemplos (MELO FILHO, 2004, p.93).

Partindo da compreensão do campo esportivo, já relatado nesta dissertação, pode-se entender que, por meio do futebol – que num primeiro momento se apresentava como opção de lazer para os envolvidos com integração e convívio social –, agentes passaram a vislumbrar “um mercado potencial e uma oportunidade de negócios”. Nesse contexto, o torcedor é visto como consumidor e o atleta é visto como mercadoria para os clubes. E, neste mesmo viés, os clubes são vistos como empresas que precisam de parceiros para suas atividades.

Na lógica das torcidas organizadas de futebol, podemos entendê-la como empresa e como consumidora. Empresa, na medida em que também disponibiliza artigos (como chaveiros, camiseta, bebidas, agasalhos personalizados) para venda. Consumidores, em função do consumo do esporte nas arquibancadas. Conforme o futebol vai se modernizando e se mercantilizando, isso também acontece com as torcidas organizadas.

No contexto futebolístico, as "Torcidas Organizadas" nas feições atuais nascem como um mecanismo de pressão perante o clube e como um componente ativo do jogo de futebol, gradativamente ganham corpo, assumindo um espaço cada vez maior para suas manifestações nos estádios e na sociedade (PIMENTA, 1997, p.67).

Atualmente, as torcidas organizadas se apresentam em um caráter muito mais complexo, como se fossem organizações, com seu próprio Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica, estatutos e sistematizações oriundas da mercantilização do futebol.

A torcida Trem Fantasma possui caráter sem fins lucrativos. Para viagens e despesas de ingressos, cada integrante faz sua parte para contribuir e, na sede da torcida,

vendem-se bebidas alcoólicas e não alcoólicas, gerando um caixa e uma receita para manter a sede em termos de aluguel e gastos com a manutenção do espaço.

Mediante a profissionalização e comercialização do futebol, apresentam-se, para grupos de torcedores, alternativas para estabelecerem relações que gerem um possível comércio, nem tanto para obtenção de lucros, mas para gerar rendas para o pagamento dos custos cotidianos empregados para acompanharem suas equipes nos jogos (compras de ingresso, viagens), confeccionar bandeiras e também para a compra de bebidas antes dos jogos.

Em outra direção, no sentido de descrever essas torcidas, podemos apresentar um quadro complementar a partir dessa forma de viabilizar o funcionamento das torcidas, o acompanhamento das equipes para os jogos. Seria a ideia de, para o incentivo das suas equipes, utilizar ações que ultrapassam limites de socialização. Dito de outra forma, “As torcidas organizadas surgiram no final dos anos 60 e início dos anos 70. Assumiram posturas de participação direta no evento esportivo, promovendo manifestações que iam desde o incentivo à vitória até as transgressões das regras sociais” (PIMENTA, 1997, p.77).

As torcidas organizadas ganham corpo não somente nos estádios, mas também em formas de grupos sociais, com seus próprios padrões de comportamento e com uma intensa disputa entre um grupo e outro, atraindo a atenção principalmente de jovens.

De acordo com Murad (2012), esses jovens percebem nos grupos um espaço no qual se sentem aceitos e importantes, são ouvidos e valorizados, sendo atualmente a maioria dos componentes desses grupos.

Por meio de observações feitas no acompanhamento dos jogos do Operário nos anos de 2012 a 2014, na torcida Trem Fantasma, a presença de jovens é uma constante, tanto aqueles que vivenciam o dia-a-dia da torcida, como os que só ficam junto com o grupo na hora do jogo. Esses que só participam nos dias de jogos, se apresentam com a vestimenta do grupo e assumem, nesses momentos, as posturas e atitudes do restante da torcida.

Fazendo um paralelo dessa situação com o contexto das torcidas organizadas em período de globalização, apontamos que estas ganharam grande repercussão na Europa, pela figura dos *hooligans*, e na América do sul, com os *barra bravas*. Essas torcidas ganham as páginas dos noticiários como grupos organizados que usam a violência como um dos seus cartões de visitas para outros grupos rivais. Tanto que, vários integrantes

da torcida *barra bravas* foram impedidos de ingressar no Brasil para a Copa Fifa 2014, por terem sido identificados na fronteira entre Brasil e Argentina¹⁵.

Considerando esse contexto, cremos ser de suma importância retornar a um cenário macro para demonstrar como a questão da violência se instaura em grupos de torcedores. A ideia é fazer esse movimento entre o singular e o plural, numa tentativa de apreender esse fenômeno dentro de sua complexidade. Para isso, destinamos nas próximas linhas um pouco da história de duas torcidas da Europa e América do Sul.

4.1 TORCIDAS ORGANIZADAS NA EUROPA E NA AMÉRICA DO SUL

Entre as torcidas violentas, destaca-se os "Hooligans" e os "Barras Bravas". A Inglaterra partilha a origem tanto do futebol quanto da manifestação da violência nas torcidas. No que diz respeito a torcidas organizadas de futebol, não se pode deixar de abordar o fenômeno dos *hooligans*, nome dado ao grupo de torcedores que se organizam em prol de torcer e defender o nome de seu clube na Europa.

Em 1960 surgem os "*hooligans*", termo vindo da Inglaterra ligado ao nome de uma família irlandesa que viveu em Londres, no fim do século XIX. Devido às características de violência e não socialização de seus membros, esse termo passou gradativamente a designar os jovens que se organizavam em gangues (COSTA, 1993, p. 25).

Elias e Dunning (1992, p.176) descrevem o seguinte com relação aos atos ilícitos dos *hooligans*:

[...] podem tomar a forma de uma luta corpo a corpo apenas entre dois adeptos rivais ou entre centenas de fãs de cada lado. Por vezes usam-se armas - navalhas de ponta e mola e navalhas Stanley, que se dissimula com facilidade, sendo as favoritas na fase atual - nos incidentes mais sérios. Os confrontos de hooligans no futebol podem também assumir a forma de lançamento pelo ar, usando-se como munições projéteis que se classificam desde artigos inofensivos, como amendoins, pedaços de casca de laranja, caroços de maçã e copos de papel, até outros potencialmente mortais, como dardos, discos de metal, moedas, cadeiras partidas, tijolos, placas de cimento, esferas de rolamentos, fogos de artifícios, bombas de fumo e, como aconteceu em uma ou duas ocasiões, garrafas de petróleo.

¹⁵ Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2014/06/brasil-ja-barrou-32-barra-bravas-argentinos-segundo-ministerio.html>>. Acesso em: 27 jun. 2014.

Desde seu aparecimento, os *hooligans* acabaram direcionando uma imagem de arruaceiros, baderneiros e violentos, criando um perfil desordeiro ao torcedor organizado, fazendo uma ligação entre o jogo de bola e a violência nas arquibancadas.

A violência entre torcedores organizados de futebol acompanham o desenvolvimento do esporte, conforme diversos momentos trágicos que marcam sua história. Esta realidade pode ser visualizada a partir do quadro a seguir:

Quadro 1: Violência entre torcedores organizados de futebol.

ANO	PAÍS	FERIDOS	MORTES	TOTAL
1946	Inglaterra	500	33	533
1957	Itália	120	-	120
1959	Itália	65	-	65
1964	Peru	500	350	850
1964	Turquia	84	-	84
1966	Cairo	300	-	300
1967	Turquia	600	41	641
1968	Argentina	113	73	186
1971	Escócia	150	66	216
1977	Alemanha	70	-	70
1981	Colômbia	45	18	63
1981	Grécia	54	21	75
1982	Moscou	-	60	60
1982	Colômbia	100	22	122
1982	Holanda	-	50	50
1985	Inglaterra	200	53	253
1985	México	50	8	58
1985	Bélgica	150	41	191

Fonte: (PIMENTA, 1997, p.71).

Vários atos de violência foram notificados por torcedores no mundo todo, com participações dos *hooligans*, demonstrando que o pertencimento a estes grupos organizados de torcedores pode ser visto como sinônimo de violência.

Na América Latina, a violência entre torcedores aparece em tempos mais recentes do que no Brasil.

Os torcedores organizados, mais especificamente na Argentina, são chamados de "barras bravas", exemplificado com os torcedores da equipe argentina do clube Boca Juniors, torcedores que sempre tiveram conflitos com policiais, envolvimento com mortes, badernas e arruaças geralmente aos arredores do estádio e em dias de jogo do Boca (GRABIA, 2012, p.111).

Em termos mais específicos, “*barras bravas* começa a surgir na América Latina no início da década de 1980, com práticas semelhantes ao hooliganismo inglês, promovendo uma história de anarquias e mortes” (PIMENTA, 1997, p.73).

O envolvimento de seus integrantes e a paixão pela bandeira da torcida e do time escolhido transforma-se em fanatismo exacerbado e violento, colocando os *barras bravas* no mesmo patamar, ou até mesmo acima, dos *hooligans*, uma vez que os grupos de torcedores argentinos se organizam de tal forma que se envolvem politicamente, tanto dentro das diretorias de seus próprios clubes, quanto diretamente no parlamento do país (GRABIA, 2012).

Grabia (2012), jornalista argentino, descreve o desenrolar da La Doce, principal *barra brava* da Argentina, pertencente ao Clube Boca Juniors. Quem foram seus líderes e como foi o envolvimento dessa torcida com o clube e com a política, demonstrando também o caminho percorrido por um integrante para se tornar um líder da torcida.

A presença da violência nas torcidas organizadas se espalha em todo mundo, na Argentina, com os *barra bravas*, na Europa com os *hooligans*, mas são apenas exemplos significantes desses grupos, que atualmente assustam o futebol mundial nas suas arquibancadas, dividindo espaços com torcedores considerados comuns.

Esses grupos de torcedores possuem várias formas de manifestação na Europa e na Argentina. Já no Brasil, um aspecto preocupante e relevante é a grande presença de jovens nesses grupos e sua identificação em relação a tal violência que atualmente se faz presente.

Diante desse panorama, apresentamos nas linhas seguintes como se formaram as torcidas organizadas no Brasil.

4.2 TORCIDAS ORGANIZADAS DE FUTEBOL NO BRASIL

O Brasil não ficou imune ao processo descrito anteriormente. Temos disponível uma literatura que realiza esse mapeamento. Iniciamos com a informação de que “No Brasil em 1940, alguns grupos de torcedores apareceram com o objetivo de torcer por seu time do coração, sem um caráter violento impregnado na hora da demonstração de amor ao time” (TOLEDO, 1994, p.93). Naquele momento, grupos de torcedores se vestiam com as camisas de seus times e se encontravam antes dos jogos para ir aos estádios torcer por suas equipes.

Em 1942, aparece a primeira torcida uniformizada no Brasil, mais especificamente no Rio de Janeiro, conhecida como Charanga do Flamengo, com o objetivo de apoiar sua equipe de futebol nos dias de jogos. Simultaneamente em São Paulo, aparecia a Torcida do São Paulo, com os mesmos propósitos e características,

“tendo sua estrutura baseada em uma pessoa no comando, o chefe de torcida, geralmente esta pessoa é envolvida com a organização institucional do futebol, com a parte política, com a direção, ou era funcionário dos times” (TOLEDO, 1994, p.94).

Iniciava naquele momento a constituição das torcidas organizadas, que dia após dia ganhavam espaço nas arquibancadas demonstrando sua organização através de suas vestimentas, bandeiras, hinos, cânticos e do número de pessoas, que era representativo na época.

Segundo Pimenta (1997, p.77), é a partir dos anos 1960 e 70 que as torcidas organizadas começaram a aparecer com mais força no Brasil, tomando forma de organizações, devido ao aumento no número de integrantes e também à transformação de seus objetivos, adquirindo algumas atitudes que acabam transgredindo comportamentos sociais adequados – em suma, na forma de violência.

O primeiro grupo de torcedores com aspectos de torcida organizada no Brasil foi a Gaviões da Fiel, em 1969. Segundo Toledo (1994), essa torcida foi crescendo e, em 1997, se tornaria a maior torcida organizada do país. A Gaviões da Fiel é uma torcida com uma organização burocrática, sendo registrada civilmente em cartório, mantendo uma escola de samba, entre outras atividades. Desde sua criação tem como objetivo fiscalizar a gestão do S.C. Corinthians Paulista, no estado de São Paulo.

Diante de todo o crescimento ao qual passou essa torcida, tanto em número de torcedores e nas ações que eram pertinentes a esse grupo – como organizar viagens, elaborar bandeiras, construir desenhos para suas camisetas, entre outras atribuições –, fez com que ela precisasse de uma melhor organização.

Pimenta (1997, p.74) aponta que esses grupos começam a se estruturar, aparecendo a figura dos sócios dessas torcidas, e também começa a venda de objetos próprios.

Segundo Pimenta (1997, p.74), “a estruturação desses grupos tomou um caminho institucional e as ‘Torcidas Organizadas’ se constituíram em pessoas jurídicas de responsabilidade privada, sem fins lucrativos”.

Esses novos grupos de torcedores não apresentam um único chefe, mas uma estrutura organizacional com um presidente eleito por um determinado período, conselho deliberativo, diretoria e sócios, constituindo uma empresa sem visar lucros. Não apenas em seus atos e objetivos, mas também na sua forma de organização, o sentimento de torcer e apoiar sua equipe ainda permanecem presentes.

À medida que a torcida ganha corpo, aumenta consideravelmente ao seu redor o número de simpatizantes que se tornam sócios e contribuem financeiramente para a manutenção da torcida organizada que, por sua vez, promove festas, reuniões, coloca à disposição dos associados ônibus em dias de jogos, desconto em ingressos, entre outras atividades (PIMENTA, 1997, p.76-77).

Essas torcidas incentivam suas equipes nos dias de jogos e durante a semana articulam meios de arrecadar dinheiro para a manutenção da mesma. Também aparece um papel social, que ajuda a distrair o foco da violência nos grupos organizados de torcedores. Papel social que aparece como forma de beneficiar alguns setores da nossa sociedade.

Exemplos de atitudes solidárias estão presentes em algumas torcidas no Brasil, como no caso da torcida organizada Trem Fantasma, do clube Operário Ferroviário da cidade de Ponta Grossa.

Em um gesto de solidariedade com as pessoas que foram atingidas pelas enchentes no litoral do Paraná, os torcedores do Operário, em uma iniciativa da Torcida Trem Fantasma, colaboraram com doações aos desabrigados. Depois das fortes enchentes, em fevereiro de 2011, a torcida realizou uma campanha para receber donativos aos desabrigados e famílias vítimas das enchentes antes do jogo contra o Rio Branco, Camisa Vermelha e Branca que apareceram no Germano Krueger¹⁶.

Imagem 2: Trem Fantasma em ação solidária.



Fonte: <futebolparanaense.net>.

¹⁶ Disponível em: <www.futebolparanaense.net>. Acesso em: fev. 2011.

As doações foram levadas para Paranaguá pela equipe do Rio Branco e pelo pessoal da Torcida Camisa Vermelha e Branca que distribuíram aos necessitados do nosso litoral.

Além de ações sociais, essas torcidas começaram a se organizar, com vendas de camisetas, chaveiros, com cobranças de mensalidades, criando dentro destas organizações uma forma de comércio, que serve para absorver custos como o aluguel das suas sedes. Até mesmo para obter rendas para as viagens em que acompanham sua equipe, ou para custear ingressos quando estes não são doados pelas equipes.

Não é de se assustar que pessoas equilibradas, que não demonstram ser impulsivas, tenham se transformado em pessoas violentas após fazerem parte de uma torcida organizada. A Torcida Mancha Verde do Palmeiras, na cidade de São Paulo, por exemplo, que surgiu da fusão de três torcidas tinham fama de só apanhar. Feita esta fusão em 1983, a Mancha Verde se tornou a torcida mais violenta do país, criando um respeito diferente do que havia no passado, mostrando que quanto mais violenta for a torcida mais respeitada pelas outras torcidas ela será (PIMENTA, 1997, p.69).

Segundo Luis Henrique de Toledo (1994), a violência dos torcedores organizados vai atingindo a sociedade cada dia mais, principalmente os jovens, ocasionando um fator de pertencimento dentro desses grupos que, de acordo com a cultura específica de cada país, desenvolve-se aos poucos e lentamente. Grupos de pessoas que tendem a resolver tudo à base da força, não respeitando as individualidades alheias, sendo agressivos e violentos, principalmente no momento de defesa de sua bandeira, do clube e de sua torcida.

Os jovens que demonstram uma necessidade de pertencimento acabam em certo número se identificando com grupos de torcedores organizados de futebol, adquirindo e assimilando a violência presente nesses grupos. “São jovens predadores, pertencem a todas as classes sociais (principalmente as classes média, média baixa e baixa) e a todos os níveis de escolaridade, existindo até mesmo universitários e pós-graduados, ainda que seja a minoria” (MURAD, 2012, p.56).

A forma na qual se identificam nesses grupos, faz com que gere uma satisfação de estar presente naquele ambiente, com aquelas pessoas, fazendo com que esses indivíduos se sintam pertencentes a uma sociedade. O que pode apontar possível explicação para a variação de escolaridade num grupo heterogêneo nesse quesito.

Murad (2012) verifica que também fazem parte desses grupos pessoas desocupadas, uns por falta de oportunidades de empregos, outros por falta de interesse em compromissos e no convívio social disciplinado.

Na Trem Fantasma, também pode-se constatar, por meio das conversas informais durante o período de observação, que existe a presença de jovens disponíveis para a torcida, quando não estão na escola ou universidade. Outra situação que nos chamou atenção foi a presença de pessoas desempregadas, entre eles jovens que não adentraram a uma faculdade.

Indivíduos que querem atenção precisam se sentir importantes dentro da sociedade em que vivem, acabam por encontrar nas torcidas organizadas de futebol um meio de aceitação. Indivíduos que precisam de visibilidade social, independente da maneira que seja, precisam se sentir importantes e, se conseguirem aparecer na mídia, é melhor ainda. Esse parece ser o perfil de integrantes de torcidas organizadas. “Se os acessos disponíveis à visibilidade, ao reconhecimento dos outros e, por efeito, à afirmação social forem os da legalidade, do trabalho, do estudo e da criatividade, melhor para o indivíduo, a família e a sociedade” (MURAD, 2012, p.58). Caso contrário, podem conquistar esta visibilidade através de transgressões sociais e delinquências.

Pode-se fortalecer a primeira argumentação do parágrafo anterior com o depoimento de Murad, quando apresenta que “Elos de reciprocidade entre o pessoal e o coletivo, entre o indivíduo e a sociedade são indispensáveis à vida civilizada, aquela que supera minimamente a barbárie, o egoísmo, a agressão e o uso da força para resolver qualquer diferença” (MURAD, 2012, p.59).

Os indivíduos que pertencem a uma torcida organizada de futebol demonstram uma necessidade de pertencimento e, para este pertencimento, algumas atitudes são necessárias. Atitudes de violência em grupos organizados de torcedores vêm se transformando numa constante. Na Trem Fantasma se verificam atos isolados de violência. Isolados, até mesmo pelo fato de não ser uma ideologia dessa torcida, que tem como principal função torcer e apoiar o Operário Ferroviário.

Para melhor entendermos essa violência, abordamos nas próximas linhas a violência nas torcidas organizadas no Brasil.

4.2.1 Violência nas Torcidas Organizadas – Brasil

A transformação do perfil do torcedor organizado tem como principal característica os momentos de badernas, brigas e arruaças pelas ruas e pelos estádios, sendo esses atos identificadores de um grupo e essas disputas nas arquibancadas um meio de obter reconhecimento de melhor torcida.

Segundo Murad (2007), em 1990, cresceu o número de casos de violência entre torcedores, o aparecimento de armas, canivetes, bombas de fabricação caseira, entre outros objetos que auxiliavam os vândalos em suas práticas violentas. Junto a isso, as atitudes que certos indivíduos, entre eles os jovens, tomam em prol dessas torcidas em seus atos violentos, fazem com que obtenham mais respeito do grupo, mesmo que estas atitudes transgridam as ordens sociais em vigência.

A participação desses indivíduos não diz respeito somente àquele que pertence e é filiado a uma torcida organizada, mas também daqueles que assistem aos jogos perto destas torcidas organizadas, sem que efetivamente façam parte do quadro associativo, assimilando pela proximidade as atitudes de torcedores organizados.

Essa participação indireta dentro de uma torcida nos dias de jogos, no fato de assistir aos jogos junto a uma torcida organizada, pode ser um primeiro contato, ou então a porta de entrada para uma futura associação ao quadro de filiados de um grupo organizado, criando-se vínculos de amizade e de identificação em seus atos.

A partir da leitura de Murad (2012), podemos entender que os integrantes das torcidas organizadas são indivíduos de todas as classes, são trabalhadores, estudantes, pais de família que, em sua maioria, quando se reúnem com seu grupo, para torcer, transformam-se em baderneiros, arruaceiros e pessoas violentas, na defesa de sua facção ou torcida em comum.

Segundo Pimenta (2000 apud SANTOS, 2011, p.12), “as torcidas organizadas dos principais clubes de São Paulo, tiveram um salto no número de associados nos últimos anos, e destes novos filiados, a grande maioria era constituída de jovens”. Esses jovens, dependendo do seu envolvimento e sua assimilação de alguns conceitos, podem carregar e influenciar em sua formação e até mesmo no seu caráter enquanto pertencente a um grupo.

A violência está presente de diversas formas na sociedade. Além da violência física e verbal, já mencionadas neste trabalho, pode-se citar também a violência estrutural, que incide sobre os jovens (a partir de pobreza, exclusão, pouca escolarização, etc). Esta violência estrutural pode ser vista na sua forma prática (a partir

dos atos infracionais cometidos) e como violência institucional (a partir da repressão institucional/policial e a dificuldade em traçar perspectivas para o futuro).

Para Mynaio (apud MENDES, 2012, p. 91) “a violência contra crianças e adolescentes é o ato de omissão dos pais, parentes, ou outras pessoas e instituições, capaz de causar danos físicos, sexuais e/ou psicológicos às vítimas”. Atualmente, os pais podem acompanhar mais de perto seus filhos, impedindo-os de integrarem grupos transgressores de regras sociais.

Isso implica, por um lado, “uma transgressão no poder/dever de proteção do adulto e da sociedade em geral e, de outro, numa coisificação da infância, isto é, numa negação do direito que crianças e adolescentes têm de ser tratados como sujeitos [...]” (MINAYO, 2002, p.95 apud MENDES 2012, p.91).

O significado da violência para Minayo é de difícil compreensão devido à sua polissemia e subjetividade. De acordo com Minayo (2002, p. 99 apud MENDES 2012, p. 91), “os diversos tipos de violência costumam se expressar de forma associada, conformando uma rede onde aquelas que expressam os conflitos do sistema social se articulam nos níveis interpessoais”.

Entre as formas de violência que a autora reconhece, apresenta-se a violência estrutural, na qual se relacionam as decisões histórico-econômicas e sociais.

Por ter caráter de perenidade e se apresentar sem a intervenção imediata dos indivíduos, essa forma de violência aparece naturalizada, como se não houvesse nela as ações dos sujeitos. Entretanto, é necessário desvendá-la, assim como as suas formas de reprodução por meio de instrumentos institucionais, culturais e de relacionamentos (MINAYO 2002, p. 99 apud MENDES, 2012, p.91-92).

A violência estrutural está presente na sociedade de várias formas, entre elas os jovens que participam de grupos organizados de torcedores, identificando-se nestes grupos com atos agressivos, sustentados também pela violência estrutural.

No futebol, os torcedores armados, sem limites e violentos devem ser contidos, mas não se pode esquecer de que são minoria, o que não quer dizer que não se deve preocupar, mas sim situá-los em seus devidos lugares na história da violência das torcidas organizadas.

Murad aponta que se deve separar o “joio do trigo”: “Não podemos generalizar sob o risco de cometermos erros e injustiças, tanto em nossos estudos e pesquisas quanto em ações concretas de intervenção” (MURAD, 2012, p.151).

Mesmo sendo a minoria, existe sim uma preocupação, pois se tratam de indivíduos que compõem a sociedade, sejam adolescentes, jovens ou adultos. Ações concretas e interligadas de repressão, prevenção e reeducação, em curto, médio e longo prazo devem ser tomadas (MURAD, 2012).

Sem dúvida, o futebol pode ser visto como um esporte, auxiliando na educação e até mesmo na civilização, por ser considerado um patrimônio da cultura e identidade brasileira, carregando potencial impactante em outras áreas sociais.

No Brasil, são milhões de torcedores que assistem a jogos de futebol, dentre eles alguns são “organizados”. Os números são difíceis de afirmar com precisão, até mesmo porque os cadastros apresentados pelas torcidas organizadas não possuem confiabilidade como documento de quantificação.

As frequentes cenas de violência e vandalismo no futebol brasileiro são causadas por 5% a 7% dos torcedores organizados, ou seja, uma minoria dentro de uma minoria (MURAD, 2012, p.154).

O que se nota a partir dessa porcentagem é uma quantidade de pessoas que têm outros envolvimento de transgressões às regras sociais, como traficantes de drogas e armas que se inserem nestes grupos para exercerem seus negócios ilegais.

Para Murad (2012, p.31-32): “Uma das revelações mais alarmantes é que, dentro das torcidas organizadas existem infiltrados – isto é, sim: infiltrados – que são pessoas que nem gostam de futebol, mas estão ali apenas para praticar atos desmedidos de intolerância, covardia, insulto, ofensas e violência”.

Na Torcida Trem Fantasma, segundo as observações realizadas nos dias de jogos e em sua sede, não se verificou o uso de drogas e sim de álcool.

A violência verificada nesta torcida, nos poucos momentos, foi também contra a outra torcida do próprio Operário Ferroviário, por meio de atos de violência física.

Os infiltrados, como diz Murad, podem ser os responsáveis. Talvez seja este o motivo da existência de brigas entre torcedores da mesma equipe, que contam com duas facções de torcedores. Esses casos intensificam os atos de violência. “Esses novos grupos trazem à tona uma prática que ganhou força a partir de 2005: os conflitos entre torcedores do mesmo time e até entre mesma torcida” (MURAD, 2012, p.155).

Para Murad (2012), os meios de comunicação nos anos 90 também começaram a dar ênfase em seus noticiários às torcidas organizadas, dando a estas um espaço em suas redes. A maioria das notícias envolvendo torcidas organizadas aparece com marcas de violência e com grande envolvimento de jovens. Exemplos como o que aconteceu na

Bolívia, pela Copa Libertadores de 2011, em que um torcedor boliviano foi morto por um sinalizador arremessado por um torcedor corintiano; ou a briga entre torcedores atleticanos e vascaínos, em que os meios de comunicação ficaram alguns dias falando sobre o assunto em seus variados noticiários.

As redes sociais são ferramentas utilizadas pelos torcedores violentos para transgredirem às regras sociais. Utilização que, ainda que de forma modesta, tem sido monitorada pelas autoridades. No entanto, sem as punições exemplares. Por exemplo, o uso de celulares nos centros urbanos e nos estádios caracteriza a ferramenta mais usada para postar as ações violentas nas redes, como forma de divulgação.

A maioria das torcidas organizadas possuem *sites*, *blogs* e páginas em redes sociais, que, em alguns casos, servem de mecanismos de divulgação e incentivo à violência. As redes sociais acabam sendo meios pelos quais torcedores rivais trocam ofensas e marcam brigas, para uma suposta manutenção da soberania dentro de cada região. A própria briga citada nesta dissertação, ocorrida em Joinville entre atleticanos e vascaínos, foi marcada nas redes sociais durante a semana que antecedeu a partida.

Até aqui, foi apresentado como ocorre a formação de grupos sociais, as características de pertencimento a esses grupos e também tivemos um entendimento da violência presente nesses grupos organizados de torcedores.

No capítulo seguinte, utilizamos como fio condutor as questões que seguem: qual o papel da violência na Trem Fantasma? Como este grupo foi construído e qual a característica dos seus integrantes? Como estes torcedores agem em sua rotina?

5 TORCIDA ORGANIZADA EM PONTA GROSSA: TORCIDA TREM FANTASMA DO OPERÁRIO FERROVIÁRIO ESPORTE CLUBE

Neste capítulo, foi relatado o histórico do Operário Ferroviário Esporte Clube e de suas torcidas, até a constituição da torcida Trem Fantasma, objeto de estudo desta pesquisa. De posse das observações e entrevistas, analisamos como se deu o processo de formação desse grupo de torcedores, como seus integrantes agem no dia-a-dia desse grupo e entendemos a violência dentro da torcida Trem Fantasma.

5.1 HISTÓRICO DO OPERÁRIO FERROVIÁRIO ESPORTE CLUBE

O entusiasmo do pontagrossense pela prática do futebol advém dos ingleses da *American South Brazilian Enginnering Company*, empresa responsável na época pela construção das ferrovias que ligavam o Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. A empresa se instalou em Ponta Grossa em 1896, onde em 10 anos construiu a ferrovia paranaense (DEFINO, 2012).

De acordo com Defino (2012), a bola e as regras do futebol chegaram a Ponta Grossa a partir de Charles Wright, direto da Inglaterra. Num primeiro momento, o esporte futebol serviria como uma atividade de lazer para os funcionários das ferrovias. Os próprios funcionários acabaram construindo uma bomba para encher as bolas que eram utilizadas nos jogos, a partir dessa data os domingos na cidade de Ponta Grossa ganharam um novo atrativo que seriam os jogos de futebol. “Os jogos começaram a chamar a atenção dos jovens da época, até que em 1909, num domingo, 24 de outubro, ocorreu o primeiro jogo oficial da história do futebol paranaense” (DEFINO, 2012, p. 22).

O jogo aconteceu entre as equipes do *Foot-ball Club* Pontagrossense – incentivado por Charles Wright, equipe que possuía entre seus integrantes os operários ingleses que trabalhavam nas ferrovias – e a equipe de Curitiba, representada por clubes curitibanos com ascendência alemã, incentivados por Frederico Fritz Essenfelder, que havia aprendido o esporte no Rio Grande do Sul.

Este jogo em Ponta Grossa ficou marcado na história do futebol paranaense. A partir de então, começou a formação dos times de futebol, como o Ponta Grossa *Foot-ball Club*, o Riachuelo *Sport Club*, o clube Atlético Ponta Grossense e o Rio Branco *Sport Club*. Essas equipes começaram a se enfrentar nos campos da cidade, sendo que

um dos mais conhecidos situava-se na região central, onde hoje está a praça Barão do Rio Branco (DEFINO, 2012).

Defino (2012) aponta que, em 1910, a sede da empresa inglesa foi transferida para Curitiba, assim como alguns ferroviários, o que fez com que acontecesse também uma disseminação do esporte na capital. Porém, mesmo com a transferência da empresa para a capital, os ferroviários que permaneceram em Ponta Grossa continuaram praticando o esporte, cada vez de forma mais regular. Diante disso, decidiram montar um time próprio para medir forças com outras equipes da cidade.

O Operário Ferroviário, entidade ou instituição esportiva oriunda da cidade de Ponta Grossa, localizada na região dos Campos Gerais, teve sua fundação enquanto clube e equipe profissional a partir de:

1 de maio de 1912 [...] Na época, no dia 1º maio já se comemorava o dia do operário, sendo a escolha da data uma justa homenagem aos pioneiros da bola na Vila Oficinas. O bairro, aliá, recebeu esse nome por ali abrigar as oficinas das máquinas ferroviárias da rede (DEFINO, 2012, p. 26).

Defino (2012, p. 44) apresenta, em forma de quadro, uma história linear com diversos acontecimentos. Para narrá-los, colocaremos no formato de texto encadeando essa descrição do autor. Nesse sentido, na década de 10, o Operário teve “somente partidas amistosas entre seus fundadores” e, em 1913, “forma-se até cinco times do Operário para partidas amistosas”. Dito de outra forma, cinco times dos operários representam a equipe do Operário. Os primeiros jogos dos quais se têm notícias foram os amistosos entre esses times. Durante alguns anos, os jogos foram disputados com os times da cidade e da região.

Delfino (2012, p. 54) apresenta que foi no ano de 1922 que o Operário se tornou “Vice-campeão Paranaense do Torneio Estadual Centenário da Independência”. Nesse mesmo ano, foi “campeão do interior do Torneio Estadual”.

Segundo Defino (2012), alguns anos depois, outros ferroviários que trabalhavam em Ponta Grossa e defenderam o Operário também entrariam na história de outros times. A primeira diretoria do time dos ferroviários de Curitiba teve, em 1930, como presidente do conselho fiscal, Germano Kruger, o qual anos depois veio para Ponta Grossa, fazendo história como grande incentivador da construção do estádio alvinegro, que leva seu nome até os dias de hoje (DEFINO, 2012, p.23-24).

Na década de 1930, o time do Operário fez sua primeira excursão, realizando jogos amistosos no estado de Santa Catarina. Meses depois, participou do campeonato estadual obtendo o vice-campeonato (DEFINO 2012, p. 59-63).

Esse era um momento em que o Operário começava a aparecer para o Brasil, mostrando seus craques para o mercado do futebol.

O Operário, por não ser na época uma equipe profissional, acabou perdendo seus atletas para os times paulistas. Isso também acontecia com seu rival da cidade, que era a equipe do Guarani Esporte Clube.

Os atletas vinham a Ponta Grossa jogar futebol em troca de empregos na malha ferroviária e comercial da cidade, deixando a equipe sempre vulnerável para manter seus bons atletas, que eram assediados pelas equipes de outros estados.

A década de 30 foi marcante por ser um período no qual a equipe operariana obteve todos os títulos dos campeonatos pontagrossenses e vice-campeonatos estaduais.

Para Defino:

O clube iniciou bem a década de 40, que foi significativa pela inauguração do seu estádio, na Vila Oficinas denominado Estádio Dr. Bento Munhoz da Rocha Neto, que era o governador na época, estádio ao qual mais tarde na década de 60 seria chamado de Germano Krueger. Porém a década de 40 foi também marcada pela ausência do Operário nos certames paranaenses, pelo fato da federação paranaense entender que o campeão do interior não teria o direito de enfrentar o campeão da capital para decidir o campeonato, este fato ocasionou a não inscrição do Operário em vários certames (DEFINO, 2012, p. 67).

No tocante à profissionalização:

Em 1953 chega o profissionalismo ao futebol de Ponta Grossa e o começo do reconhecimento por parte da Federação dos times do interior, com o Guarani e o Operário sendo convidados a participar. O Guarani aceitou o convite, já o Operário não, alegando não ser interessante financeiramente (DEFINO, 2012, p. 69).

O Operário Ferroviário Esporte Clube (OFEC) assume o profissionalismo em um momento no qual vivia uma fase bastante promissora, começando a partir do campeonato estadual paranaense, no ano de 1955 (FREITAS JUNIOR, 2000, p. 26)

Em 1961, a equipe sagrou-se campeã de um dos turnos do campeonato paranaense, o jogo foi na cidade de Irati e contou com a presença da torcida operariana. “Na volta para Ponta Grossa, o trem trazendo a torcida e a equipe operariana foi

apedrejado por torcedores de Irati, mas tudo acabou bem, e a equipe princesina voltou inteira para sua cidade” (DEFINO, 2012, p. 84).

Defino (2012) apresenta a sequência de eventos do ano de 1961. Naquele ano, o Coritiba acabou sagrando-se campeão em cima do Operário, obtendo o tricampeonato paranaense, mas uma decisão judicial acabou dando no tapetão o título para a equipe operariana. Na década de 1960, começou a se implantar a primeira e segunda divisão do campeonato paranaense, devido à grande procura de equipes ao campeonato, sendo que, em 1965, o O.F.E.C. foi rebaixado para a segunda divisão, retornando em 1970.

Defino (2012) relata o ano de 1971 como o período em que o Operário e seu rival Guarani afastaram-se do campeonato paranaense. Surgiu a Associação Ponta Grossense de Desportos, que herdou a vaga do Operário por três anos no campeonato. Defino apresenta que essa associação alugou as dependências do estádio Germano Krueger e do Paula Xavier (único estádio que tinha iluminação na época), e também absorveu os jogadores das duas equipes, sendo que, durante esses anos vieram jogar em Ponta Grossa alguns talentos de renome nacional, como: Muricy Ramalho, Paulo Borges e Renato Jacaré.

Em 1974, com o prazo de licenciamento do campeonato paranaense encerrado, o Guarani e o Operário tinham que tomar uma decisão sobre continuarem na federação. O Guarani decidiu encerrar seu departamento profissional de futebol, tornando-se apenas um clube social da classe média alta da cidade, beneficiado pela excelente localização no bairro de Vila Estrela (DEFINO, 2012, p.96).

O Clube Guarani, que não voltou mais a ser um clube profissional, se mantém como um clube social até os dias de hoje na cidade de Ponta grossa.

Já o Operário voltou a participar dos campeonatos paranaenses em 1974. Com ajuda da Prefeitura e de alguns empresários, a equipe se manteve com dificuldade na primeira divisão. Ainda no ano de 74, também foram iniciadas as construções de seu parque social, com piscinas e outras dependências que atraíssem sócios (DEFINO, 2012, p. 97).

Mesmo com todas as dificuldades financeiras da época, o representante do futebol pontagrossense é o Operário Ferroviário.

Em 1978, novamente o clube pediu licenciamento do campeonato paranaense por dificuldades financeiras. Nesse ano, o estádio foi terceirizado para CIDEP (Companhia de Desenvolvimento Pontagrossense), a qual ficou por 20 anos gerindo o

estádio tendo participação dos lucros com a venda das cadeiras cativas (DEFINO, 2012).

Em 1979, o Operário voltava ao campeonato paranaense e também era convidado a disputar o segundo semestre da Copa do Brasil, desde que colocasse arquibancadas móveis, que dessem condições ao estádio Germano Krueger de abrigar até 25 mil torcedores. Então, nesse mesmo ano, o Fantasma entrava em campo pela primeira vez numa competição nacional, perdendo para o Brasil de Pelotas na primeira fase (DEFINO, 2012).

O estádio, na época, não estava apto a receber jogos a nível nacional. Com a reforma feita, o Operário participou da competição, dando um novo patrimônio para Vila Oficinas.

Em 1981, participou também da Copa do Brasil e, com grandes esforços e méritos, a diretoria do Operário Ferroviário conseguiu entregar o parque social e o parque aquático do Fantasma com sua piscina olímpica, vestiários, muros de proteção, churrasqueira, sede administrativa e campos para futebol suíço (DEFINO, 2012).

Ainda segundo Defino (2012), já no ano de 1983, o clube foi rebaixado para a segunda divisão e, em 1987, mais uma vez pediu afastamento do campeonato paranaense por dificuldades financeiras. Mas com a renúncia do presidente, o vice assumiu e afastou o licenciamento a tempo de disputar o campeonato paranaense na segunda divisão.

Foi mais uma época difícil para o clube, entre várias de sua história, A tradição do Operário era grande, mas, como em tempos anteriores, as dificuldades financeiras imperavam diante do clube.

O ano de 1988 foi marcado por amistosos com grandes equipes paranaenses como o Flamengo, Palmeiras, Santos e a seleção Argentina de novos, obtendo grandes públicos assim como nas partidas do campeonato paranaense.

A torcida operariana prestigiava os jogos da equipe em grande quantidade, sendo este um grande diferencial do clube na época. Por força de sua torcida, em 1989, o Operário foi convidado a participar da primeira divisão do campeonato paranaense. Neste mesmo ano, o Operário foi convidado a participar da Série B do campeonato brasileiro de futebol, ficando em décimo primeiro lugar e garantindo sua classificação para o ano seguinte.

No ano de 1990, o clube ficou atrás do Atlético Paranaense por um ponto para se classificar na primeira divisão do campeonato brasileiro. Já em 1991, o Operário

conquistou sua melhor classificação no campeonato paranaense: ficando em terceiro lugar.

No ano seguinte, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) modificou o regulamento da Série B. Desse modo, mesmo sendo terceiro colocado do Paranaense e 29º colocado no campeonato brasileiro, o Operário ficou de fora da Série B, sendo colocado na Série C de 1992. Mas, mesmo disputando a Série C, para o Operário conseguir atrair patrocinadores, a disputa em um campeonato brasileiro é muito interessante.

A participação do O.F.E.C. no campeonato brasileiro era uma grande possibilidade de aumentar os seus rendimentos, tendo em vista que, até a segunda divisão, a CBF custeava as despesas de transporte e alimentação para os jogos fora de casa; e em Ponta Grossa a média de público do O.F.E.C. era de 8 mil pessoas, sendo uma das maiores médias de público para as cidades do interior do Brasil (FREITAS JUNIOR, 2000, p.70).

Mas no futebol moderno, onde os clubes são vistos como empresas, não poderia uma equipe de futebol profissional viver apenas de rendas obtidas nos dias de jogos em sua cidade. A falta de patrocínio, as dívidas e o descenso para a terceira divisão do campeonato brasileiro ocasionaram nos piores momentos do clube. Entretanto, os problemas se agravavam dentro do O.F.E.C.: estando na terceira divisão e endividado, já no início do ano de 94, o quadro da equipe era um dos piores dos últimos anos (FREITAS JUNIOR, 2000, p.71).

De acordo com Defino (2012, p.118), por uma decisão da CBF, não houve a Série C do campeonato brasileiro por alguns anos. Em 1994, o Operário foi rebaixado para a segunda divisão do campeonato paranaense – ano em que o Operário pediu o licenciamento das suas atividades profissionais para a Federação Paranaense de Futebol.

Nesse meio tempo, surgiu na cidade o Ponta Grossa Esporte Clube, que participou da segunda divisão do campeonato paranaense, arrendando as instalações do estádio Germano Krueger para os mandos de seus jogos, chegando à primeira divisão do campeonato paranaense (DEFINO, 2012). Em 1999, houve uma parceria entre Operário e o Ponta Grossa Esporte Clube, durando apenas um ano.

No ano 2000, encerrada a parceria com o Ponta Grossa Esporte Clube, todo o dinheiro arrecadado com os aluguéis do estádio foi investido nas instalações do seu parque social. Naquele ano, os clamores da torcida se tornaram mais constantes e

organizados, agora também pela *internet*, via *sites* e *blogs*, com uma nova força jovem mostrando interesse por um ressurgimento do fantasma.

Torcedores através de redes sociais demonstram suas insatisfações de não ter na cidade uma equipe de futebol competitiva para torcer, jornais da cidade também colaboram com suas notícias demonstrando a insatisfação do torcedor. Conforme manchete: "Grupo de jovens torcedores vão até o Germano Krueger exigindo uma equipe profissional de futebol competitiva". (DIÁRIO DOS CAMPOS, 12 abr. 2001).

Mas as dificuldades se estendem por alguns anos, dívidas de gestões anteriores acarretam em situações difíceis para o andamento do clube. Nem sempre o que ocorre em uma administração do clube é reflexo daquilo que ela mesmo fez, ou seja, nem sempre as dívidas contraídas por uma administração foram feitas por ela mesma e isto foi algo fundamental dentro da crise ocorrida no O.F.E.C. na década de 90 (FREITAS JUNIOR, 2000, p.72).

Apenas em 2004, a partir de uma parceria entre a prefeitura e o clube, iniciou novamente sua trajetória no futebol profissional, ressurgindo na segunda divisão paranaense (DEFINO, 2012).

De 2004 a 2008, o Operário não obteve grandes resultados. A partir de 2008 foi gerenciado por um grupo que, em conjunto com a diretoria do clube, angariava recursos financeiros.

Até que, em 2009, quando o clube tinha toda sua centralização em Dorli Michels, um dos componentes do grupo gestor, o Operário conseguiu voltar à primeira divisão do futebol paranaense.

O ano de 2009 marcou a formação da Trem fantasma, como torcida organizada. Teve como principal objetivo, naquele ano, protestar contra as campanhas da equipe.

A torcida em geral não admitia um clube do tamanho do Operário Ferroviário Esporte Clube na segunda divisão do futebol paranaense. "Os integrantes da torcida Trem Fantasma aprovaram por unanimidade seu escudo e seu estatuto e deram mais um passo no trabalho de apoio ao Operário na divisão de acesso em 2009" (JORNAL DA MANHÃ, 2009).

De acordo com Defino (2012, p.35), após a aprovação do escudo confeccionado, os torcedores filiados realizaram a eleição da primeira diretoria da Trem Fantasma. A torcida Trem Fantasma, que surgiu na década de 70, voltou a atividade em 2009 após a fusão das torcidas Revolução Operariana, Garra Operariana, Jovem Independente, mais a participação dos Cornetas da Vila e torcedores independentes.

A partir desse ano, a Trem Fantasma sempre apoiou o Operário e protestou quando preciso, no intuito de ser útil para a equipe, incentivando nos momentos de jogos e criticando durante, quando observava ser necessário.

O ano de 2010 começou com grande repercussão estadual, ocasionada pela volta do Fantasma e da numerosa torcida pontagrossense, bem como da disputa com os grandes do Paraná. Na quarta-feira, 20 de janeiro, o Operário virou notícia nacional, vencendo o Atlético Paranaense na Arena da Baixada por 2 a 1. Nesse dia, houve uma grande presença de torcedores do Operário no estádio em Curitiba e a lenda do Operário ressurgia forte.

“Atlético recebeu o Operário na noite desta quarta feira, na Arena, e perdeu por 2 a 1. A torcida atleticana perdeu a paciência com o time e vaiou os jogadores durante o jogo” (RPC, 21 jan. 2010). A boa campanha do time permitiu que se multiplicasse o entusiasmo da torcida, cada vez mais presente nos estádios, evidenciando novamente a equipe no cenário nacional na Série D.

Em Defino (2012), encontramos uma série de informações que relatam a sequência de ação do Operário. Ele acredita que, não fosse por questões políticas nos anos 90, o Operário teria se mantido na Série B e não teria sido rebaixado no tapetão para Série C do campeonato nacional. Porém, o importante foi o ressurgimento na Série D, sempre dependente de uma boa campanha no paranaense para ser disputada.

No ano de 2010, o Fantasma ficou no sexto lugar da Série D, quase obtendo a classificação para a Série C. Em 2011, uma nova parceria entre o gestor Dorli Michels e um grupo do Rio de Janeiro, a *Premier Soccer*, teve bons resultados, conquistando o terceiro lugar do campeonato paranaense, a vaga para a Série D e também uma vaga para a Copa do Brasil no ano de 2012 – quando o Operário comemorava seu centenário.

A má campanha na Série D em 2011 fez com que a *Premier Soccer* se afastasse do clube, que passou a ser gerenciado por sua diretoria empossada em 2012.

As comemorações de seu centenário foram intensas, inclusive com uma divulgação da equipe como 95ª colocada no *ranking* da Confederação Brasileira de Futebol com 431 equipes de futebol.

Em 2013, nova parceria foi feita com a empresa L.A. Esportes, porém sem grandes resultados, não conseguindo a vaga para a Série D de 2014.

5.2 TORCIDA TREM FANTASMA

Em termos gerais, podemos relatar esse histórico, por meio das palavras de Defino (2012) e de Freitas Junior (2000). O relato que segue tem como fonte esses autores.

Diante de todo o cenário que o clube representou no futebol profissional, ficou evidente que o Operário tornou-se um clube em que, na sua trajetória histórica (mesmo num relato linear), causou muito fanatismo entre os torcedores. Inicialmente, esses torcedores eram ferroviários que identificavam o Operário como seu time do coração, carregando o apelido de “torcida graxeira” (DEFINO, 2012).

Imagem 3: Foto ilustrativa da origem da torcida.



Fonte: www.organizadasBrasil.com.

Os “graxeiros” da época, como eram reconhecidos os torcedores operarianos, enchiam os vagões na estação ferroviária para assistir aos jogos em Vila Oficinas, fazendo uma festa particular, com bandeiras, cânticos, cativando a cidade, aumentando a torcida operariana.

Os cânticos mais conhecidos são os seguintes:

O - pe - rá -rio! O - pe - rá -rio! é cantado logo que a equipe entra em campo, “Olêêêê - lê - ô! O - pe - rá - rio!” é o grande clássico nos momentos de euforia, “Uh! Operário! Uh! Operário!” logo após um gol alvinegro. E uma das canções do Trem Fantasma: “Eu sou Fantasma/ Eu sou da Vila/ O Operário/ É minha vida/ Um sentimento/ Que levo no peito/ Operáriô/ Operáriô/ Operáriô/ Operáriô/ Operáriôôôôô/Eu sou Fantasma, sim senhor!!!! (DEFINO, 2012, p. 36).

O fantasma, símbolo do susto pregado pelo Operário nos times que o enfrentavam, ficou mais incorporado após a bela campanha no Paranaense de 1958.

“Nos anos de 1960, a torcida continuou seu incentivo ao Operário Ferroviário, mas andando de trem por todo Paraná. A imagem de um ‘trem cheio de gente’ chegando a muitas cidades onde o Fantasma fosse jogar” (DEFINO, 2012, p.34).

“A sucessão de títulos conquistados na cidade e na região fez com que sua torcida crescesse cada vez mais, tornando-se uma das grandes torcidas do sul do Brasil” (DEFINO, 2012, p.34).

As décadas seguintes, com seus altos e baixos, foram ocasionando uma identificação cada vez maior entre os moradores da cidade de Ponta Grossa, vários grupos se uniam para defender as cores do Operário.

Entre as torcidas que passaram pelas arquibancadas do estádio Germano Kruger estão: a TUF – Torcida Unida do Fantasma, pioneira do interior do Paraná e do Brasil; a Real Torcida Operariana; a Torcida Uniformizada do Operário; a Torcida Organizada do Fantasma; a Raça Alvi Negra; e a histórica Torcida Trem Fantasma, assim batizada pelo ex-presidente Alceu Guimarães, lembrando os tempos em que a torcida percorria o Paraná nos vagões dos trens da rede ferroviária para acompanhar o Fantasma de perto (DEFINO, 2012, p. 34).

Já nos anos 2000, a torcida operariana foi rejuvenescida, encontrando em forma de grupos uma maneira de se expressar, demonstrando sua satisfação em torcer pelo Operário, obedecendo a uma lógica mundial de expansão de torcedores organizados.

Foi então que, em 2009, a fim de reviver grandes momentos e criar uma nova torcida, resgatando toda uma história passada, que ressurgiu a Trem Fantasma, que já havia existido entre as décadas de 1970 e 1980.

Essa nova versão da torcida Trem Fantasma se estabeleceu a partir da “fusão de três torcidas: Revolução Operariana, Garra Operariana e Jovem Independente, com a participação do grupo Cornetas da Vila e torcedores independentes, [...] empurrando o Operário na curva¹⁷ da rede ferroviária, no estádio Germano Kruger” (DEFINO, 2012, p.35). Defino apresenta, ainda, o surgimento da Fúria Jovem que, na oportunidade, não aceitou tal fusão, permanecendo independente.

¹⁷ Curva da rede ferroviária: local do estádio que fica atrás do gol, perto da linha do trem em Vila Oficinas no estádio Germano Krueger.

Imagem 4: Localização da Torcida no Estádio Germano Krueger.



Fonte: www.organizadasBrasil.com.

A partir dos relatos de observação, podemos relatar que quando a equipe de futebol entra em campo, extintores e fumaça branca são utilizados. Esta sempre foi uma marca registrada da torcida Trem Fantasma, unindo-se também à festa com bobinas de papel, enormes bandeiras e sinalizadores em jogos noturnos. Junto desse amor ao Operário, também se observa um sentimento à cidade de Ponta Grossa, pois, junto à bandeira da torcida e do clube é estendida a bandeira do município.

Um dos entrevistados foi o fundador da Torcida Trem Fantasma no ano de 2009. Foi também entrevistado o coordenador/presidente em 2009 e 2010 e vice-presidente de 2010 a 2012, que atualmente, é apenas um integrante e relata que a fundação ocorreu da seguinte forma:

Primeiro teve uma coordenação geral que foi adotada, que fui eu, o Jeferson e o Habilio, eu na revolução operariana e os dois da garra operariana, no primeiro ano a gente trabalhou nesta forma de coordenação, com três coordenadores gerais, então tinha um presidente e os três coordenadores, que ajudaram na construção deste primeiro ano, até para não ficar uma pessoa só de uma só torcida, tentar unificar o máximo possível desta forma. E aí na sequência em 2010 foi o Jeferson o presidente, 2011 foi o Davi, 2012 o Alexandre, e agora em 2013 o Loreno (ENTREVISTADO A)¹⁸.

Fundador da torcida Trem fantasma também relata a função da torcida:

¹⁸ Entrevista concedida ao autor, em 15 de março de 2013.

O papel da torcida é basicamente o de incentivar o operário dentro do jogo, diferentemente de outras entidades que participam assim do cotidiano, a torcida basicamente se reúne nos dias dos jogos, tanto aqui, quando tem jogo em Ponta Grossa, como em jogo fora. A torcida vem acompanhando de alguma forma, claro que em menor número nos jogos foras, do que nos jogos aqui na cidade, então a idéia da torcida sempre foi apoiar o operário, tanto que é uma regra da trem fantasma que ela nunca cobra e nunca xinga jogadores, comissão técnica e diretoria, durante o jogo, os 90 minutos são feitos para a torcida apoiar, por mais que esteja perdendo de 5 a 0 a torcida, pode reparar que ela continua cantando ali, depois dos 90 minutos é outros quinhentos, daí vai cobrar diretoria, jogadores por jogos melhores” (ENTREVISTADO A)¹⁹.

Imagem 5: A torcida Trem Fantasma, reunida esperando conversa com diretoria em 2009.



Fonte: www.organizadasBrasil.com

Esse grupo de torcedores acaba se identificando em prol de alguns objetivos, sendo que o maior deles é incentivar, cobrar o time e a diretoria do clube.

A torcida consiste, na sua grande maioria, em jovens que se reúnem antes dos jogos para estabelecer suas metas e procedimentos no dia do jogo. Tem sua sede própria, sendo onde seus integrantes se concentram antes das partidas e em jogos fora de casa, para escutar o jogo pela rádio. Conforme informações obtidas durante a entrevista que se segue, o fundador da torcida relata que a mesma acaba funcionando

¹⁹ Entrevista concedida ao autor, em 15 de março de 2013.

como um ambiente de entrosamento de pessoas que se unem e se identificam na busca de uma convivência em grupo.

A arte de agrupar-se permite que os indivíduos se encontrem num espaço social e percebam nos outros interesses em comum (GARRIGOU, LACROIX, 2001, p. 131).

Os integrantes dessa torcida, ao mesmo tempo em que buscam uma autonomia, também buscam uma convivência em grupos de forma coletiva, fazendo desse ambiente um local agradável, gerando em seus integrantes momentos de descontração e pertencimento.

A torcida é como uma associação de torcedores; reúne-se semanalmente para jogar o seu futebol, a sua sinuca e tomar uma cerveja e falar de futebol e do Operário Ferroviário. Nos dias de jogos reúnem-se anteriormente para a concentração do jogo, ensaiar os cânticos e após o jogo reúnem-se novamente para comemorar as vitórias ou chorar as derrotas (ENTREVISTADO B)²⁰.

Esses indivíduos se aceitam entre si e acabam criando, em sua convivência, formas similares de atitudes, as quais os identificam como uma organização – neste caso, como uma torcida organizada.

O grupo de torcedores do Operário Ferroviário se formou a partir de indivíduos que tinham como semelhança torcer pelo clube e querer, de uma forma mais concreta, ajudar a equipe do Operário.

A torcida tem suas próprias vestimentas, seu escudo, cânticos, comportamentos e restrições, algumas trazidas pelos seus integrantes e outras já existentes no próprio grupo.

Imagem 6: Escudo da Torcida Trem Fantasma



Fonte: www.organizadasBrasil.com

²⁰ Entrevista concedida ao autor, em 16 de março de 2013.

A camiseta da torcida é parecida com a do Operário: listrada preta e branca, com o escudo do clube no lado esquerdo do peito.

Imagem 7: Uniforme da torcida Trem Fantasma em 2009.



Fonte: www.organizadasBrasil.com

Vivemos numa sociedade na qual o indivíduo busca autonomia, mas, ao mesmo tempo, alguns sujeitos procuram viver num grupo social. Esse tipo de atitude é notado em grupos de torcedores organizados.

Pertencer a um grupo social, nesse caso de torcedores organizados de futebol, faz com os integrantes se sintam parte da sociedade, principalmente os jovens. Basta lembrarmos de que Elias (1994) aponta que os indivíduos são condicionados socialmente, ao mesmo tempo, pelas representações que fazem de si mesmos e por aquelas que lhes são impostas pelos outros com quem entram em relação.

A maioria dos integrantes da torcida Trem Fantasma consiste em homens jovens, entre 15 a 28 anos de idade, mas não podemos deixar de constatar a pequena presença feminina. No caso desta torcida, essa presença advém de influências de seus namorados ou pelo amor ao Operário.

As mulheres hoje também fazem parte do futebol; nos estádios é verificada a presença feminina. Não em grande número, mas participam também das organizadas.

Em Ponta Grossa, nos jogos do Operário Ferroviário, a presença do público feminino é em pequeno número, tanto como torcedora comum, que não faz parte de um grupo, quanto na torcida organizada Trem Fantasma.

A violência presente hoje nos estádios de futebol acaba afastando este público dos jogos na maioria dos estádios.

No final do jogo entre Operário e Coritiba, em 20 de janeiro de 2013, estádio germano Kruger em Ponta Grossa, após as duas torcidas trocarem ofensas verbais seguidas de agressão com pedras arremessadas pela torcida organizada do Coxa, que já estava do lado de fora do estádio, visto que os visitantes saem antes do estádio, fiquei muito nervosa, pois meu namorado ficou nervoso e queria sair lá brigar, e tive que me esconder das pedradas, após este jogo tenho um pouco de medo de ir no estádios de futebol...” (ENTREVISTADA C)²¹.

Imagem 8: Presença feminina na torcida Trem Fantasma em 2010.



Fonte: www.organizadasBrasil.com

Na foto acima, podemos visualizar a presença feminina no canto inferior esquerdo (a partir da visão do leitor) e no canto superior direito (a partir da visão do leitor). O fato de mulheres pertencerem a um grupo de torcedores, no qual a maioria é composta por homens, não incomoda tanto o sexo feminino, ainda que algumas atitudes masculinas sejam repugnadas por elas.

Alguns grupos de torcedores fazem questão de ter em seu grupo pessoas “barras pesadas”. Esse não parece ser o caso da torcida Trem Fantasma, que tem em um dos seus princípios de formação, a necessidade de deixar claro que a imagem positiva fora do grupo é essencial para permanecer na torcida.

²¹ Entrevista concedida ao autor, 18 de novembro de 2013.

Trata-se de uma torcida que se formou por amigos operários, todos com suas profissões e famílias, quase que na sua totalidade composta por indivíduos de boa índole que respeitam a filosofia do grupo. É claro que existem aqueles torcedores, que acabam integrando a torcida apenas em dias de jogo, sem compartilharem da mesma ideologia, o que acaba por ser inevitável, pois as arquibancadas são públicas e as camisetas da torcida são comercializadas para todos, no intuito de absorver valores para as despesas.

Na Trem Fantasma, observou-se a presença de pessoas das mais variadas profissões, onde esses indivíduos tem por objetivo torcer pelo Operário nos dias de jogo e se organizar em sua sede, para eventuais encontros ou jogos fora da cidade. Dentro de suas possibilidades de tempo, os integrantes se esforçam para melhores condições a este grupo.

Sou um comerciante natural da cidade de Ponta Grossa, sou casado há oito anos, tenho dois filhos, sou um integrante ativo da "Trem ", sempre que posso participo das reuniões e viagens. Nos dias de jogos o número de torcedores se multiplica junto com nós, da Trem Fantasma, são muitos jovens que se sentem bem em estar conosco nos dias de jogos do Operário (ENTREVISTADO D)²².

Uma realidade também verificada na Trem Fantasma é a presença de jovens, fato este que preocupa os familiares, pelo motivo da violência. Um jovem pertencente a Trem Fantasma relata que: “Participo da Trem Fantasma, mas só nos dias de jogos, minha mãe não permite que eu participe mais da torcida, pelo fato dela escutar nos noticiários, que as torcidas organizadas são violentas, ela tem medo de eu entrar numa briga e se ferir” (ENTREVISTADO E)²³.

Relatos de jovens e adolescentes pertencentes à torcida organizada Trem Fantasma demonstram que, neste grupo, eles se sentem à vontade, são aceitos e reconhecidos mais do que em suas casas, colégios e clubes.

Parece uma “coisa”, quando entrei na torcida Trem Fantasma eu me sentia muito mal pessoalmente falando, era uma pessoa que não me sentia bem "sei lá", não tinha reconhecimento pelos meus colegas de escola, nem no clube, eu me sentia excluído, mas quando entrei na torcida, fui recebido de braços abertos, sou reconhecido dentro desta torcida, sou ouvido (ENTREVISTADO F)²⁴.

²² Entrevista concedida ao autor, em 12 de novembro de 2013.

²³ Entrevista concedida ao autor, em 18 de novembro de 2013.

²⁴ Entrevista concedida ao autor, em 12 de fevereiro de 2014.

Esses jovens têm nesta torcida um espaço de aceitação dentro da sociedade, o fato de pertencerem a grupos lhes dá uma maior segurança pessoal. Um jovem de 19 anos, ao ser questionado sobre seu sentimento ao pertencer a um grupo organizado de torcedores relata:

O motivo de morar em Ponta Grossa e gostar de futebol me aproximou da Trem Fantasma, acho legal este grupo, gosto de pertencer a esta torcida, nos dias de jogo quando estou cantando, gritando e incentivando o Operário, me sinto importante, sei que meu grito, minha contribuição vão ajudar a equipe, e quando olho do lado e vejo meus colegas gritando e pulando, isto me incentiva mais ainda [...]” (ENTREVISTADO G)²⁵.

De certa forma, o amigo do lado que faz parte do mesmo grupo acaba influenciando a atitude de seus companheiros, para conseguir cada vez mais o respeito de todos, na tentativa de reconhecimento e prestígio.

O consumo de bebidas alcoólicas (cervejas) entre os integrantes da torcida Trem Fantasma, antes e após os jogos do Operário, é uma constante. Esse consumo faz parte do ritual dos dias de jogos. Na maioria, são jovens de 17 a 28 anos de idade, que se reúnem na sede da torcida para fazer o chamado “esquenta” para o jogo. Informação esta confirmada por um integrante de 23 anos:

Todos os jogos do Operário, nós se reunimos na sede da Torcida para fazer o “esquenta” (tomar cerveja, ficar mais alegre para descer ao estádio para torcer), até mesmo por que nos estádios não se vende mais bebida alcoólica, ninguém merece assistir um jogo do Operário sem tomar uma cervejinha (ENTREVISTADO H)²⁶.

Em um primeiro momento, o objetivo de se reunir em grupos para torcer por uma equipe pode parecer normal, mas grupos de pessoas que se unem por uma semelhança, posteriormente podem ir modificando-se em seu modo de agir, como por exemplo aconteceu com os *hooligans*, que tinham como principal característica incentivar os times da Europa e acabaram por se tornar grupos violentos com grande consumo de bebidas alcoólicas.

Tanto seu fundador quanto outros integrantes da torcida Trem Fantasma deixam claro que seu objetivo maior é incentivar e cobrar o time dentro de um limite, não agindo com violência.

²⁵ Entrevista concedida ao autor, em 12 de fevereiro de 2014.

²⁶ Entrevista concedida ao autor, em 12 de fevereiro de 2014.

Com relação à violência, colocam-se contrários a atos de tal natureza, mas já os presenciaram, posicionando-os como um problema social que afeta a sociedade. Informação esta confirmada pelo integrante mais velho, em idade, da torcida:

Primeiramente a violência nas organizadas é um problema social, marginalidade infiltrada, isso acaba com a imagem das torcidas, estão pensando somente na maior torcida, na melhor das brigas e esquecem da verdadeira função que é de fiscalizar e apoiar o time (ENTREVISTADO D)²⁷.

Com relação ao envolvimento da torcida Trem Fantasma em casos de violência, já houve relatos jornalísticos confirmados pelos seus integrantes entrevistados que, contudo, insistem em negar seu envolvimento.

Segundo o Diário dos Campos (1 out. 2010), jornal da cidade de Ponta Grossa:

Rumores de provocações via internet entre torcidas do Operário e do Joinvile e também uma suposta tensão prestes a explodir entre as facções "Fúria Jovem" e "Trem Fantasma", motivaram o comandante da Polícia Militar, tenente coronel Marco Aurélio Czerwonka, a chamar a direção das duas organizadas para uma reunião ontem às duas horas na sede da corporação (conforme a foto 5 a seguir). A "Trem Fantasma" antes de os representantes da "Fúria Jovem" chegarem ao local fizeram um relato: "A Fúria Jovem" marcou uma confraternização com a torcida do Joinville e combinaram de marchar juntas até o estádio (Germano Krueger)", disse o seu presidente, Davi Kuhn, referindo-se ao jogo entre as duas equipes no sábado, marcado para as 16 horas.

Imagem 9: Torcida Trem Fantasma em reunião com a Polícia Militar.



Fonte: Jornal Diário dos Campos, outubro de 2010.

²⁷ Entrevista concedida ao autor, em 17 de fevereiro de 2014.

Os representantes da Fúria Jovem, quando questionados sobre o fato, responderam que foram bem recebidos em Joinville no último domingo, quando o Operário e a equipe local se enfrentaram. “Não fomos hostilizados, tivemos uma ótima recepção, vamos apenas retribuir a acolhida”, disse o presidente Cléber José Ricardo (DIÁRIO DOS CAMPOS, 2010).

Os dois presidentes negaram animosidade entre si e também afirmaram que não costumam se digladiar com outra torcida organizada. Para eles, pessoas que não pertencem a nenhuma das alas fomentam os conflitos sem identificarem-se.

Nas entrevistas cedidas, os integrantes da Trem Fantasma sempre se colocaram contrários a atos de violência, deixando claro que o objetivo da mesma é incentivar o clube nos momentos de jogos e reivindicar à diretoria de maneira pacífica quando a equipe não está bem.

“Já presenciei ‘confusões’ com outras torcidas de outros clubes e até mesmo com a outra torcida do Operário a ‘Fúria Jovem’, quando ela existia, mas ela não existe mais, parece que voltará no ano de 2014” (ENTREVISTADO F).

Segundo *blog* de Isaac Ortiz (26 mar. 2012):

Após o término do jogo entre Operário e Rio Branco, no dia 25 de março de 2012, houve uma briga generalizada entre torcedores e a equipe de pelotão de choque da Polícia Militar. Os torcedores investiram contra os policiais utilizando-se de pedras, garrafas, etc., sendo necessário o uso de munições não letais para contê-los. Foi identificado F.A.G, de vinte e um anos, como instigador do fato e conduzido a 13 SDP para os procedimentos cabíveis .

A Trem fantasma não tem um bom relacionamento com a outra Torcida Organizada do Operário, a Fúria Jovem (torcida de menor porte do Operário Ferroviário Esporte Clube), inclusive tem mais parceria com outras torcidas, como a do rival Rio Branco de Paranaguá, conforme relatado pelo integrante mais velho, em idade, da torcida Trem Fantasma:

Na verdade, era uma história longa, começou lá em Paranaguá, na verdade a Fúria jovem e a Trem fantasma nunca se acertaram, não tem jeito parece cultural o problema, não se acertam mesmo, e daí lá em Paranaguá, acabamos nos desentendendo com eles no meio do jogo, e daí foi lá que começou, a Fúria se sentiu constrangida, por que os meninos da torcida do Rio Branco ameaçaram eles na saída , e a Fúria saiu e quis revidar aqui em Ponta Grossa, por que a gente recebe bem o pessoal da torcida do Rio Branco, quando eles vieram para Ponta Grossa, a Fúria fez o mesmo, apedrejando o ônibus da torcida do Rio Branco, daí “fechô a madeira”, eu e o Antero para falar a verdade não se (sic) envolvemos, eles foram brigar lá na

porta do estádio, escutei no rádio , que tinha “fechado o pau”, tiro pra tudo quanto é lado [...] (ENTREVISTADO D)²⁸.

A presença de integrantes da Trem Fantasma neste acontecimento foi questionada por seus coordenadores, tendo como justificativa do causador da confusão, que ele não estava vivendo um bom momento familiar e profissional e acabou liberando suas tensões sérias naquele dia, num momento de fúria e descontrole culminando em atos de violência.

Liberar tensões sérias é comum a indivíduos que perdem o controle em algumas ocasiões, em contraposição com as excitações miméticas, apresentadas nessa dissertação com embasamento em Elias (1992). Vale salientar que a excitação mimética, traduzida como a criação de uma excitação imitativa da vida real, permite aos torcedores criar tensões em busca da catarse. O desenvolvimento do controle dos sentimentos deixa de ser externo e torna-se automático. Elias, em sua obra “O Processo Civilizador”, nos diz que as mudanças nos níveis de controle das emoções se constituem em elementos propulsores (ELIAS, 1980).

Outro acontecimento, no qual atos de violência foram observados, ocorreu em julho de 2009, com o envolvimento da Torcida trem Fantasma em atos de violência, assim relatado em um portal de notícias *Click Foz* da cidade de Foz do Iguaçu:

Partida vencida pelo Operário Ferroviário Esporte Clube por 1 a 0 teve briga de torcidas, os quais utilizaram-se de pedras, fogos de artifício e tacos de sinuca, torcedores das duas equipes se enfrentaram após o jogo, deixando um clima de tensão no estádio [...]. A Polícia militar mediu a situação a tempo, sem que houvesse muitos feridos e evitando uma situação mais grave (CLICK FOZ)²⁹.

A torcida Trem Fantasma se manifestou no *blog* (www.operario.com)³⁰:

A Torcida Trem Fantasma lamenta profundamente os fatos ocorridos na tarde deste domingo (12) na cidade de Foz do Iguaçu com a torcida alvinegra que esteve presente para acompanhar a vitória contra o AFA por 1 a 0 [...]. A Torcida Trem Fantasma considera lamentáveis e levianas as acusações por membros da torcida organizada que esteve na fronteira de que toda a culpa da confusão gerada era daqueles que, por motivos financeiros de quem prefere manter sua independência, foram obrigados a acompanhar seu time pelas ondas do rádio.

No *blog*, ainda argumenta-se que os integrantes da torcida operariana que lá estavam entendem que os fatos acontecidos em Foz do Iguaçu são decorrentes de toda a

²⁸ Entrevista concedida ao autor, em 19 de fevereiro de 2014.

²⁹ Disponível em: 13/07/2009 <www.clickfozdoiguaçu.com.br>. Acesso em: 28 jun. 2014.

³⁰ Disponível em: <<http://operario.com/tag/trem-fantasma/page/7/>>. Acesso em: 27 jun. 2014.

confusão e rivalidade criada a partir da última partida do Campeonato Paranaense de 2008:

[...] os culpados de tais fatos lastimáveis são os responsáveis pela segurança do jogo, [...] que não foram capazes de evitar um problema que era imaginável.”
[...] “A Torcida Trem Fantasma considera injustificável qualquer tipo de violência, principalmente no esporte, o qual considera meio fundamental da integração harmoniosa da sociedade, entre bairros, cidades e culturas diferentes (Disponível em: <<http://operario.com/tag/trem-fantasma/page/7/>>).

Esses momentos de violência no futebol podem ser entendidos como momentos em que os indivíduos liberam suas tensões, colocando na forma de atos violentos sentimentos impregnados que são característicos de seres humanos. A violência é um fenômeno social, e suas raízes são sociais, mas também é um fenômeno humano e suas raízes também são humanas (MURAD, 2012, p. 51).

Diante da necessidade de convivência em grupos, os indivíduos acabam, em certos momentos, usando o espetáculo do futebol para exercerem momentos de liberações de tensão em forma de violência (MURAD, 2012).

Em grupos, os indivíduos se tornam mais valentes e mais corajosos, alguns se deixam influenciar na tentativa de se sentirem mais aceitos, agindo de forma instintiva em certos ambientes e contra pessoas que, em determinado momento, lhes pareçam inimigos, simplesmente pelo fato de torcerem por times opostos. E até mesmo se sentirem ameaçados por torcidas de seus próprios times numa tentativa de se manterem perante o espaço que ocupam em seu clube.

A Torcida Trem Fantasma tem como filosofia e ideologia a não-violência, mas em poucos números e relatos é constatada, sim, a presença desta categoria em seu grupo, a formação e as características de seu grupo se adéquam em grande parte à categoria de formação de grupo proposta por Norbert Elias, dentro de um padrão de sociedade também proposto por este autor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegar ao momento de escrever as palavras finais que reflitam uma jornada de estudos, faz-se necessário, do ponto de vista metodológico, retomar os principais objetivos levantados no projeto de pesquisa. Nesse caminhar, reelaboraram-se objetivos, problemas e metodologia a tal ponto que chegamos ao que é chamado fase redacional do relatório. Nesse sentido, cabe aqui a reflexão desse percurso.

Inicialmente, os objetivos estabelecidos foram transformados em questionamentos. Nesse sentido tínhamos como objetivo geral: compreender o papel da violência na torcida organizada Trem Fantasma, como objetivos específicos tínhamos: a) apresentar o esporte no sentido moderno, b) descrever o entendimento sobre violência, c) compreender o processo de construção de grupos em geral e em especial nas torcidas organizadas, d) apresentar e analisar a torcida organizada Trem Fantasma, do clube Operário Ferroviário Esporte Clube. Esses objetivos foram transformados nas seguintes questões: qual o papel da violência nas torcidas organizadas de futebol no esporte em geral e no futebol em específico? Como esses grupos se formam? Em especial, qual o papel da violência na formação de um grupo de torcedores? Sobre tudo, questionamos qual teria sido esse papel na torcida Trem Fantasma. Ao final do trabalho, entendemos que a violência possui sim um papel central no que se refere ao entendimento de ser um indivíduo pertencente a um grupo. Nesse caso, o grupo da Trem Fantasma. No entanto, esse entendimento aparece a partir do momento em que se visualizam pistas delas sem, no entanto, ter um discurso aberto da sua importância. O que se apresenta é um discurso de repúdio.

Em relação às outras questões, podemos apontar que o grupo da Trem Fantasma se organiza primeiro em função do símbolo de seu time. A partir daí, com um interesse em comum, iniciam relações interdependentes em que se afluam os sentimentos de pertencimento a um grupo, criando vínculos em que cada vez mais se estabelecem ações conjuntas. Seja pelo convívio antes dos jogos, depois dos jogos e na rotina da semana em sua sede. A violência aparece de forma secundária, mas presente nesse processo.

Tratando-se dos mecanismos que levam esses indivíduos a se reunirem em torno do grupo e do futebol, ao término deste trabalho apontamos que a união se dá pela semelhança, articulada em torno do futebol; dentro desses grupos surgem novas configurações que levam a novas ações que são aprovadas pelo grupo; busca do reconhecimento e de atenção. Em termos teóricos, podemos reportar a Norbert Elias

para mostrar uma interiorização de normas e restrições. Ou seja, uma nova economia psíquica que permite aos indivíduos agirem conforme regras próprias, determinadas pelo grupo.

Perguntamo-nos também quem eram esses indivíduos. Mapeamos que existe uma heterogeneidade de indivíduos. Alguns com formação superior, outros desempregados, estudantes e, com relação à faixa etária, desde jovens a adultos.

Anunciamos que, para criar a trajetória de pesquisa, elencaríamos os seguintes objetivos. Apresentar o esporte no sentido moderno foi feito, principalmente por meio de Marchi Jr. e Norbert Elias. Construiu-se uma trajetória em que entendemos que o esporte moderno possui uma transição de amador para profissional e, nesse sentido, construiu-se um campo de disputas mais competitivo e que permitiu a construção de cenários em que a torcida ocupou lugar de destaque. Principalmente, num contexto mercadológico.

Outro objetivo foi o de descrever o entendimento sobre violência, o que permitiu entender que ela não é apenas gerada pelo indivíduo, mas também estrutural. Nesse sentido, entendemos que a violência no sentido amplo e restrito precisa ser colocada em foco para que possamos pensar formas de combatê-la.

O processo de compreensão de grupos, e em especial os de torcidas organizadas, foi trabalhado nos terceiro e quarto capítulos, mostrando-nos que o esporte em si não é isolado para agrupar pessoas. Verificamos que é uma necessidade humana de reconhecimento e, por que não dizer, de sobrevivência. Assim, outros elementos saltam aos olhos para que possamos pensar esta arte de se agrupar. Entender esse processo permite visualizar outros elementos que são necessários na sociedade para minimizar atos de violências. A valorização do ser humano seria uma delas.

Por fim, a apresentação da torcida organizada Trem Fantasma, do Clube Operário Ferroviário de Ponta Grossa, foi realizada por meio de resgate histórico da formação do clube e do grupo. Mesmo utilizando um resgate histórico linear, entendemos que o processo foi rico para sistematizar um conhecimento que permite, ao menos, apontar a Trem Fantasma como parte integrante de um grupo maior que é o Operário Ferroviário.

Dito de outra forma, entendemos que foi necessário contextualizar o esporte moderno que, diante de todo seu processo de evolução, constrói uma trajetória que dia-a-dia vem ganhando espaço em nossa sociedade contemporânea. Sociedade esta que

convive com a violência nas suas mais diversas estruturas, absorvendo a presença de indivíduos de todas as idades, sexos e classes.

A violência é um tema muito complexo e requer que seja microcontextualizada. Assim, neste trabalho, abordamos a violência no futebol em específico nas torcidas organizadas de futebol. Torcedores organizados que se unem em prol de um grupo através de seus semelhantes, num primeiro momento, e que se moldam no dia-a-dia de sua convivência.

Torcidas organizadas são notícias nos jornais de todo o país, em momentos de alegria nos estádios, mas também em momentos tristes e preocupantes quando se trata da violência.

Atos de violência que causam mortes e ferimentos, envolvendo uma fatia pequena de nossa sociedade, mas existente, na sua maioria são jovens.

Para tal estudo foi escolhida a torcida organizada do Clube Operário Ferroviário da cidade de Ponta Grossa, que existe desde 2009. Nessa torcida, foi constatada a categoria violência em alguns momentos de sua existência.

Também podemos notar como este grupo de torcedores se formou, aproximando-se de Garrigou e Lacroix (1997), que utilizam de pensamentos eliasianos na forma de entender a constituição dos grupos sociais. A forma de como este grupo de torcedores se formou em alguns aspectos se iguala a outras torcidas organizadas no Brasil, sendo respeitada seu espaço e tempo.

Fica nesta dissertação uma demonstração de que grupos sociais se formam pela necessidade do indivíduo de pertencer em algum momento a um grupo de pessoas. Essas pessoas precisam ser aceitas, mas, ao mesmo tempo, essa aceitação necessita que o indivíduo se torne violento para pertencer a tal grupo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTONELLI, A. Torcida Trem Fantasma aprova escudo, estatuto e elege diretoria. **Diário dos Campos**, Ponta Grossa, p.12,7 de março de 2009.

ASSIS, Tulia Cristina Ferraz de. **A representação social da violência em torcidas organizadas de futebol**. 2008, 95 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2008.

BRANDÃO, C. da F. **Os processos de civilização e o controle das emoções**. São Paulo: Edusc, 2007.

BOURGUIGNON, J.A. **Pesquisa Social: Reflexões teóricas e metodológicas**. Ponta Grossa: Toda Palavra, 2009.

BOURDIEU, P. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BOURDIEU, P. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

CAPINUSSU, J. Maurício. **Comunicação e Transgressão no Esporte**. São Paulo: Ibrasa, 1997.

CARVALHO, A Melo de. **Violência no desporto**. São Paulo: Livros Horizonte, 1985.

CUNHA, Fabio Aires. **Futebol: origem, evolução e composição das torcidas**. Disponível em: <<http://www.cdof.com.br/futebo115.htm>>. Acesso em 02 maio 2011.

DA REDAÇÃO. Grupo de torcedores vão até o Germano Krueger. **Diário dos Campos**, Ponta Grossa, p.1-8, 12 abr. 2001.

DEFINO, Ângelo Luiz De Col. **Imortal Operário Ferroviário: as histórias do Fantasma de Vila Oficinas**. Ponta Grossa: Estrategium Comunicação, 2012.

ELIAS, Norbert. **Introdução à sociologia**. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. v. 1.

ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Memória e Sociedade, 1992.

ELIAS, N. **A Sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FREITAS JUNIOR, M. A. **Administração futebolística em equipes de pequeno porte: uma análise do Operário Ferroviário Esporte Clube**, Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas). 196 f. UEPG, Ponta Grossa, 2000.

FREYRE, Gilberto. **Ingleses no Brasil: aspectos da influência britânica sobre a vida, a Paisagem e a Cultura do Brasil**. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1948.

FUTEBOL PARANAENSE. **Trem Fantasma em ação solidária**. Disponível em: <www.futebolparanaense.net>. Acesso em: fev. 2011.

GARRIGOU, A e LACROIX, B. **Norbert Elias: A política e a história**. Perspectiva, 1997.

GEBARA, A. PILATTI, L.A. **Ensaio sobre história e sociologia nos esportes**, Jundiaí-SP: Fontoura Editora, 2006.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GRABIA, G. **La Doce**: a explosiva história da torcida organizada mais temida do mundo. Tradução de Renato Resende. São Paulo: Panda Books, 2012.

HOBBSAWM, E. **A era dos impérios**: 1875-1914. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

IBGE. **Censo 2010**. Disponível em: < www.censo2010.ibge.gov.br >. Acesso em: 12 jun. 2013.

JORNAL DA RPC. Matéria sobre o Jogo Atlético e Operário. Programa Jornal da RPC segunda edição. 21 de janeiro de 2010.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia Científica**. 4^a ed. São Paulo: Atlas, 2001.

MANZINI, E. J. **A entrevista na pesquisa social**. Didática, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

MARCHI JR., W. **“Sacando” o Voleibol**. São Paulo: Hucitec; Ijuí: Unijuí, 2004.

MELO FILHO, Álvaro. Por uma revolução no ensino jurídico. **Revista Forense**. Rio de Janeiro, v.322, ano 89, abr./jun. p.09-15, 1993.

MENDES, A. P. M. S. **Narrativas de vida**: reflexões sobre juventude, violência e gênero a partir de histórias de jovens inseridas no programa PEMSE - Ponta Grossa-Pr. 142 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas) - UEPG, Ponta Grossa, 2012.

MENEGUZZO, I. S. **Sobre a briga entre torcidas do Operário**. Disponível em: <alexandre-profissoperigo.blogspot.com>. Acesso em: 06 fev. 2013.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec, 1994.

MOREIRA, D. A. **A construção das redes de sociabilidade na galoucura • torcida organizada de futebol**. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/-espcom/revistalnumero3/andre.html>>. Acesso em 02 maio 2011.

MURAD, M. **A violência ao futebol: dos estudos clássicos aos dias de hoje**. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

MURAD, M. **A violência no futebol**. São Paulo: Saraiva 2012.

NETTO, A. E. D., **A violência nos estádios de futebol na perspectiva dos policiais militares de Curitiba: um estudo de caso**. Dissertação de mestrado. Ponta Grossa, Pr. 2009.

NETTO, Alfredo Euclides Dias; OLIVEIRA JUNIOR, Constantino Ribeiro e BARROS, Solange Barbosa de Moraes. **A violência no futebol a luz da teoria**

eliasiana. Efedepportes-revista digital. Buenos Aires, ano 14, n. 132, maio. 2009. Disponível em: www.efdesportes.com. Acesso em 12 abr. 2011.

ORTIZ, I. **Briga generalizadas de torcedores**. Disponível em : <isakortiz.blogspot.com> acessado em : 21 de junho de 2013.

PEREIRA.L.S. A violência simbólica na escola: contribuições de sociólogos franceses ao fenômeno da violência escolar brasileira. **Revista Labor**. Ceará,v.1,n.7,2012.

PIMENTA, C. A. M. **Torcidas Organizadas de Futebol**: Violência e auto-afirmação – Aspectos da construção das novas relações sociais. Taubaté, SP: Vogal Editora, 1997.

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. **Barbárie e Futebol**. In: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi. Faces do Fanatismo. São Paulo: Contexto, 2004.

PROGRAMA FANTASTICO. **Violência nas torcidas organizadas de Futebol**. Programa Fantástico na Rede Globo, 25 de maio de 2014.

PROGRAMA GLOBO TV. **Entrevista com Mauricio Murad**. Disponível em: <<http://www.globo.com>>. Acessado em 09 de junho de 2014.

ROCHA,G. **Atlético 1x 2 Operário**. Globo Esporte. Curitiba, 21 de janeiro de 2010.

SANTOS, F. L. S. ; SPERLING, D. M. . **O museu em chuteiras: euforia, futebol, identidade nacional e espaços de imersão..** In: 2o. Seminário internacional Museografia e Arquitetura de Museus Identidades e comunicação museografia, 2010, Rio de Janeiro. ANAIS do 2o. Seminário internacional Museografia e Arquitetura de Museus Identidades e comunicação. Rio de Janeiro : UFRJ FAU PROARQ, 2010. p. 1-19.

SANTOS, T. C. **Do espetáculo de massa as torcidas organizadas**: paixão, tiro e massa no futebol. Rio de Janeiro: Selo Universitário, 2000.

STAKE, R. E. **The Art of Case Study Research**. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 1995.

TOLEDO, L. H, **Torcidas Organizadas de Futebol**. Campinas, SP: Autores associados, 1994.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. Bases Teórico-Metodológicas da Pesquisa Qualitativa em Ciências Sociais: idéias gerais para elaboração de um projeto de pesquisa. **Cadernos de Pesquisa Ritter dos Reis**, Porto Alegre, v.4, nov.2001.

WARDANI, G. Rumores de conflito levam torcidas do Operário a Polícia Militar. **Diário dos Campos**, Ponta Grossa,p.1-9,1 de outubro de 2010.

(WEBER.1999 e 1974), in Brandão, Carlos da Fonseca. **Os processos de civilização e o controle das emoções**.Bauru, SP: Edusc, 2007,p.180.

WORLD REPORT ON VIOLENCE AND HEALTH. **World report on violence and health** 2002. Disponível em: <http://www.who.int/violence_injury_prevention/violence/world_report>. Acesso em 20 de julho de 2013.